

BERNADETE ESTANINI

*Seria o amor forte o suficiente
para driblar o destino?*

AMOR À TODA PROVA



AMOR À TODA PROVA

BERNADETE ESTANINI

Copyright © 2019 Bernadete Estanini

Capa: One Minute Design
Revisão e Diagramação: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editora.



[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Biografía](#)

[Obras](#)



Gratidão a Deus por sua infinita bondade. Sou imensamente grata pela família que tenho: meu esposo Marcos; meus lindos filhos, Luiz Felipe e Pedro Henrique. Os três estão sempre ao meu lado me apoiando e incentivando.

A minha mãe Ana Estanini, que se tornou minha filha, por seu amor e torcida.

As minhas amadas betas e amigas Paula Diniz, Solange Aleixo e Cláudia Pimentel, vocês me ajudam muito, meninas.

A amiga Carla Santos que, a cada revisão e diagramação, tem me ensinado muito. Eu sou extremamente grata por seu carinho não apenas com o meu trabalho, mas principalmente comigo.

Aos leitores, muito obrigada pelas mensagens animadoras e repletas de amor. Vocês são megaespeciais.



Assim que o avião pousou, meu coração que até então estava tranquilo, pulsou mais forte em um misto de sensações, afinal estava há cinco anos longe de casa e do meu país. Trabalhar na Itália esse tempo todo me ensinou a ser a mulher na qual eu me tornei hoje, independente, decidida; e eu devo tudo isso a Daiana, uma amiga querida da faculdade.

Nos formamos em administração com ênfase em comércio exterior; e no término do curso, Dai foi selecionada, por indicação de Rui, um primo dela, para ocupar um cargo de confiança em uma empresa do ramo alimentício que ficava na cidade de Pádua. Mas o destino tinha outros planos para ela, que foi obrigada a recusar a tentadora proposta devido a uma gravidez inesperada. Diante dessa artimanha da vida, ela conversou com o primo e o mesmo me indicou para a vaga, e desde a minha partida cinco anos se passaram.

Daiana se casou e atualmente mora com o esposo e o filho em Portugal. Infelizmente não nos falamos muito, mas acompanhamos a vida uma da outra pelas redes sociais. Com toda essa mudança repentina, a antiga Chloe de apenas

23 anos, recém-formada, cheia de ideias e desesperada para provar a si mesma o quanto era capaz se foi, deixando no lugar uma nova mulher.

Depois dos trâmites, incluindo alfândega e outros detalhes, empurrando meu carrinho pelo saguão do aeroporto, avistei as três pessoas que mais amava nesta vida. Há quase um ano não vejo meus pais, Denise e Luiz; e meu irmão André, desde sua última viagem. Acelerei feito uma maluca, arrastando tudo que estava à minha frente e com o coração saltando pela boca, nos abraçamos.

— Que saudade de vocês. — Agarrada a eles e com a voz embargada, repetia sem parar.

— Muita, irmãzinha, é difícil não ter com quem brigar. — André sorriu, ressaltando suas covinhas que causava frisson nas mulheres.

— Está linda, filha. — Minha mãe abraçou-me apertado o bastante a ponto de me fazer perder o ar.

— Ei! Deixa um pouco para mim, afinal eu ajudei a fazer essa preciosidade. — Papai gargalhou com os olhos marejados, ele nunca teve problema algum em demonstrar seus sentimentos em público.

— Não chora! Manteiga derretida. — O abracei. — O senhor continua o mesmo, lembro-me muito bem das nossas intermináveis despedidas.

— Disse e repito! Nossa casa não é a mesma sem você — ele disse acariciando meu rosto.

— Eu sei. Vocês me fizeram muita falta, também. Quando voltavam para o Brasil, eu ficava completamente sem rumo, é ótimo estar de volta — Nos abraçamos mais uma centena de vezes.

— Vamos, ou não sairemos daqui tão cedo — minha mãe brincou.

André pegou o carrinho com as minhas bagagens, enquanto eu caminhava abraçada aos meus pais, matando um pouco mais da saudade que oprimiu o meu peito várias vezes ao longo desses cinco anos.

Respirei fundo ao entrar no carro e agarrei o André no banco traseiro.

— E aí! Me conta. Como vão as pretendentes?

Meus pais se olharam e riram em cumplicidade.

— Você destroçou alguns corações quando me visitou. — Sorri ao me lembrar de pelo menos quatro garotas me torturando por conta do charme irresistível do meu irmão.

— Não tenho culpa, eu as atraio como moscas no mel. — Retribui o sorriso maliciosamente. — Estou de rolo com uma garota, se é isso que quer saber.

— Jura?! Vai nevar em São Paulo — gargalhei.

— Vai conhecê-la, sua mãe jamais deixaria sua volta passar em branco. Prepare-se! O caldeirão vai ferver.

— Mãe? — indaguei, curiosa.

— Nada de mais. Apenas uma reuniãozinha. O André é exagerado.

Meu pai me olhou pelo retrovisor e piscou enquanto dirigia. Eu deitei no ombro do André, e apreciei o percurso até em casa.

Quando o veículo estacionou na nossa garagem, fui surpreendida por um cachorro enorme ao descer do carro.

— *Madonna mia!* O que é isso? — Mal acabei de falar e recebi uma generosa lambida.

— Fog? Aqui, garoto — André chamou o cão, que se recusava a sair de cima de mim.

— Olha, Fog, estou feliz com a sua recepção calorosa, mas você é bem grandinho... e pesado. — Ele me olhou, parecendo sorrir.

— Chloe, definitivamente ele foi com a sua *cara* — minha mãe enfatizou.

— É o que parece. — Entramos e o Fog atrás, um cão da raça boxer e albino, a coisinha mais fofa.

Andei pela casa toda tentando me reconectar com o ambiente. O que não foi difícil, o cheirinho ainda era o mesmo do qual me lembrava.

Entrei no meu quarto, todo arrumado e com um lindo cobre-leito azul-marinho sobre a minha cama.

— Bom, aqui estão suas bugigangas — brincou André, ao entrar acompanhado dos meus pais trazendo minhas bagagens.

— Bugigangas? Tudo bem! Nada de presentinhos pra você, irmãozinho. — Semicerrei os olhos.

— Que saudade dessas briguinhas — minha mãe falou e saiu apressada.

— Descansa, filha — comentou papai. — Amanhã ajudamos você a organizar tudo.

— Descansa mesmo, porque, como eu disse, mais tarde o caldeirão vai ferver.

— Vou fugir pela janela — brinquei.

Eles saíram, tirei meus sapatos e me joguei na minha deliciosa e saudosa cama. Exausta da viagem, adormeci.

Fui acordada por uma lambida e até me situar foram alguns minutos e mais algumas lambidas. Fog decididamente não economizava na saliva.

— Ei! Você é bem folgado, sabia? — Acaricieei a orelha dele. — É o seguinte, meu mais recente amigo, vou tomar uma ducha. Vê se não faz estragos por aí. — Levantei enquanto ele continuava esparramado na minha cama. Dei uma olhada no relógio e eram quase dezoito horas.

Treze horas de voo, e eu não havia dormido o suficiente, geralmente não costumava dormir sossegada enquanto viajava, seja por qual meio de transporte fosse, gostava de ficar atenta a tudo. Um banho seria revigorante, já que o caldeirão iria ferver, embora o que eu quisesse mesmo era ficar com a minha família e aproveitar o aconchego do lar, porém, se alguma comemoração férvida fosse acontecer, teria que estar disposta.

Ri sozinha, entrando no banheiro, tirei a roupa e fechei a porta, por precaução. Vai saber se o danadinho do Fog, além da minha cama, não o apreciava também.

Foram longos e deliciosos minutos imersa na água morna. Ao sair, o cão já havia dado no pé.

Desta vez tranquei a porta do quarto e abri uma das minhas malas à procura de algo para vestir. Optei por jeans, uma blusinha básica preta, sapatilha preta com listras brancas. Escovei os cabelos, passei uma leve camada de maquiagem, para disfarçar as olheiras, dei uma generosa borrifada do meu perfume predileto e ao me olhar no espelho, fiquei satisfeita com a aparência. Entre o banho e me arrumar, passaram-se quase duas horas e para não parecer chata diante sabe-se lá de quem, porque eu não fazia ideia de quem minha mãe havia convidado para aquela reuniãozinha, resolvi me juntar a eles.

— Uau! Até que enfim. — Antony abriu os braços ao ver-me entrando na cozinha.

— Quanto tempo, cidadão. — O abracei forte.

Tony era amigo do meu irmão desde sempre. Morou na nossa rua, estudaram juntos; e assim como o André, ele também tinha um instinto protetor e se julgava meu irmão.

— Você sempre foi linda, Chloe, no entanto os cinco anos na Itália transformaram-na em uma mulher extremamente exuberante.

— Obrigada. — O abracei novamente. E só aí me dei conta de que, além do André e do Tony, havia outro homem que eu nunca tinha visto. Mesmo porque, se tivesse, dificilmente teria esquecido. Ele era lindo, alto, cabelos castanho-escuros até a altura do pescoço, pele bronzeada e os olhos pretos e expressivos. Os italianos eram homens belíssimos, galanteadores. E esse não perdia em nada; pelo contrário, era um páreo duro.

— Esse é o Roger, é com ele que você vai trabalhar — André nos apresentou. — Roger, essa é a minha irmãzinha, Chloe.

— Oi! Prazer — cumprimentei-o com dois beijos no rosto.

— Prazer, Chloe. Vai ser muito bom ter você na nossa equipe. — Sua voz soou como um acorde de violino nos meus ouvidos.

— Fico feliz — retribuí a recepção com um discreto sorriso.

Eu não contava que, ao voltar e assumir um cargo na metalúrgica do meu pai, eu teria essa surpresa. Trabalhar ao lado de um homem cujo olhar era fascinante.

— Nos conte, Chloe. Como foi a experiência de viver cinco anos longe do seu irmão? — perguntou Tony, em tom de brincadeira.

— Uma maravilha, eu diria mais... uma bênção. — Caminhei rindo até a geladeira e peguei uma cerveja.

— Você bebendo cerveja? — meu irmão indagou com sua velha conhecida cara de espanto.

— André! Acorda. — Encostei minha latinha na dele. — *Fratello salute.*

— Saúde — responderam Tony e Roger em uníssono.

— Está com uma carinha ótima, filha — comentou minha mãe, assim que entrou na cozinha acompanhada do meu pai.

— Obrigada, umas horinhas de sono me caíram muito bem. — Sorvi um pouco da minha cerveja estudando o meu futuro colega de trabalho.

— A Chloe tornou-se uma linda mulher — reafirmou Tony.

Sorri agradecida e troquei olhares com Roger, que estava totalmente à vontade com a minha família.

— Tony, cai fora! Você é dez anos mais velho que a minha irmã, se enxerga.

— Eu não ligo para a idade, Tony. — Pisquei para ele, brincando. Eu adorava irritar o André, assim como ele amava me infernizar; já estava com saudades de seus devaneios em relação aos homens e seus galanteios. Isso sempre o tirou do sério, deixando-o puto da vida.

Quanto ao Tony, ele era muito bonito, loiro, cabelos bem curtos e lisos, olhos castanhos, esguio e extremamente educado, sabia exatamente dizer as palavras certas no momento certo. Sempre foi tranquilo, caseiro e por isso acabou se casando com uma golpista que soube direitinho se aproveitar das qualidades dele.

Ele era dono de uma rede de lavanderias, herdou o negócio do pai e multiplicou sua herança ao longo dos anos. Com seu coração grande, não percebeu que estava caindo em uma cilada e acabou se casando com uma mulher, que dois anos mais tarde enfiou uma faca em seu peito ao trocá-lo por outro. E se não bastasse levou também uma fortuna junto com ela. Eu não presenciei a história toda, pois já havia me mudado para a Itália. Fiquei sabendo, porque meus pais e irmão me colocaram a par da situação e mesmo de longe demonstrei minha solicitude.

— Nem de brincadeira — meu irmão insistiu, dando um ligeiro soco no braço do Tony, que correspondeu rindo.

— Que tal minha famosa caipirinha? — perguntei já separando os ingredientes.

— Roger vai provar a melhor caipirinha do mundo — Tony caminhou em minha direção, pronto para me auxiliar como sempre fizera.

— Então, vamos lá! — Empolgada com toda a situação, principalmente pelo estimulante amigo novo do meu irmão, preparamos dois litros de caipirinha.

— Aceita, Roger? — inquiri erguendo um copo.

— Por favor — ele anuiu e eu o servi.

Roger bebeu um generoso gole e lançou seu olhar desestabilizante em minha direção.

— Perfeita, Chloe. — Virou o copo na boca, olhando-me com curiosidade, como se estivesse me estudando.

— Obrigada.

Nossos olhares foram interrompidos pelo som da campainha. André retirou-

se e voltou acompanhado por duas mulheres. Uma loira abraçada a ele e uma morena, que tascou um beijo na boca do Roger assim que o viu. *Caramba! Por essa eu não esperava.* Sem graça diante da revelação desestimulante murchei como uma flor sedenta.

— Olá! — disse a loira.

— Dafne? Essa é a Chloe, minha irmã.

— Oi! Prazer — cumprimentei-a com um beijo.

— Que legal! Até que enfim estou conhecendo a irmã do André, ele fala muito em você.

— Espero que bem. — Pisquei para o meu irmão e sua namorada sorriu.

— Ah! Essa é a Kelly, namorada do Roger.

— Oi, Kelly. Prazer — cumprimentei-a também.

— Prazer o meu — retribuiu simpática.

— Estão servidas? — ofereci a caipirinha, tentando disfarçar o meu desapontamento.

Se toca, Chloe, você acabou de conhecer o cara.

— Meninas, não bebam demais, isso sobe que é uma beleza — meu pai recomendou e saiu para a área da churrasqueira, eu quase o segui se não fosse pela curiosidade da Dafne.

— E aí? Me conta, cunhada, como está sendo a sua volta? — questionou esticando o braço para pegar o copo e se servir da bebida.

— Por enquanto ótima. — Ri. — Eu amava o meu emprego, minha casa, os amigos que fiz por lá, mas já era hora de voltar. Estava com muita saudade de todos e de tudo. Sabem como é... “Um bom filho à casa torna”. — Sorri novamente e sorvi minha caipirinha.

— Deixou algum gato italiano por lá? — Kelly perguntou bebendo seu

segundo copo.

— Não. Já havíamos terminado há quase quatro meses. Viramos grandes amigos.

— Tinha namorado? Como nunca nos disse? — André franziu o cenho ao me indagar.

— Se liga, André! Belíssima como a Chloe é, acha que ela ficaria esses anos todos solteira? — frisou Tony.

— Acho que o Tony respondeu. — Tilintei no copo do meu amigo. André era tão protetor, que chegava a ser hilário.

— Chloe! — André beliscou meu braço. — O que aconteceu com a minha irmã?

— Não faço a mínima ideia. — Devolvi o beliscão. — Provavelmente ela se livrou das amarras e foi ser feliz por aí?!

— Poderíamos sair nós seis para dançar. O que acham? — sugeriu Kelly.

— Não é uma má ideia, o Tony está sozinho e a Chloe também — comentou Dafne.

— Estou gostando da ideia. — Tony aproximou-se e envolveu minha cintura.

— Pois eu não. Tira suas patas da minha irmã. Já disse é muito velho pra ela.

— Você também é oito anos mais velho do que eu, assim como o Roger é sete mais velho que a Kelly — protestou Dafne. — O que tem de errado nisso?

— Viu? — Beijei o rosto do Tony entrando na brincadeira e observei que o Roger só me fitava calado, com sua namorada gostosona a tiracolo.

— Posso me servir? Sua caipirinha é divina — perguntou Kelly, no seu quarto copo.

— Claro! — respondi ajudando-a.

Meu celular vibrou e fui atendê-lo na sala. Fugir mesmo que por alguns minutos da tensão era bom. Sentei no sofá e Fog, como se me conhecesse a vida toda, colocou sua cabeça no meu colo. Acariciando meu recente amigo peludo conversei por quase meia hora com Enrico, um amigo da Itália. Quando encerramos a conversa e eu voltava para a cozinha esbarrei acidentalmente em Roger, que saía do banheiro.

— Ai, desculpa. — Afastei-me por conta do susto.

— Imagina! Eu assustei você. — Ele apertou meu ombro com delicadeza.

— Tudo bem, estava distraída. — Acompanhei a mão dele estacionada no meu ombro e, embora não devesse, eu gostei do toque.

Ele se afastou um pouco, passei na frente dele e caminhei em direção à cozinha.

— Vamos ao jantar? — minha mãe perguntou.

— Ué! Pensei que o caldeirão fosse ferver — brinquei.

— Te enganei! Bobinha. — André beijou a namorada e seguimos para o quintal.

Meus pais prepararam comida para um batalhão, nos sentamos e entre uma garfada e outra conversamos sobre tudo, minha estadia em Pádua, amizades, namoros e, claro, meu regresso para a metalúrgica dos meus pais. Eu descobri que o Roger na verdade era amigo do Tony antes de ser do meu irmão. Eles estudaram juntos na faculdade e haviam perdido o contato, mas há quatro anos se reencontraram. Tony o apresentou ao André e, pronto, estava formado o trio de gostosões, para o terror da mulherada. E desde então ele trabalhava na empresa da minha família. Acabei descobrindo também que namoravam as garotas, que eram amigas há menos de seis meses. A Kelly bebeu tanto, que nem se deu conta das olhadas furtivas do namorado para mim, deixando-me desconfortável.

Terminamos o jantar e nos sentamos na área onde ficava o jardim da casa. A lua estava linda e exuberante. Kelly se amontoou em uma das cadeiras e acabou

dormindo de tanto que bebeu, não só caipirinha como cerveja também. Ela apagou literalmente.

— Ela bebe, né? — sussurrei no ouvido do Tony, mostrando a Kelly discretamente com a cabeça.

— Não sei o que o meu amigo viu nela — balbuciou.

— Ela é linda.

— Você é linda e não bebe feito um gambá — brincando, empurrou-me com o ombro.

— E você continua um gato. — Baguncei o cabelo dele.

— Estão cheios de graça, hein? — André lançou seu olhar debochado em nossa direção.

— Não enche — retruquei, rindo.

Meus pais se despediram e foram se deitar, Tony e eu lavamos a louça e limpamos a churrasqueira. Enquanto André engolia a boca da Dafne, Kelly dormia amontoada na cadeira como um saco de batatas e Roger apenas observava tudo calado, inclusive minha intimidade com o Tony.

— Acho que vou decolar também. Estou morta de cansaço e sono — comentei. — E amanhã... quer dizer mais tarde, porque já são três da manhã, preciso desfazer as malas. *Buona notte* pra quem fica. Trouxe um presente pra você, gato. — Apontei para o Tony.

— Não precisava. — Ele se aproximou. — Aliás, sábado tem uma festa beneficente. Tanto seu pai quanto eu apoiamos a causa. Quer me acompanhar? — sussurrou.

— Hum... Eu nem sabia disso. Eu vou sim, aceito ser sua acompanhante. Trouxe um vestido novinho de grife, ótima ocasião para vesti-lo — sussurrei imitando-o, como se precisássemos esconder algo de alguém. — Até mais, gato. — Dei um beijo e ele retribuiu. — Tchau, Roger, foi um prazer. Dafne também e a Kelly... — Olhamos para ela, que continuava apagada. — Enfim, um prazer geral reencontrar velhos e novos amigos.

— Até segunda, Chloe. — Roger levantou-se e caminhou em minha direção. — Temos muito para conversar, trabalharemos juntos. Bem-vinda à equipe. — Sorriu discretamente.

— Ah! Claro. Obrigada. — Virei-me rapidamente, pois não queria que percebessem o quanto meu rosto estava ruborizado.



Roger era um homem provocante, sabedor de seus encantos e trabalhar ao lado dele seria mais complicado do que eu poderia imaginar. A namorada era uma mulher belíssima e, pela pouquíssima convivência, notei que ela apreciava mais o álcool do que a sobriedade. Isso sem dúvida destoava dele, que quase não bebia. Roger era do tipo de pessoa que passava a noite toda com um único copo de chope nas mãos enquanto os amigos entornavam vários. Isso ficou nítido.

Na manhã seguinte, mais uma vez fui acordada pelas lambidas do Fog, não tinha o hábito de trancar a porta e o danadinho a empurrava e entrava na maior cara de pau.

— Seu pestinha! — Acariciei o pelo ralo dele.

— Está aí, é? — André entrou à procura do cão.

— Ele adora me acordar — comentei sonolenta. — Nem preciso lavar o rosto.

— Sua porca. O meu cachorro gosta de você.

— André? — eu o chamei e ele voltou.

— Sim.

— É sério o lance com a Dafne?

— Estamos nos conhecendo.

— Legal! Mas a namorada do Roger bebe *demais* — enfatizei.

— Ela exagera! É tão gostosa que a bebida não faz a mínima diferença pra mim.

— Nossa! Fala isso da namorada do seu amigo?

— E o que tem de mais nisso? É gostosa mesmo. Fui.

— Tchau. — Eles saíram e voltei a dormir.

Ao acordar pela segunda vez, quase no horário do almoço, desci para almoçar com a minha família. Há cinco anos, essa rotina havia ficado no passado e ao me sentar com eles amei me sentir em casa novamente. Passamos o restante do domingo desfazendo as malas, por sorte contei com a ajuda dos meus pais, ou teria passado a noite também. Não sei como não paguei por excesso de bagagem, entreguei os devidos presentes e todos adoraram. O presente do Tony, eu darei no sábado quando ele vier me buscar para a festa beneficente.

— Prontinho! Parece que está tudo no lugar — minha mãe comentou se jogando na cama exausta.

— Até que enfim — meu pai emendou.

— Graças a Deus! — Joguei-me ao lado dela, essa sensação do aconchego do lar era maravilhosa.

— E aí, família? Querem uns sanduíches? Parecem acabados. — perguntou André colocando a cabeça para dentro do meu quarto.

— Com muita maionese — respondi.

— É pra já. Aviso assim que terminar, ou melhor trago aqui.

Meia hora depois, André voltou trazendo uma bandeja recheada de sanduíches e uma Coca-Cola de dois litros.

— Olha quem veio — falei ao ver Fog todo faceiro sentando-se para comer.

— Preparada, Chloe, para trabalhar com essas feras? — perguntou minha mãe em tom de brincadeira.

— Qualquer problema, mãe, eu me demito na experiência — comecei a rir. *“Problema mesmo era trabalhar com o Roger”*, pensei mordendo meu lanche.

Depois de um agradável jantar, cada um seguiu para o seu quarto e eu caí na cama de banho tomado, com ideias borbulhando e um friozinho na barriga. Afinal, a partir de amanhã, uma nova etapa da minha vida se iniciaria.

Acordei elétrica e cheia de disposição, coloquei um terninho preto para parecer bem profissional e, apesar do receio que se instalara na minha mente ao me lembrar do Roger, estava afoita para pegar no batente.

Como nos velhos tempos, tomamos o nosso café da manhã em família e saímos os quatro, minha mãe seguiu com o meu pai e eu de carona com o meu irmão, que me encheu de perguntas o trajeto todo. Ao chegarmos ao andar da diretoria da empresa, meu pai todo orgulhoso fez questão de me apresentar para os funcionários que ainda não me conheciam e todos sem exceção foram gentis.

— Sua sala, Chloe! — mamãe se adiantou. — Você vai ficar no meio do seu irmão e do Roger. Bem que eu tentei outro local, mas achar um espaço físico está crítico.

— Ô! Coisa boa. É agora que eu dou pulos de alegria? — perguntei ironicamente, ficar ao lado do irmão e da tentação ambulante seria... *perfetto*.

— Não, filha. Pode ser no final do expediente. Falando nele — ela disse ao ver o Roger.

— Bom dia!

— Bom dia! — respondemos juntas.

— Filha! Vou para a minha sala, tenho assuntos pendentes. Está em ótimas mãos. — Beijou meu rosto e saiu.

— Bom. — Suspirei mais alto do que deveria. — Vamos lá. — Olhei para ele, que estava uma coisa de louco vestido com um terno cinza chumbo. Quanto antes eu desse início às minhas funções melhor seria para a minha cabecinha.

— Se não se importa podemos conversar na minha sala? Lá tenho tudo de que preciso — ele disse perscrutando meu rosto, com seu jeito charmoso de ser.

— Claro, sem problema algum.

Eu passei por ele, e seguimos para a sala ao lado. Roger abriu a porta e a segurou para que eu pudesse entrar. Definitivamente levaria alguns meses até que eu pudesse me acostumar com esse homem, que me estudava de forma minuciosa como se eu fosse uma relíquia recém-descoberta.

— Obrigada.

— Fique à vontade.

Eu me sentei na cadeira em frente à dele; e mesmo separados por uma mesa, a tensão entre nós era quase palpável. Olhei curiosa procurando por fotos, mas só vi um porta-retratos com um casal jovem e bonito. O homem era parecido com o Roger e a mulher sorria alegremente para o rapaz, que estampava a fotografia um pouco surrada, ao lado dela. Pudera! Encantar era com eles mesmos. Que dupla! Se tratando de pai e filho, ambos eram de arrasar corações.

— Chloe? — ele balbuciou meu nome tirando-me do transe e não gostei nada da sensação da voz dele soando em meus ouvidos, causando um furor até nas minhas entranhas.

— Podemos começar, Roger? Eu gostaria de estar a par de tudo o quanto antes.

Se esse cara lesse pensamentos, eu daria a ele e ao seu charme fatal, um arsenal de munições. Roger era perturbador e eu uma maluca por não saber lidar com essa situação.

— Perfeito. — Ele levantou-se pegou a cadeira que estava ao meu lado e a colocou próximo a dele. — Por favor. — Continuou segurando a mesma, para que eu pudesse me sentar.

— Obrigada. — Engoli em seco e me sentei.

— Que perfume é esse? — Roger inclinou-se na minha direção com os olhos fechados e inalou a fragrância, eu senti sua respiração quente no meu pescoço e no mesmo instante os pelos da minha nuca eriçaram.

— Presente do Pietro — respondi rapidamente.

— Quem é o Pietro?

— Meu ex-namorado.

Ele semicerrou os olhos e os fixou na minha boca. Desta vez respirei fundo como se o ar me faltasse. E os meus pensamentos até então emaranhados começaram a evaporar. O frenesi entre nós era grande e essa aproximação era perigosa ao extremo; decididamente eu não estava disposta a brincar com fogo e sair chamuscada, porque com certeza era isso que aconteceria se eu caísse em tentação.

— Ok. Vamos lá. — Roger afastou-se, aquiescendo com a cabeça e por um segundo pareceu tão perturbado com as circunstâncias quanto eu.

Por sorte ou azar sabe-se lá, ele tinha tantas informações para me passar que eu permaneci o dia todo ao lado dele e do seu adorável jogo de sedução. O André implicava com o Tony... o inofensivo, enquanto a tentação de nome Roger era quem realmente estava me atizando. Graças a Deus, a minha função era a mesma do meu antigo trabalho, porque, caso fosse exercer outra, seria impossível me concentrar com duas pedras de ônix sobre mim. Foi difícil, mas não impossível, por diversas vezes o peguei me olhando e ao confrontar sua visão, o danado não disfarçava como deveria, continuava me encarando, fazendo com que eu desviasse o olhar.

Quando me despedi dele, meus ombros estavam tensos, pois passei o tempo todo tentando ser indiferente, o que na verdade era uma grande mentira. Como ser apática diante de suas artimanhas?



O restante da semana não foi diferente, Roger desfilava com seus ternos que o deixavam insuportável de lindo, e eu tentando ser o mais profissional possível. Fiquei tão feliz com a chegada do final de semana, que mais parecia um filhotinho de tartaruga eclodindo de seu pequeno ovo. A alegria era por estar me sentindo um pouco mais segura, sem o Roger o tempo todo ao meu lado. Embora nós nos encontraremos mais tarde na festa beneficente. Porém, ele com a Kelly; e eu como acompanhante do Tony. Minha aconchegante zona de conforto.

— Filha, agendei um horário para nós no salão — minha mãe comentou assim que entrei na cozinha para me servir de uma deliciosa xícara de café.

— Mãezinha, não fica triste. Mas durante esses anos, quase não frequentava salão, pelo contrário fiz cursos de automaquiagem e gosto, é sério.

— E as unhas?

— Me viro bem também.

— Não me diga que você mesma corta o seu cabelo?

— Não. — Sorri diante do espanto dela. — Neste caso, eu frequentava o salão.

— Ah, que susto! Minha menina virou uma bela e talentosa mulher. Se eu soubesse nem teria marcado horário, adoraria ser maquiada por você.

— Oh, mãe! Eu também. Não faltará oportunidade.

— Tudo bem. De hoje em diante, já sei a quem recorrer.

— Combinado. Vou amar. Gosto tanto de dedicar umas horinhas cuidando de mim, que não é transtorno, pelo contrário é uma distração e vou amar ainda mais se tiver a sua companhia de hoje em diante.

— Lindeza. — Ela afagou meu rosto e sorriu terna, como sempre fazia. Esse afago também me fez uma imensa falta. — O almoço está quase pronto, essa xícara de café vai tirar seu apetite.

— De forma alguma, mãe. Meu combustível — brinquei ajudando-a com a arrumação da mesa.

Almoçamos em companhia do meu pai, pois o André estava na casa da Dafne e iriam direto de lá para a festa. Como a nossa secretária do lar estava de folga, eu dei uma folguinha para a minha mãe que já havia se dedicado ao seu fantástico bobó de camarão e deixei a cozinha organizada. Mais relaxada, fui esmaltar as unhas no meu quarto e depois delas secas e impecáveis num lindo tom de vermelho vivo, dei-me ao luxo de um relaxante banho demorado. *Ah, Brasil! Seu clima tropical muitas vezes me deixou nostálgica.* No verão, Pádua era morna e úmida; e no inverno, só por Deus, era muito frio, de congelar os ossos, e banhos demorados, isso sim era quase raro, eu que não me atreveria, sairia do *bagno* petrificada.

Dispus meu fabuloso vestido preto de grife sobre a cama, fora uma excelente aquisição. Eu o comprei em uma liquidação, ele parecia ter sido costurado no meu corpo de tão justo, sem contar o generoso decote. Indiscutivelmente ressaltava as minhas generosas curvas herdadas da minha

mãe. Sem demora, me maquiei e o vesti.

— Ei! Estamos indo, o Tony já está lá embaixo — meu pai disse ao bater na porta do meu quarto, que se encontrava semiaberta.

— Prontíssima. Como estou? — Dei uma voltinha, fazendo graça.

— Linda! Simplesmente linda.

— Obrigada, pai. — Beije o rosto dele e limpei a marca deixada pelo batom.

— Vamos? — Galanteador, ele esticou o braço dando-me passagem.

Ao ver-me, a minha mãe arregalou os olhos, mas o Tony... o Tony quase me engoliu viva.

— Oi, moço bonito! — cumprimentei-o com dois beijinhos no rosto, tentada a rir do semblante espantoso dele.

— Caramba, Chloe! Está linda.

— Idem, gato. Arrancará grandes suspiros essa noite.

Ele sorriu.

— O que me dizem? Vamos ou não? Não podemos nos atrasar — comentou minha mãe com as chaves nas mãos, pronta para fechar a porta.

Tony gentilmente abriu a porta do carro e eu entrei.

— Olha! Agora que seus pais não estão aqui. — Ele encarou-me com um sorriso açucarado. — Chloe, você está... Não tenho palavras que definam o quanto está incrível.

— Bonitinho! Você é gentil até para elogiar uma mulher. Aquela cretina da sua ex foi uma otária em deixar você escapar. — Sorri e afaguei o braço dele.

— Otário fui eu, por me deixar envolver com quem não valia a pena.

Desta vez eu não disse nada, mesmo porque diria o quê? Já tinha dito uma

enorme besteira citando a infeliz. Disfarcei e mudei o rumo da conversa para algo agradável. Conversamos sobre a minha primeira semana e o quanto a metalúrgica do meu pai havia despontado no mercado nos últimos anos.

Quando ele estacionou o carro, o valet me ajudou a descer, em seguida Tony todo carinhoso entrelaçou seus dedos nos meus. Ele sempre me passou segurança, e eu adorava isso nele.

— Eles estão ali. — Apontou para a mesa onde já se encontravam André, Dafne, Roger, Kelly e meus pais, que assim como nós haviam acabado de chegar.

Caminhamos em direção aos outros. Foi inevitável não sustentar o olhar do Roger, que simplesmente me devorava.

— Oi, gente! — cumprimentei geral.

— Chloe! Onde está a parte de cima do seu vestido? — André me perguntou irritado.

— Ficou na Itália, adquiri apenas a metade dele, a outra ficou com uma amiga.

Todos gargalharam.

— Ela está linda — Tony ressaltou.

— Linda? A Chloe está deslumbrante! — comentou Dafne.

— Obrigada, todos estão. — Encarei Roger. Ele era simplesmente o tipo de homem difícil de não ser notado, o abençoado exalava *sex appeal*.

— A beleza da minha irmã é notória, mas já disse. Você cuida dela e não azara, Tony.

— Fica quieto, André. Meu Deus, como você é chato! — Virei-me para o Tony. — Vamos dançar?

— Você dança? Não dançava antes de viajar. — Fuzilei meu irmão com um olhar de reprimenda, ele estava começando a me dar nos nervos. O que, às vezes,

soava engraçado em outros momentos era desgastante.

— Filho, deixa sua irmã, ela tem mais juízo do que todos nós juntos — comentou minha mãe e eu a agradeci meneando a cabeça.

Agarrei na mão do Tony e o arrastei para a pista que fervia ao som de *Awesome Dance Mix*.

— Me sinto lisonjeado em dançar com a mulher mais deslumbrante da festa.

— Você é lindo, por dentro e por fora. Senti sua falta, sabia? Nós nos falávamos muito pouco.

— Sério?

— Claro que sim, Tony. Você sempre foi um grande amigo. Aliás, seu presente está separado.

— Estou ansioso. Obrigado por se lembrar de mim.

Beijei o rosto dele e ele ofegou.

— O que foi? — perguntei.

— Esse seu decote é algo tentador.

— Tony! — entoei a voz em tom de brincadeira.

Dançamos várias músicas e com a garganta seca resolvi beber algo.

— Vamos beber alguma coisa? — sugeri.

— Com certeza. Faz tempo que não me mexo assim, não tenho mais idade pra isso. — Sorriu.

— Exagerado, você dançou muito bem. Não deixou nada a desejar as pessoas que dançavam isso, incluindo a mim. — Tony olhou-me com carinho.

Seguimos em direção à mesa. Meus pais não estavam, apenas os dois casais; e, pelo que percebi, Kelly já estava bem alegrinha.

Tony me passou uma taça de champanhe e se serviu de outra.

— Saúde — brindou.

— Saúde — retribuí.

— Não acham que estão muitos cheios de gracinhas? — começou o chato do meu irmão com sua ladainha.

— E qual o problema? Sou solteira e o Tony também.

— Ele é como seu irmão.

— Espera aí, não sou irmão da Chloe! — Tony rebateu de pronto.

— Formam um casal lindinho — Kelly comentou já bem calibrada.

— Viu, André? — Mostrei a língua para ele. — Todos concordamos nesse quesito, menos você, seu mala. Já volto, pessoal. — Levantei e saí em direção ao toalete.

Usei o banheiro rapidamente e, ao sair, senti um braço me puxando; e fiquei ainda mais confusa quando descobri de quem era.

— Está doido? — contestei assim que Roger fechou a porta do banheiro masculino.

— Estou. Doido e excitado. — Pressionou-me contra a porta.

— Problema o seu, pega sua namorada e vai para a sua casa.

— Tem certeza? — Lançou seu olhar felino sobre o meu.

— Claro! Tenho — respondi não sendo tão convincente.

— Você está uma delícia nesse vestido, Chloe.

Adoro quando ele diz meu nome, soa tão sexy na boca dele.

— Bebeu o quê? Roger! Abre a porta. É um banheiro masculino.

— Você está com o Tony? E eu não bebo, aliás, quase nada. — Passou a ponta do seu nariz no meu pescoço e todos os pelos do meu corpo se eriçaram.

— Quê? E se estiver? Não é da sua conta. — O empurrei.

— É claro que é. — Contornou meus lábios com o polegar. — Você não sai da minha cabeça.

— Você é comprometido. Ela vive fora do ar, mas é a sua namorada.

— Resolvo isso depois.

— Cai na real, Roger. Abre essa porcaria de porta.

— Vai dizer que não está excitada tanto quanto eu? — Aproximou-se e acariciou o meu rosto, num toque leve, porém forte o suficiente para me fazer titubear.

— Estou. E daí? Isso não muda nada — sussurrei ofegante.

— Adoro sua honestidade. Eu quero você. — Ele baixou o olhar mirando bem no meu generoso decote.

— Para, Roger! Isso é loucura. — Ele agia indiferente aos meus apelos nada convincentes.

— Não consigo e não quero. — Roger lambeu a curva do meu pescoço e o calor espalhou-se por todo o meu corpo.

— Não faz isso — balbuciei, querendo o contrário. Eu o queria todo só para mim.

— O quê? — Olhou-me embevecido e iniciou uma sequência de carinhos alucinantes com sua mão hábil por toda extensão da minha cintura. — Você me provoca, Chloe. Não tem noção do quanto, mas hoje você passou dos limites com esse vestido.

— Roger — sussurrei o nome dele e engoli em seco. As carícias estavam levando consigo o pouco juízo que ainda me restava.

Assim que falei o nome dele, ele apertou firme a minha bunda, encarando-me com um desejo voraz.

— Você é doido e eu mais ainda, por me deixar cair nessa.

— Também acho. — Olhou para o meu decote e voltou a me encarar em seguida com os olhos inflamados. — Eu adoraria sentir cada um dos seus deliciosos mamilos roçando a minha língua.

Não pensei duas vezes, apenas ofereci minha boca para ele, que a sugou com desespero. Sua língua me devorava como se estivéssemos fazendo amor, quase atingi um orgasmo quando ele colocou uma das pernas no meio das minhas, forçando-me a apertá-la, o desejo me consumia, totalmente. Em meio aos beijos ensandecidos, as respirações entrecortadas, suas mãos vasculhavam cada centímetro do meu corpo; minha carne latejava e o membro duro dele como uma rocha atiçava ainda mais minha vontade de terminar o que havíamos acabado de começar.

Fomos interrompidos por um barulho na porta.

— Isso não está certo — sussurrei.

— Vai ao meu apartamento hoje. Quero você.

— Pirou? Não saio com homens comprometidos, foi um erro. — O empurrei e me recompus, alisando o vestido.

— Você quer tanto quanto eu, ou estou mentindo?

— Isso não significa que vá rolar algo entre nós. — Olhei decidida a sair das garras dele. — Me deixa em paz. — Abri a porta, e saí ofegante.

No caminho, respirei fundo, passei as mãos nos cabelos e mais uma vez alisei meu vestido, ele não era do tipo que amassava com facilidade, mesmo assim, tinha receio de me entregar.

— Vamos dançar? — Estiquei a mão para o Tony ao chegar até a mesa. Eu praticamente o arrastei até o meio da pista, que estava apinhada de pessoas dançando.

— Está tudo bem? — inquiriu percebendo minha inquietação.

— Está. Só estou cansada. Muitos acontecimentos, viagem, trabalho novo, essas coisas — menti descaradamente.

— Então, vamos nos sentar.

— NÃO! — contestei. — Dançar me relaxa, fico bem melhor quando me movimento.

— Tem certeza? — indagou duvidoso.

— Tenho. Claro que sim. Dançar é relaxante. Pelo menos no meu caso. — Sorri timidamente, olhando para os lados, em busca do homem que havia me desestabilizado por completo.

A música agitada parou e deu vez para uma trilha sonora mais romântica.

— Adoro essa música. — falei ao ouvir *Right Here Waiting*, de Richard Marx.

— Eu também. — Tony envolveu minha cintura.

Dançamos quietos, abraçadinhos, sem dizer uma palavra. Fui me acalmando com as batidas tranquilas do seu coração. Acabara de sair do inferno e com ele encontrara o céu. E o pior... eu havia gostado de ser chamuscada pelo impetuoso Roger. Suspirei e aproveitei a paz que os braços do Tony me passava. Dançamos mais duas lentas e, por infelicidade, o jantar foi anunciado. Eu teria que voltar à mesa e encarar o Roger depois do que havia acontecido.

— Não dançava agarradinho assim com uma mulher estonteante há anos. — Ele segurou e beijou a minha mão, enquanto voltávamos.

— Mentiroso, mente que nem sente. Somente se recusasse a dançar, mulheres com certeza não faltam dispostas a aquecerem o seu enorme coração. De todos os amigos do meu irmão, para não dizer meu, você é o mais gentil. Sempre me senti muito bem ao seu lado.

— Agradeço, a amizade é recíproca. Quanto às mulheres, nenhuma foi capaz de me tocar lá no fundo, de penetrar todas as barreiras erguidas pela minha

ex-esposa. Você me conhece. — Trocamos um sorriso complacente. Sim, eu o conhecia. Tony não possuía apenas um enorme coração, era o que o comandava; quando se apaixonava, ele não poupava esforços, pulava de cabeça.

Nós nos sentamos, e tentei fugir dos olhares do Roger, mas era impossível. Aquelas pedras de ônix me atraíam e traíam.

— Me conta, Chloe. Os italianos são bonitos? — perguntou Kelly com a voz arrastada.

— São sim — respondi garfando um pouco da minha entrada.

— Dançam bem?

— Pode-se dizer que sim.

— E o seu namorado? Como ele era?

— Chega de perguntas, Kelly — Roger se dirigiu a ela incomodado e, mais uma vez, nos encaramos. Pelo tom ríspido supus que ali tinha uma pontinha de ciúmes.

— O que tem, neném? — Kelly segurou o rosto dele e o beijou como se estivessem sozinhos.

— Tudo bem — respondi interrompendo o casal. — Posso responder sua pergunta, Kelly. O Pietro era lindo. Alto, porte atlético, olhos azuis, cabelos pretos e encaracolados, um homem belíssimo. — Garfei mais um pouco da minha salada.

— E por que terminaram, Chloe? — Desta vez, Dafne indagou.

— Ele queria algo mais sério e eu não estava pronta, Pietro me pediu em casamento.

Meus pais arregalaram os olhos, era novidade para eles.

— Você não nos contou, filha — ressaltou minha mãe.

— Não achei que seria irrelevante, mãe. Eu recusei e resolvemos terminar,

no entanto nos falamos com frequência, somos bons amigos.

— E o que ele faz? — perguntou Dafne.

— Ele atua em filmes e novelas na Itália.

— Caralho! — soltou Kelly. — Ele era famoso? Tem foto?

— Digamos que sim e quanto às fotos, no Google você as encontra — respondi começando a ficar incomodada com a chuva de perguntas. — Pietro D’Angelo.

As duas largaram os talheres e pegaram os celulares, exasperadas.

— Caramba, Chloe! Você é louca? Esse homem é lindo, meu Deus, literalmente, ele saiu da tela do cinema. — Impactada Kelly mostrou a foto para todos na mesa.

— Lindo é pouco — Dafne completou mostrando a foto para os demais. Roger olhou a mesma com desprezo. — Como se conheceram?

— Nos conhecemos numa festa, um amigo em comum nos apresentou. A amizade surgiu, começamos a sair; e, quando nos demos conta, estávamos namorando. Namoramos durante nove meses. Ele era incrível. Só que entre namorar e casar existe uma grande diferença. Aliás, o perfume que eu uso e o que eu trouxe para o Tony são da grife dele. O Pietro é um fofo. Só não era ele. — Dei de ombros.

— Irmãzinha, eu deixo você se casar com esse cara, parece gente fina.

— Diz isso, André, porque ele está a quilômetros de distância daqui. — Sorri.

— Está certa, filha. Casamento é coisa séria. Tenho muito orgulho de você, lamento não tê-lo conhecido — comentou papai.

— Não vai faltar oportunidade. Ele disse que vem ao Brasil me visitar.

— Ele deve gostar de você, Chloe. E como não gostar? — Tony falou carinhosamente e eu deitei minha cabeça no ombro dele, retribuindo o carinho.

O restante da noite o assunto foi o Pietro, com certeza as orelhas dele estavam queimando. Kelly até se curou do porre após ver as fotos, as duas ficaram pesquisando o pobre do meu ex, e mostrando nossas fotos nas redes sociais, na praia, em um lançamento de um filme, ele me beijando enquanto caminhávamos pelas ruas de Roma e por aí foi. Roger não se importava nem um pouco com a empolgação da namorada. Nem ele e muito menos meu irmão. Fiquei boba, que namoro era esse? André tinha mais ciúmes de mim do que da própria namorada.

Quando a festa chegou ao fim, dei graças aos céus. Que noite! Se não fosse pela companhia do Tony, eu classificaria como péssima. Pisei em um terreno minado quando me atraquei com o Roger naquele banheiro. Saímos todos juntos até o estacionamento, nos despedimos; e no momento que fui me despedir dele, ele balbuciou em meu ouvido:

— Te espero no meu apartamento.

— Sentado, de pé vai cansar — rebati sussurrando.

Entrei no carro com o Tony e fomos embora.

Durante o trajeto aproveitei e o convidei para almoçar conosco logo mais. Seria o pretexto perfeito para entregar o presente.



Acordei com uma ligeira dor de cabeça. Após a minha higiene pessoal coloquei um robe e desci para buscar um comprimido na cozinha.

Para minha surpresa, além dos meus pais e a Lalinha, nossa cozinheira, lá estava ele, Roger, todo suado parecendo uma perdição, a minha pelo menos.

— Bom dia. — Respirei fundo ao dizer. Vê-lo logo cedo não fazia parte dos planos.

— Bom dia — ele respondeu me olhando de cima a baixo, o safado nem disfarçou.

— Mãe, tem algum remédio para dor de cabeça? — perguntei abrindo a geladeira e pegando uma garrafinha com água.

— Tem, querida. Está doendo muito? Não é de tomar remédios à toa.

Meu pai pegou a caixa de medicamentos que ficava em um canto do

gigantesco armário da cozinha e me passou um comprimido.

— Obrigada, pai. — Engoli apressada, para sair o mais rápido possível dali.

— Quer que eu faça uma vitamina, Clozinha? — Lalinha perguntou com seu jeitinho carinhoso.

— Agora não, mais tarde quem sabe. — Beijei o rosto enrugado dela. — Vou voltar pra cama. Ah! Convidei o Tony para almoçar conosco.

— Tudo bem, o Roger também vai ficar. Ele é o único que usufrui da nossa academia — comentou minha mãe.

— Que bom — falei, achando uma péssima ideia. — Mais tarde eu desço.

— Espera! Vou subir com você — Roger disse sem a menor cerimônia, andando atrás de mim.

Apressei os passos ao subir as escadas com ele na minha cola.

— Vou tomar uma ducha. — Ele tirou a camiseta, me provocando parado na frente do quarto de hóspedes.

— Fez lavagem cerebral na minha família? — Olhei na boca dele e voltei a encarar seus olhos, continuar olhando mais abaixo seria muito arriscado e eu não estava disposta a correr esse risco. Os lábios opulentos dele imploravam para serem saciados.

— Não. Por quê? — Caminhou e aproximou-se mais do que deveria.

— Frequenta demais a minha casa, trabalha na metalúrgica, usa a nossa academia e até banho toma aqui.

— Sou bem-vindo, Chloe. Sua família é a minha família.

— Pois deveria ficar mais com a SUA então. E não com a família dos *outros* — enfatizei.

Ele segurou o meu queixo, meneou a cabeça e entrou no quarto.

Entrei correndo, irritada e ao mesmo tempo confusa. Ele no quarto da

frente, entrando no banho, era muita incitação para uma pessoa só. Voltei para a cama, respirando compassadamente tentando me acalmar. Sem grande êxito resolvi abrandar a comichão que me perturbava, debaixo de um jato de água fria e mesmo assim não surtiu um grande efeito. Pensar nele e em seu peito desnudo era o maior dos meus problemas naquele momento. Voltei para a cama e lá permaneci tempo o suficiente para minha cabeça melhorar e o meu corpo se aquietar.

Mais tarde, me troquei e descii. Todos já estavam na área do jardim conversando, inclusive a Kelly.

— Oi — cumprimentei e todos responderam.

— Melhorou? — Tony levantou-se e beijou meu rosto. — Sua mãe comentou que estava indisposta.

— Melhorei. Uma chata dorzinha de cabeça. — Sorri. — Seu presente. — Entreguei a sacolinha com as iniciais do Pietro D'Angelo.

— Obrigado. — Tony abriu a embalagem e borrifou um pouco no pulso. — Muito bom, Chloe.

— É a fragrância que o Pietro usa. Achei que combinava com você. Ambos gostam de toque amadeirado.

— Perfeito. — Ele sorriu agradecido por saber que eu não havia me esquecido de sua predileção.

— Que honra, Tony! O perfume do gostosão — comentou Kelly.

— Eles possuem muitas semelhanças, incluindo a beleza, mas a principal delas é que tanto o Tony quanto o Pietro sabem como tratar uma mulher. — Olhei para o Roger, que me encarou de volta.

— Uau! — Dafne bateu palmas. — Ai, que lindo, você e o Tony formam um belo casal.

— Não exagera, Dafne — André comentou.

Sentei ao lado deles e me servi de um pouco de suco.

O almoço não demorou a ser servido, jogamos conversa fora até que o meu irmão aficionado por filmes de ação sugeriu que fôssemos para a sala assistir a um. Ver Kelly pendurada no pescoço do Roger o chamando de neném me irritava muito mais do que gostaria. Por conta disso acabei me aproximando do Tony. Ele passou o braço ao meu redor e eu me aconcheguei nele.

Quando o filme terminou, o meu irmão acendeu as luzes e ficou surpreso.

— Vocês estão muito grudados. — Jogou uma almofada no Tony, que a pegou no ar.

— Concordo com a Dafne, formam um belo casal — Roger disse ironicamente e eu o olhei incrédula.

— Você a viu nascer, Tony. Tínhamos dez anos quando ela nasceu. Você está com 38 e a minha irmã só tem 28.

— Como você é ridículo, André. Idade não tem nada a ver. Aliás, o Pietro completa 42 anos este mês. — Gargalhei com a cara de espanto dele. — E ele dá de mil a zero em muitos homens de trinta.

— Se bem que vocês três têm 38.

Os três concordaram.

— Então, com qualquer um dos seus amigos aqui presentes eu estaria bem, afinal são mais velhos e experientes, e eu não gosto de moleques para a sua informação. Sempre tive quedas por homens maduros. Na faculdade mesmo, saí com um professor dezesseis anos mais velho. Como eu disse, deveria ficar feliz, são seus melhores amigos, estaria em boas mãos. Tony ou Roger, certo? Desculpa, Kelly, é só uma hipótese. Porque entre o Tony e o Roger, prefiro o Tony. — Sorri para ele.

— Fico feliz. — Levou minha mão aos lábios e a beijou.

As meninas caíram na gargalhada.

— E tem outra coisa! O Tony você conhece há mais de trinta anos e conhece os pais. Conhece a família do Roger? — Quando terminei de perguntar, percebi que todos ficaram sem graça.

— Minha mãe faleceu treze dias após o meu nascimento, de leucemia; e meu pai, quando eu tinha quatro anos, de acidente de carro. Fui criado pelos meus avós paternos, mas já faleceram também. Então, Chloe, a minha família é a sua família, e incluo o Tony, que é mais que um amigo, é um irmão. — Roger me olhou com uma expressão na qual eu nem consegui decifrar tamanha era a minha vergonha.

— Des-Desculpa. Eu não fa-fazia ideia — gaguejei sem graça. — Perdão.

— Tudo bem. Mal nos conhecemos, não temos intimidade o suficiente para você saber dessas coisas.

— E nada de intimidade com a minha irmã — André disse desta vez tentando descontraír.

— Desculpa — balbuciei, completamente constrangida pela bola fora. Se eu pudesse esconderia minha cabeça embaixo do sofá.

Ele esboçou um leve sorriso de compaixão diante da minha situação embaraçosa.

Permaneci o restante da noite me sentindo uma idiota. Mesmo com o Tony me dizendo que eu não tinha como saber, eu continuava me sentindo uma tola. Ao me deitar demorei para pegar no sono, pensando no que eu havia dito para o Roger pela manhã a respeito da família dele.

Acordei, me arrumei e no caminho decidi mais uma vez pedir desculpas pela maneira grosseira como o tratei. Quando cheguei, notei que ele também já havia chegado, criei coragem e bati na porta dele.

Ele a abriu, surpreso.

— Bom dia — cumprimentei.

— Bom dia. Algum problema?

— Posso entrar? Vai ser rápido — expliquei.

Ele aquiesceu e eu encostei a porta ao entrar.

— Roger, queria me desculpar pela décima vez, pela burrada de ontem. — Ele parou na minha frente, sustentando meu olhar. — Fui uma idiota pela manhã e depois, mais tarde.

— Shhh... — Tocou os meus lábios com os dedos. — Esquece.

— Eu...

— Já disse, Chloe, esquece. Porque eu já esqueci. — Desta vez afagou meu rosto com carinho. — Entretanto, não consigo apagar o seu beijo da minha memória. — Curvou-se e passou a língua sobre os meus lábios entreabertos e os mordiscou de leve.

Como na noite da festa caí em tentação e tomei a boca dele com a minha. Roger puxou-me para mais junto dele, intensificando o beijo, ele foi me empurrando até a sua mesa; e quando eu me encostei na mesma, ele me pressionou com força. Roger estava tão excitado quanto eu. Sua virilidade saltava pelos poros.

— Você é tão linda quanto provocante. — Ergueu-me e me sentou sobre a mesa posicionando-se no meio das minhas pernas. Segurou meu rosto com as mãos e, mais uma vez, explorou a minha boca como se nunca o tivesse feito.

Desta vez fomos interrompidos pelo telefone. Nos separamos contrariados e ofegantes.

— Atende — balbuciei.

Ele esticou o braço e pegou o telefone sem muito esforço enquanto me fitava.

— Roger.

— *Bom dia, gostaria que você e a Chloe participassem de uma reunião nesta manhã no meu lugar.*

— Claro, Luiz. Vou avisar a Chloe. Qual o horário da reunião?

— *Dez horas.*

— Vou avisá-la. Até mais.

— *Obrigado.*

Ele colocou o fone no gancho e voltou seus olhos para mim.

— Meu pai? — inquiri.

— Era. Temos uma reunião às 10h. — Chupou meus lábios, deixando-os vermelhos e brincou com uma mecha do meu cabelo.

— Tudo bem — concordei completamente enfeitiçada. — Preciso descer da sua mesa.

Ele me ajudou e ficamos frente a frente novamente.

— Quero você.

— Roger! Você é comprometido. Já é errado nos beijarmos. Não posso. — Ajeitei minha saia, passei os dedos nos lábios dele para tirar resquícios do meu batom e, embora meu corpo dissesse uma coisa e minha cabeça outra, eu girei nos calcanhares, e apressada entrei na minha sala pulsando em várias partes do corpo. Sentia uma atração por ele que parecia corrosiva... Me consumia e me deixava ausente da realidade. Precisava ser mais forte, precisava sufocar o que estava me sufocando. Saí e fui até a copa, bebi quatro copos de água feito uma desesperada, como se assim eu conseguisse engolir algo que estava brotando bem lá do fundo.

— Vou ser forte... Vou ser forte... — voltei repetindo essas palavras como um mantra. Tinha um tempo até o horário da reunião, o que era o suficiente para eu me acalmar.



O mês voou e eu estava conseguindo me esquivar do Roger e evitando o Tony também. Durante este tempo saía com duas amigas da época do colégio. Manter-me afastada era uma tortura. Ele estava por toda parte, na empresa e em casa, mesmo assim assumi uma postura mais formal e coloquei uma distância considerável entre nós. Embora Roger fosse insistente algumas vezes, eu buscava forças do âmagu recusando suas investidas.

Combinei com Bel e Sarah de sairmos nesta sexta. Eu precisava cair na noite, me distrair. Enquanto escolhia uma roupa, Fog me observava relaxado sobre o tapete.

— E aí, amigo? Está bom? — Dei uma vultinha.

Ele balançou o rabo, parecendo entender. Escolhi um tubinho preto básico, uma maquiagem mais marcante e sapatos pretos de salto.

— É isso aí, garotão. Tchau pra você. — Afaguei a cabeça dele.

Desci apressada, pois as meninas estavam à minha espera na frente de casa, despedi dos meus pais e fui ao encontro delas.

Antes de aquecer o motor, Bel ligou o som do carro e cantamos o caminho todo, como costumávamos fazer. Naquela época, eu não tinha o problemão de nome Roger que vinha roubando a minha paz.

Chegamos à casa noturna e escolhemos estrategicamente um mezanino próximo à pista. Assim poderíamos dançar a noite toda. Conhecemos uns caras e Sarah se engraçou com um deles, enquanto Bel e eu dançávamos incansavelmente. Entre uma música e outra bebi várias doses de tequila, meu estômago ardia e minha cabeça girava. Apesar do desconforto continuei, queria extirpar a imagem do Roger da minha mente, nem que fosse por uma noite.

Perto das cinco da manhã fomos embora. Eu fui a única que encheu a cara literalmente. Assim que elas me deixaram em casa, tirei os sapatos para não fazer barulho. Devido ao meu estado, eu acordaria o bairro. Para a minha surpresa, ao pisar na sala, me deparei com os pombinhos que estavam conversando. Dafne segurava uma taça de vinho sentada no colo do meu irmão, enquanto Kelly dormia com a cabeça no colo do Roger, abraçada a uma almofada. Sobre a mesa de canto haviam embalagens de pizzas e duas garrafas de vinho.

— Oi, gente. E aí? — perguntei bem zozza. Olhar a Kelly dormindo no colo do Roger era um martírio.

— Você está bêbada, Chloe? — Roger perguntou surpreso e preocupado.

— Claro que está. — André empurrou a Dafne do colo e se levantou.

— Eu? Estou! Bebi a noite toda, dancei, beijei e fiz mais alguma coisa que é melhor nem falar. — Encostei o dedo no peito do meu irmão.

Dafne soltou uma gargalhada.

— Olha o seu estado! — André elevou a voz.

— Que se dane, André! Problema meu! — retruquei.

Ele aproximou-se ainda mais enfurecido.

— André! — Roger levantou-se correndo deixando a cabeça da Kelly bater no braço do sofá, ela resmungou e voltou a dormir. — Calma, cara.

— Você é um otário, André! — esbravejei, batendo no peito dele. — Sou maior de idade não tenho mais dez anos e não sou mais virgem faz tempo.

— Você nem sabe o que está dizendo de tão bêbada. Olha o seu vestido? Curto e colado no seu corpo. Perdeu o juízo?

— E daí? Você pode comer as irmãs dos outros, mas os outros não podem comer a sua?

Ele cerrou o punho.

— André! — Roger entrou na frente do amigo. — Respira! Eu cuido dela. — Depois se dirigiu à amiga. — Dafne, vai com ele para o jardim, eu cuido da Chloe.

— Vai cuidar de mim? Isso é bom. — Ri desajeitadamente.

André bufou e foi arrastado pela Dafne, contrariado.

— Vem aqui, vou cuidar de você. — Roger me pegou pela mão e seguimos para a cozinha. — Senta, Chloe! Vai acabar caindo.

— Não quero! Você não manda em mim.

— Por que bebeu desse jeito? Estava com quem? — Ajeitou meus cabelos que estavam bagunçados.

— Bebi por sua causa, você adora mulher que vive caindo pelos cantos — gargalhei. — E eu estava com as minhas amigas e com uns caras que conhecemos.

— Chloe! — Segurou minha cabeça que pesava como chumbo. — Você saiu com algum cara dessa casa noturna? Transou com algum deles? — Seus olhos tinham uma mistura de preocupação e raiva.

— Não te interessa. Você vive dizendo que me quer, mas continua com sua namoradinha, alcoólatra. Que diferença tem entre você me levar para a cama e

outro homem? Nenhuma. Você só quer me comer. Se me quisesse de verdade, lutaria por mim. Por isso, eu vou sair, beber e fazer o que quiser, a vida é minha.

— Bebeu o quê?

— Sei lá. Tequila, eu acho.

Ele me sentou em uma cadeira e ligou a cafeteria.

— Não vou beber café nenhum, dá pra sua namorada, não preciso que cuide de mim. — Levantei e acabei caindo.

— Chloe! — Ele me pegou no colo, levou-me escada acima para o meu quarto e deitou-me com cuidado na cama. — Não faz isso com você, Chloe!

— Deita aqui comigo — choraminguei.

Ele se aproximou e acariciou meu rosto.

— Não estraga sua vida, menina. Não bebe assim.

— Está quente aqui. — Sentei na cama e comecei a puxar o vestido pela cabeça. — Me ajuda.

— Chloe! Para!

— O que é? Não gosta de mulher bêbada? Vá para o inferno, Roger! — Tirei o vestido e o joguei no chão do quarto, em seguida tirei o sutiã e atirei a peça em direção a ele.

— Porra! Você é linda! — Desviou do sutiã e lançou seu olhar predatório.

— Faz amor comigo. Quero você — supliquei.

— Você não está em condições de decidir nada. — Ele sentou ao meu lado na cama e puxou a coberta para cobrir minha nudez.

— Vai embora! Agora! Volta pra sala e vai cuidar da sua alcoólatra preferida. Seu hipócrita. Vai! — vociferei.

Ele se levantou.

— Vai! Sai daqui! Odeio você.

— Chloe!

— Te odeio! — esbravejei com um nó na garganta. — Maldita hora em que voltei e conheci você, vou voltar pra Itália e me casar com o Pietro. Só assim vou conseguir ter o controle da minha vida de volta. Sai — repeti.

Roger afastou-se com os olhos confusos e retirou-se do meu quarto, entorpecida pela bebida e pela sensação de rejeição eu desabei a chorar, com a cabeça girando e o coração apertado como se quisesse pular fora do meu peito, senti meu estômago queimando e antes que vomitasse na minha cama corri para o banheiro e coloquei tudo para fora. Completamente acabada, seminua e tudo rodando a minha volta, levantei com o máximo esforço, escovei os dentes e me joguei na cama.

Ao acordar, notei que passava das 15 horas, minha cabeça latejava como se um trator tivesse passado sobre ela, manter os olhos abertos exigiu uma bravura hercúlea. Arrastei-me até o banheiro e deixei que a água escaldante do chuveiro abrandasse tudo o que eu estava sentindo. Quando saí, minha mãe arrumava minha cama.

— Acho melhor beber isso. — Pegou um copo com suco de laranja e dois comprimidos, que estavam sobre meu criado-mudo. — Eu sou prevenida. — Sorriu.

— Obrigada, mãe. Estou realmente precisando.

— Seu irmão está à beira de um ataque. Levantou cedo da cama e nos contou tudo. — Ela pegou a toalha da minha mão e começou a secar os meus cabelos. — Chloe? Está acontecendo alguma coisa? Nunca agiu assim, filha. Não enquanto morava aqui.

— Mãe, acho que o meu único porre foi esse, nunca bebi dessa maneira, não sou inconsequente.

— Tem um motivo? Por acaso é o fato do seu irmão te aborrecer? O Tony? Gosta dele e por conta do André resolveu se afastar?

— Não! Claro que não. — Caminhei até o armário, peguei um short, uma

regata e me troquei.

Ela continuava parada esperando uma resposta mais plausível.

— Me afastei do Tony, porque não quero dar falsas esperanças. Não que ele sinta algo por mim, não é isso. Mas eu não quero incentivar algo que não levará a lugar algum, pelo menos para mim. Melhor evitar. O André me incomoda sim, mas aprendi a lidar com ele. Nada de mais mãe. Apenas saí com as minhas amigas e bebi um pouco além da conta. Só isso. Prometo que vou maneirar da próxima vez.

— Tudo bem, filha. — Beijou meu rosto. — A Lalinha está preparando uma sopa, pelo visto vomitou.

Anuí, concordando.

— Desce pra comer.

— Já vou. — Fiquei tentada em perguntar pelo Roger, porque, caso ele estivesse, eu com certeza ficaria no quarto, no entanto evitei.

— Ah! A vovó e o seu tio virão almoçar conosco amanhã, ela disse que desde que chegou só se viram uma vez, está com saudades.

— Fico feliz. — Forcei um sorriso.

Ela fechou a porta do quarto e eu terminei de me arrumar.

Desci as escadas e fui recepcionada pelo Fog e seus pulos.

— E aí, amigo? Me acompanha, cão? Eu estou mal, precisando de colo, se habilita?

Caminhei até a cozinha, que por sorte estava vazia, me servi de um prato de sopa, sentei no banco próximo ao nosso balcão de mármore e saboreei tranquilamente a minha primeira refeição do dia. Assim que terminei, subi para o meu quarto com o Fog atrás. Minutos depois, meu irmão bateu e entrou.

— Posso falar com você?

— André! Não estou com cabeça para conversar agora.

— Serei breve. — Puxou a cadeira da minha escrivaninha e se sentou.

Eu continuei sentada na cama, acariciando o Fog.

— O que aconteceu ontem? Como bebeu tanto daquele jeito? Não reconheci minha irmã.

— Exagerei, só isso. — Soltei um longo suspiro. Se eu dissesse, ele encheria a cara de raiva.

— Exagerou, e muito; se não fosse pelo Roger, eu teria estapeado você.

— Menos. Afinal, a sua amiguinha e namorada do Roger vive fora de área, e a Dafne bebe bem, só não cai pelos cantos como a amiga. Então, não me venha com sermões.

— É diferente.

— Diferente? Por quê? Ah! Já sei, vou sair com o Roger e quem sabe assim, você aceita de uma vez por todas que a sua irmãzinha já é bem crescadinha. Ele também é seu amiguinho, já que o Tony é como um irmão. O Roger eu conheço há menos de dois meses. Acho que não tem problema, não me viu nascer — bufei e ele levantou-se abruptamente.

— Com o Roger? Nunca! Só por cima do meu cadáver! — vociferou.

O olhei sem entender.

— O Roger não serve para você. Se o problema são meus amigos, o Tony é o mais indicado — disse ríspidamente. — O Roger é como eu. Se tratando de relacionamentos possuímos gostos parecidos. Fica longe *dele* — frisou.

— Tá de palhaçada? Agora o Tony tudo bem e o Roger só depois da sua morte — gargalhei. — Aguçou a minha curiosidade. O que o Roger tem que eu não posso descobrir? — Arqueei a sobrancelha o enfrentando. — Adoraria pagar pra ver.

— Foi um aviso, Chloe! Fica longe dele. O Roger é meu amigo, confio nele

de olhos fechados, mas ele não é homem para você e nunca vai ser. Se eu a vir se engraçando para o lado dele, vai ter. Ele já foi avisado. — Semicerrou os olhos.

Engoli em seco. Ele não tinha a mínima noção do que já havia rolado entre mim e o Roger.

— Terminou? — Dei o assunto por encerrado.

— Foi avisada! Qualquer distância do Roger é pouca. — André saiu e bateu a porta do meu quarto fazendo a chave voar longe.

Era brincadeira, só poderia ser. Por que com o Roger, não? Tarde demais, eu não parava de pensar nele. Com os pensamentos borbulhando acabei pegando no sono e, quando despertei já era de madrugada.

Resolvi descer para buscar uma garrafa de água e, por ironia do destino, vi o Roger aos beijos com a Kelly no sofá da sala. Suas mãos passeavam pelo corpo dela sem a menor cerimônia. Meus pais iam para o quarto e a sala de casa virava motel. Titubeei em dar meia-volta, porém resolvi seguir em frente, afinal estava na minha casa. Acelerei ao passar por eles, Roger me notou e afastou-se da namorada rapidamente.

— Oi, desculpa. — A passos largos, irritada, segui para a cozinha. Ao entrar, meu irmão e Dafne preparavam sanduíches.

— Chloe! Tudo bem? — Dafne me cumprimentou com um beijo.

— Tudo sim, só vim buscar água.

— Fica e lancha conosco — insistiu André.

— Não, obrigada. — Abri a geladeira e peguei uma garrafa. Quando fechei a porta da mesma, cruzei meu olhar com os do Roger.

— Melhorou, Chloe? — perguntou.

— E aí, Chloe? Como vão as coisas. — Kelly entrou na cozinha e abraçou a cintura do namorado.

— Sim, e as coisas vão bem — respondi numa tacada quase explodindo de

raiva por vê-los juntos.

— A Dafne me disse que você bebeu todas ontem. Achei hilário, você parece toda certinha — Kelly comentou sorrindo.

— As aparências enganam. Nem tudo que reluz é ouro. Eu não sou uma exceção, Kelly. Bebo, beijo e faço outras coisas como toda mulher da minha idade. — Abri a garrafa e a virei na boca com a raiva começando a se apossar de mim. O celular que estava no bolso do meu short, começou a tocar *Cose della vita*, de Eros Ramazzotti. Estava tão envolvida com aquela situação, com um ódio mortal do Roger, que nem me dei conta.

— Acho que o seu celular está tocando. — Dafne apontou pra mim.

— É o Pietro. — Respirei fundo, peguei o celular, atendi e caminhei em direção a sala.

Mal sentei no sofá e os quatro vieram, continuei conversando como se não estivesse ali, na verdade eu estava adorando. Assim o idiota do Roger poderia ver que eu também tinha alguém que gostava de mim.

— *Bacio*. — Sorri.

Encerrei a ligação e fiquei olhando para o celular, distraída.

— Saudades do italiano? — André perguntou.

— Estou. E começando a me arrepender de ter voltado. — Esfreguei os olhos.

— Que música linda aquela que tocou, Chloe — comentou Dafne.

— É sim. Nossa música. Por isso coloquei como o toque dele.

— E quando você liga, Chloe? Qual música toca no celular do bonitão? — questionou Kelly, curiosa.

— Ele escolheu... *In assenza di te*, da Laura Pausini.

— E o que quer dizer?

— Na sua ausência — respondeu Roger, sustentando meu olhar.

— É isso mesmo. — Desviei dele. — Linda, também.

— Nossa! O italiano deve sentir a sua falta. — Dafne fez um beicinho.

— Boa noite, gente. Vou dormir para repor minhas energias perdidas. — Sorri laconicamente.

— Fica, vai! Conta mais sobre o Pietro — insistiu Kelly. — Achei lindo você conversando com ele. É um idioma tão sexy. O neném sabe. Não sabe? — Olhou para o Roger.

— Me viro — respondeu.

— Também gosto muito. Eu sinto falta.

— Conversa com o Roger quando estiver sentindo falta.

— Não, obrigada. Prefiro ligar para o Pietro. Boa noite. — Fui até a cozinha, enchi a garrafa com água e subi.

Como eu poderia me sentir atraída por alguém que não estava nem aí? Apenas interessado em levar mais uma mulher para a cama. Era frustrante sentir-me tão vulnerável dessa forma. O sono demorou a aparecer e quando veio eu hibernei.



Na manhã seguinte, mais disposta, eu me arrumei para o almoço em família. Minha avó chegou acompanhada do meu tio e de sua décima namorada. Fui devidamente apresentada a ela e sentei no banco do jardim próximo à mesa com saladas.

— Olha lá, o Roger, o Tony e as duas garotas chegaram. — Vovó sorriu ao vê-los.

Fiquei com a respiração ofegante, queria muito que o Roger parasse de

frequentar tanto a minha casa, isso seria ótimo. Mas, pelo visto, enquanto estive fora as coisas mudaram por aqui.

— Meninos! — vovó disse levantando para cumprimentá-los.

— Vó Irma! Como a senhora está? — perguntou Tony.

— Melhor impossível.

— Vó. — Roger a beijou, assim como Kelly e Dafne. Depois todos me cumprimentaram com um beijo.

Na vez do Roger, eu me senti desconfortável, porém mantive a discrição.

— Tony! Conheço esse perfume — brinquei.

— O próprio — ele afirmou.

— Ah! Você deu esse perfume pra ele para se lembrar do Italiano — comentou Kelly, rindo.

— Não foi esse o motivo. Dois homens maravilhosos merecem a melhor fragrância. — Enlacei-me no braço do Tony e nos sentamos ao lado da vovó enquanto os demais foram cumprimentar os outros.

Ficamos conversando com ela. Minha avó tinha um senso de humor incrível para uma senhora de 86 anos. Alegre, para cima e ativa. Após o almoço, ela nos contou sobre suas viagens com o grupo da terceira idade no qual frequentava. Ao se despedir, ela me surpreendeu.

— Chloe, meu bem! Posso ser velha, mas enxergo a milhares de quilômetros. — Sorriu. — Percebi as trocas de olhares entre você e o Roger. Está acontecendo alguma coisa, minha filha?

— Não, vó! Claro que não. — Corei. — Ele tem namorada. Por Deus!

— Minha neta, Ele te venera com os olhos. Sei bem o que isso significa. Acho essa paquera linda. Vocês formam um casal encantador. Ele não combina com essa lambisgoia — sussurrou referindo-se à Kelly.

— Vó! — gargalhei.

— Tchau, dona Chloe! Ficou conversando com a sua avó e não deu a mínima para o seu tio aqui — ele falou ao me abraçar. — Estão te tratando bem na empresa?

— Estão. Todos, sem exceção.

— Até o Roger? — Meu tio olhou para ele.

— Claro, ele também. — Forcei um sorriso, tentando parecer indiferente.

Eles se foram e nós nos sentamos na sala para conversarmos um pouco mais. Com o Tony por perto, eu me sentia segura para encarar o Roger. Enfim, quando eles também se foram, eu voltei a sentir aquele vazio que vinha me consumindo há dias.



Logo após o almoço, eu estava compenetrada com o meu trabalho, quando Roger bateu na porta e entrou em seguida.

— Chloe? — Ele parou na frente da minha mesa e me encarou.

— Oi. Algum problema? — inquiri em tom seco.

— Sim. O problema sou eu e você.

— Olha! Se veio até aqui com suas palavras doces, seus olhares devoradores para cima de mim, está perdendo o seu tempo.

— Não sei o que se passa comigo... Eu quero você, eu preciso.

— Precisa? — gargalhei. — Eu sei. Matemática pura. Você é um homem que deseja as mulheres e as tem; quando alguma não cede, você fica obcecado. É isso, você deseja uma noite de prazer comigo e nada mais, depois adeus. Sinto dizer, querido, acabou o que nem começamos. — Levantei e ficamos cara a cara.

— Não sei o que é, mas me perturba. — Tocou meu rosto e eu quase caí nos encantos dele.

— Para! — Espalmei minha mão em seu peito. — Sabe quando vou ser amante de alguém ou sair com um homem comprometido? Nunca. Então, chega. — O empurrei.

Ele arqueou uma sobrancelha, seus olhos negros me fitavam e não eram de raiva.

— Essa conversa não se *encerra* aqui — ele frisou.

— Pra você — retruquei impaciente, louca para sair daquela situação, antes que eu cedesse ao charme dele.

No momento em que ele saiu, meu coração parecia que ia saltar pela boca. Eu ficava maluca para pular em cima dele, nos despir e fazer loucuras, na verdade estava ficando cada vez mais difícil me controlar diante da presença dele.

Os dias se seguiram e eu me joguei de cabeça no trabalho, falando com ele somente o necessário, porque até a voz dele mexia comigo. Em casa, eu o evitava. Se estava malhando, eu passava bem longe da academia; se ficava para o jantar, eu enrolava até que ele fosse embora, ou descia e engolia a comida às pressas. Meu esforço era exaustivo. E esse bendito infeliz não saía da minha cabeça. Minha nuca arrepiava toda quando o via ou se dirigia a mim. Pelo menos, ele vinha evitando usar o quarto de hóspedes, porque nesse caso o meu esforço teria que ser redobrado.

Em um final de tarde no trabalho, eu estava desligando o meu computador quando Roger entrou sem bater e fechou a porta. O fitei curiosa, sentindo um rubor tomar posse de todo meu corpo.

— Estou livre — disse me encarando.

— Livre? Por que estava preso? — zombei.

Caminhou em minha direção, virou minha cadeira e segurou meu rosto.

— Você entendeu. Eu coloquei um ponto final na minha relação com a

Kelly.

— Foi? — Levantei e o encarei. — Já era sem tempo. — Mirei nos lábios dele.

— Te espero no meu apartamento.

— Jura? Escolhe... sentado ou em pé?

— Sem empecilhos, apenas você e eu. — Puxou-me com força e nossas bocas se encostaram.

— Sua autoconfiança é impressionante — sussurrei nos lábios dele.

— Te espero. — Pegou um cartão do bolso e colocou no meio dos meus seios.

— Prometo que vou pensar, com calma. Quem sabe daqui a dez anos. — Disfarcei saindo da teia enredada por ele e sentei novamente.

— Até daqui a pouco, Chloe.

Acenei quando ele olhou para mim antes de fechar a porta. Deitei a cabeça na minha mesa. Se ele quisesse fazer amor comigo neste exato momento, eu teria cedido.

André entrou na minha sala me tirando do transe.

— Vamos?

— Vou pegar minha bolsa. — Peguei minhas coisas e saí ainda desnorteada pelo convite tentador do Roger.

Durante todo o percurso até em casa, permaneci calada. Meu irmão confirmou sobre o rompimento do Roger. Olhando para o nada estava e continuei, assim que chegamos fui direto para o chuveiro e lá decidi que iria ao encontro dele. Eu o queria e desejava tanto, que valeria a pena correr o risco. Coloquei um jeans justo, uma regatinha branca de seda e calcei sapatos de saltos vermelho. Com certeza, eu havia acabado de perder o restante do meu juízo. Disse para a minha mãe que iria até a casa da Bel, e em posse das chaves e do

documento do carro saí.

Ao estacionar, meu coração estava a mil por hora. Roger liberou minha entrada e no instante que desci do elevador, ele me esperava na porta. Lindo... Sem camisa, calça de moletom cinza, descalço e com os cabelos molhados.

— Demorou. — Segurou na minha mão e me puxou para dentro. A música que tocava era *Cose della vita*.

— Eros? É sério? — Segurei uma gargalhada.

— A partir de hoje, quando ouvir essa música, o único homem de quem irá se lembrar serei eu. — Pegou minha bolsa e a colocou no sofá; voltou e segurou meu rosto, sugando os meus lábios com gula. Entrelacei minhas pernas em volta de seu corpo e continuamos a nos beijar como loucos. Afinal estávamos ensaiando este momento há bastante tempo. Roger adentrou no quarto e eu só dei por mim onde estava quando fui colocada sobre a cama e sem cerimônia alguma, ele tirou o moletom e a boxer arremessando ambas para longe, ficando totalmente nu, para meu total deleite.

— Você não perde tempo, hein?

— Perdi tempo demais. — Ele tirou meus sapatos e beijou meus pés, subiu sobre a cama e ajoelhou-se ao meu lado e com maestria desabotoou meu jeans deslizando pelo meu corpo.

— Quantas vezes essa música vai tocar? É a terceira vez. — Sorri, achando graça da trilha sonora escolhida a dedo.

— A noite toda. — Semicerrou os olhos.

Roger me puxou e eu sentei, ele me ajudou a tirar a regata, abriu meu sutiã deixando meus seios expostos a seu bel-prazer; quando ele os tocou, meus mamilos enrijeceram no mesmo instante. Sem pressa sugou um, depois o outro e continuou me acariciando até que eu me deitasse novamente e, mais uma vez, ajudou-me com a única peça que nos impedia. A minha calcinha foi arremessada com as demais que ornamentavam o chão do seu quarto.

— Perfeita. Você é linda, Chloe! — Passou seus olhos famintos sobre todo o meu corpo e o acariciou; ao tocar-me tão intimamente, eu já estava sedenta e

molhada o suficiente para recebê-lo. — Sabe desde quando eu sonho com esse momento? — inquiriu massageando-o com seu polegar, enquanto eu arfava descontrolada.

— Não sei. — Levantei os quadris, e ele lambeu um dos meus mamilos túrgidos.

— Desde o primeiro dia em que coloquei meus olhos em você. Tinha certeza de que seria minha. — Ele olhou-me satisfeito e introduziu um dedo em meu sexo fazendo-me contorcer.

— Sacanagem, Roger! — murmurei.

— Shhh... — Introduziu outro e começou a fazer movimentos circulares. Com a outra mão, agarrou um dos meus seios, massageando meu mamilo bem devagar, prolongando o tormento que pulsava no meio das minhas pernas.

O filho da mãe estava lindo e seus olhos me queimavam como o crepitar das chamas. Ele retirou os dedos e os chupou olhando-me alucinado.

Engoli em seco quando ele posicionou-se sobre mim e começou a sugar meu mamilo esquerdo; ora chupando, ora mordiscando.

— Quero você, agora. Preciso de você — implorei. — Sou obrigada a concordar, nós esperamos muito, eu quero você, cada centímetro seu dentro de mim.

Ele sorriu maliciosamente, invadiu minha boca com sua língua e eu gemi ao sentir seu gosto. Sugada pelo desejo nem vi quando ele rasgou uma embalagem de preservativo e o colocou em sua proeminente ereção.

— Quando eu penetrar você ao som dessa música, Chloe, aquele italiano de uma figa vai desaparecer completamente da sua vida. — Ele pressionou minha intimidade com seu membro. — Posso garantir que não sobrá qualquer resquício. — Segurando-o, sua rigidez iniciou uma deliciosa tortura em minha entrada latejante.

— Já desapareceu por completo — balbuciei.

— Era tudo o que eu precisava ouvir.

Roger abriu um largo sorriso, mordeu meus lábios inferiores e me penetrou com força, arqueei ao me sentir totalmente preenchida, no vaivém do seu corpo sobre o meu e ao som da canção, senti-me entorpecida. Roger entrava e saía, aumentando ainda mais a minha agonia.

— Melhor do que nos meus sonhos — murmurei e fechei os olhos.

— Olha pra mim, italianinha, quero ver esse seu rosto lindo, vermelho e suado quando gozar.

Atendi de prontidão diante de sua voz melosa e o encarei enquanto ele me invadia. As estocadas eram violentas, doloridas e magníficas. O prazer reverberava por cada centímetro do meu corpo, todo entregue e só dele. Cravei minhas unhas em suas costas e me abri ainda mais para ele, nosso furor era descomedido e voraz.

Quando cravei em sua maravilhosa bunda, Roger urrou alto e ofereci meus lábios, que os possuiu com impaciência. Sem conseguir me conter explodi com seu ritmo frenético atingindo o melhor orgasmo da minha vida. Segundos depois, encarou-me, puxou meu quadril mais para si e estocou com impetuosidade, seu corpo todo tremeu, e em meio aos espasmos ele jogou a cabeça para trás, soltou um palavrão em italiano e deixou a sensação se apossar dele. Permanecemos com os olhos vidrados um no outro, ofegantes, até que as nossas respirações se normalizassem. Eu estava em total êxtase e não trocaria aquele momento por nada no mundo.

— Valeu a espera. Você é toda minha. — Chupou levemente meus lábios.

— Sendo assim, você é meu e não divido nada que é meu. Muito menos você — repeti o gesto dele. Quando ele saiu de dentro de mim, resmunguei contrariada. Ele se deitou ao meu lado e me aninhei em seu peito.

— Agora, essa música é nossa, Chloe.

— Cismou com essa música. Está com ciúmes? — Soltei uma gargalhada.

— Estava — afirmou sem a menor cerimônia.

— Pelo menos é sincero — bocejei exausta, aninhei-me um pouco mais e, envolta nos braços dele, adormeci.



Despertei ao sentir alguém acariciando meu rosto e a sensação era tão boa, que eu me recusava a abrir os olhos.

— Hum... Está tão bom, não para.

— Não está com fome? São duas da manhã e não comemos nada.

— Duas? Caramba, dormimos muito. — Ergui a cabeça e o olhei. — Um pouco, já que perguntou, não como nada desde o almoço.

— Já para a cozinha, vou preparar algo. — Ele levantou-se, pegou um short no armário, voltou e perguntou: — Chloe? Trabalhamos daqui a pouco, trouxe roupa ou vai voltar para casa?

— Vou com a roupa que eu vim. Sexta é um dia mais informal. Mas se puder me emprestar uma camiseta para vestir agora, eu agradeço. — Pisquei. — Ou vou lanchar nua.

— Adoraria vê-la nua lanchando, com certeza não me cansaria de apreciá-la. — Caminhou até o armário e pegou uma camiseta preta. — Quanto à roupa informal, uma ressalva: seu jeans é apertado demais, não gostaria de ver ninguém de olho nessa sua bunda gostosa. — Ajudou-me a vestir a camiseta e deu-me um beijo generoso, segurou minha mão e fomos para a cozinha.

— Sanduíches? — inquiriu com um pacote de pão de forma nas mãos.

— Mais de um, por favor. Certo homem abriu o meu apetite.

Preparamos sanduíches de peito de peru com cenoura ralada e suco de laranja. Sentamos no sofá da sala, e começamos a degustar os lanches.

— Adorei seu sistema de som pelo apartamento.

— E a trilha sonora? — Deu um sorriso de lado, provocador.

— Gravou aquela música quantas vezes? Cinquenta?

— Perto disso. Alguma objeção?

— Você é terrível, toda vez que o Pietro me ligar, vou me lembrar de você e do que fizemos.

— Essa foi a intenção. — Arqueou a sobrancelha, mordendo uma fatia do seu pão.

— Vou pedir para que ele envie um perfume dele para você.

— Não, obrigado. Isso eu deixo para o Tony. Falando em Tony, Chloe, concordo com o André, vocês andam cheios de gracinhas. E ele está bem empolgado com a sua volta.

Virei o copo de suco e o encarei.

— Tenho um carinho gigantesco por ele, e não vou mudar isso. O problema é o André, ele disse que se eu me aproximasse de você me esfolaria viva.

— Se eu tivesse uma irmã, com certeza teria a mesma opinião. — Colocou o prato sobre a mesa de centro e segurou o meu queixo. — Ele me avisou para ficar longe de você, não fui capaz de cumprir a minha promessa. — Invadiu minha boca com a sua língua, na qual eu já estava ficando viciada. Pegou-me no colo e voltamos para o quarto.

— Ele vai matar você — gargalhei.

— Morro feliz. — Ergueu a minha camiseta e abocanhou um mamilo.

Quando se afastou, eu tirei a camiseta e a deixei nos pés da cama.

— O que está esperando? A madrugada está apenas começando — provoquei.

Ele aproximou-se com seus olhos pretos brilhantes e vidrados. Com uma mão segurou a minha nuca e com a outra apertou a minha bunda, caímos na cama aos risos.

Nós nos amamos desesperadamente, mais uma vez.

Acordamos no primeiro toque do celular; depois do banho, tomamos uma xícara de café preto para nos manter acordados e saímos. Combinamos que ao chegar próximo à metalúrgica, ele iria dar algumas voltas no quarteirão para não levantar suspeitas.

Passei na sala dos meus pais para dar um bom-dia. Ambos tinham plena convicção de que eu havia dormido na casa da Bel. Voltei para o meu cantinho e iniciei meu dia, completamente extasiada. Deixei a porta ligeiramente aberta para vê-lo passar. E quando passou meu coração acelerou.

Há tempos não trabalhava tão disposta, trocamos alguns e-mails e nos falamos duas vezes, assuntos referentes à parte administrativa da empresa. No término do expediente, o ouvi combinando com o André de ir malhar na academia de casa. A ideia de tê-lo por perto em tempo integral passou de torturante para indispensável.

Peguei carona com os meus pais e ao chegar em casa fui direto para o chuveiro. Não combinamos nada, mas eu já estava afoita para ficar a sós com ele. Para provocá-lo, coloquei um short branco justo e curto, com uma regatinha azul-marinho e uma generosa borrifada do meu perfume adocicado que ele vivia elogiando.

— Vou pedir pizzas — meu pai disse, assim que me viu entrar na sala.

— Maravilha, pai.

— Seu irmão convidou o Tony e a Dafne. O Roger está lá em cima tomando banho, me ajuda a escolher os sabores — pediu com o panfleto da pizzeria em mãos.

Era impossível me concentrar nos sabores das pizzas com o Roger no andar de cima tomando banho. Selecionei os sabores, ajudei a Lalinha com a mesa, enquanto meu pai escolhia os vinhos. Pouco tempo depois, senti olhares sobre mim e ao me virar, Roger sorriu.

— Precisam de ajuda?

— Não. Obrigada. — Passei meus olhos sobre ele, que estava tentador de bermuda cargo bege e camiseta preta.

A campainha tocou e Lalinha foi atendê-la, uma ótima oportunidade para flertar com ele.

— Esqueceu o restante do short no quarto? — questionou cheio de malícia.

— Tinha certeza de que iria gostar.

Ele meneou a cabeça, sorrindo.

— Boa noite. Tudo bem? — Tony nos interrompeu com seu jeito doce de ser.

— Oi. — O abracei e beijei seu rosto. Ele cumprimentou o Roger com um abraço desajeitado por estar com sacolas nas mãos.

— Trouxe quatro potes de sorvetes, um deles o seu preferido, flocos. — Passou as sacolas.

— Você é um amor. — Peguei as sacolas e coloquei os potes no freezer. Quando virei, os dois se entreolhavam. — O que foi?

— Não foi nada — Roger negou.

— Então, tá. — Passei por eles e seguimos para a sala.

Sentei na poltrona de canto, sentar no meio dos dois estava fora de cogitação; e enquanto os dois conversavam sobre marcas de cervejas, eu acessei minhas redes sociais pelo smartphone. André e mamãe desceram quase no mesmo instante em que papai apareceu com três garrafas de vinho.

— A Dafne não vai vir? — perguntou meu pai.

— Está chegando — respondeu André, cobrindo parte das minhas pernas com uma almofada. Fui obrigada a rir, meu irmão era ridículo.

Dafne não demorou a chegar e, assim que as pizzas foram entregues, nos sentamos à mesa na sala de jantar. Lalinha se serviu e foi assistir sua novela preferida.

Desta vez acabei me sentando entre o Tony e o Roger por acaso, nada

proposital. Mas me sentia na obrigação de dividir a minha atenção com os dois. Roger, o homem que estava balançando minhas estruturas; e Tony, um homem incrível e nosso amigo há anos.

— A Kelly está bem? — Roger perguntou para Dafne.

Nesse momento virei minha taça de *Cabernet*.

— Está ótima, conhece a Kelly, vive a vida. Aliás, Chloe, ela pediu seu número e eu acabei me esquecendo de passar, ela queria chamar você para sair com ela e algumas amigas.

— Ah! Sim — falei sem saber o que dizer. Não tinha intimidade para sair com ela e as amigas. Enquanto eu respondia, notei olhares entre o André e o Roger.

— Sinceramente, Chloe, a Kelly não é uma boa companhia — André afirmou.

— Por que ela bebe demasiadamente? — questionei, curiosa para saber o real motivo da má companhia.

— Na verdade, Chloe, isso e outras coisas. Seu irmão está *certo* — enfatizou Roger.

— Tudo bem. — Me servi de mais um pedaço de pizza. — Já entendi. Não sou uma garotinha idiota que não sabe escolher suas amizades, mas compreendi o recado. Me espanta vindo de vocês, o ex-namorado dela e o amigo.

— Ela é uma boa pessoa, só avoada demais. — Roger olhou para Dafne, que meneou a cabeça concordando.

— Você pode ir comigo essa semana na inauguração de uma franquia? — perguntou Tony.

— Claro! À noite?

— Isso.

— Tudo bem. — Roger discretamente pisou no meu pé e eu revidei com

mais força sorrindo inocentemente.

Rapidamente mudei o rumo da conversa para assuntos ligados à empresa. Terminamos o jantar e, assim que eu me levantei para buscar os sorvetes, Roger se ofereceu para me ajudar.

Abri o freezer com ele respirando na minha nuca.

— Aceitou rápido o convite — sussurrou, segurando os potes que eu passei.

— Pelo amor de Deus! — Revirei os olhos, achando graça. — Pega os potinhos de sobremesa na parte de cima do armário, por favor?

Ele colocou os potes sobre o balcão de mármore e os pegou. Eu aproveitei e belisquei a linda bunda dele.

— Desculpa! Não resisti. É uma tentação — balbuciei sorrindo.

Ele também acabou rindo. Adorava quando ele sorria. Ficava ainda mais irresistível.

Voltamos e nos servimos assim como os demais, prolongamos a conversa até o sono bater. Tony se despediu. Dafne e Roger iriam dormir em casa. Assim que meus pais subiram, eu também não demorei a fazer o mesmo, estava ansiosa pela noite que me esperava.

E mais afoita fiquei quando o Roger me enviou uma mensagem:

“Deixa a porta aberta.”

“Eu nunca a tranco”

Apressada, vesti apenas uma camisola preta toda em renda e me deitei esperando repetir os efeitos que a noite passada havia causado em mim. Fiquei fazendo poses sexys para quando ele entrasse. Por fim, já estava ficando com sono, e a mesma sonolência esvaiu-se ao ouvir rumores no corredor e portas se fechando. Senti um calafrio, como uma criança que acabara de ser pega fazendo uma travessura.

A porta do meu quarto abriu bem devagar. Eu não aguentei e me joguei em cima dele, o beijando ensandecida e ele correspondeu com a mesma necessidade.

— Demorou? — sibilei.

— Eles não paravam mais de falar, fiquei sem jeito de subir e deixa-los lá. — Está apenas com essa microcamisola? — Passou os olhos pelo meu corpo.

— Só? Não gostou?

— Adorei. — Sentou-se na cama e eu o envolvi com as minhas pernas, beijando-o com desejo, afastei apenas para ajudá-lo a se despir. — Está bem excitada — disse ao abaixar as alças da minha camisola e passear com a sua língua por entre meus seios completamente intumescidos.

— Nem faz ideia do quanto. — Deitei de costas na cama, enquanto ele brincava com sua língua por todo o meu corpo. Agarrei os cabelos dele, no mesmo instante que tocou em minha carne; trêmula, eu gemi. Sua língua sabia exatamente provocar todas as terminações nervosas do corpo feminino e Roger sabia explorá-las muito bem, passeando com ela de modo perverso.

— Se continuar me provocando assim com a sua boca, vou gozar — murmurei.

— Faremos isso, juntos.

Ele intensificou, e quando eu estava pronta para explodir, Roger beijou meu sexo e levantou-se rápido para pegar um preservativo.

— Continuo de onde parei. — Ficou sobre mim me pressionando com a sua ereção.

— Não demora, Roger. Estou borbulhando de tesão.

Ele afastou as minhas pernas e, mais uma vez, me provocou desta vez com seu dedo.

— Você não vale nada. — Tomei a boca dele.

— Diz o que você quer — ele perguntou e eu gemi ao responder.

— Você... quero você.

Engolindo-me com os olhos provocou mais uma vez esfregando sua rocha impetuosa em minha abertura pulsante.

— Roger, você é maldoso!

— Sou? Tem certeza? — Invadiu-me violentamente e eu o acomodei sufocando um gemido.

— Isso é muito bom! — sibilei ofegante com os olhos fechados, enquanto ele me penetrava.

— Chloe, olhe para mim.

Nossos olhos se fixaram e eu me perdi naquele olhar. Um Roger completamente diferente, carinhoso e desarmado. Projetei meu corpo à frente para senti-lo por inteiro e grunhindo baixinho, atingi o orgasmo, que estava segurando há minutos, pouco tempo depois foi a vez dele, a sensação de vê-lo gemendo enquanto dava as últimas estocadas era esplêndida.

— Somos doidos, não? — indaguei com a respiração entrecortada, sentindo o peso do seu corpo sobre o meu.

— Completamente insanos. — Beijou meus lábios carinhosamente. Saiu de cima de mim, descartou o preservativo no banheiro e deitou-se ao meu lado.

Passei minha perna em volta dele enquanto a adrenalina baixava.

— Sei que estamos fazendo tudo às escondidas, mas não me sinto confortável ao vê-la saindo com o Tony.

— Ele é meu amigo. Eu adoro o Tony. — Acariciei seu peito. — Não vou ficar com ele, estou com você. O que sinto por ele é fraternal, nada mais que isso.

— O Tony não faz ideia que estamos juntos, eu percebo o quanto cobiça você. Nem conseguiu disfarçar quando você foi colocar o sorvete no freezer, te comeu com os olhos, Chloe, ele pode ser um cavalheiro, bem diferente de mim, no entanto não se esqueça: O Tony é homem e você uma mulher linda e

desejável.

— Quem está na minha cama não é o Tony... é você. — Subi sobre ele e comecei a beijá-lo.

— Você é persuasiva, Chloe.

— Após aquecermos a nossa madrugada, você vem falar do Tony e dos olhares cobiçosos dele. Poderíamos deixar essa pauta para outro momento? — Rebolei sobre ele, provocando.

Roger beliscou a minha bunda e gemi. Foi o suficiente para estarmos desesperados um pelo outro novamente. Nós nos amamos mais uma vez e caímos no sono, exaustos.

Acordamos com o Fog arranhando a porta. Roger juntou as roupas, eu girei a maçaneta devagar e olhei para fora, ele passou correndo e cheio de graça voltou, beijou minha boca e entrou no quarto de hóspedes.



A minha vida deu uma bela guinada. Voltei para o meu país de origem com alguns sonhos na bagagem, entretanto nenhum deles incluía viver algo tão diferente e intenso como estou vivendo atualmente. Se alguém me dissesse há alguns meses que estava vivendo algo parecido, eu provavelmente daria uma gargalhada. Mas aconteceu comigo. Bastou cruzar o olhar com o dele uma vez na cozinha de casa para nos conectar, o que parecia maluco se tornou uma delícia e inevitável. Ainda não compreendia direito o motivo do André quanto a me afastar das garras do Roger. Coitado do meu irmão, não só fui agarrada como gostei.

Estávamos há mais de um mês nos encontrando às escondidas, nos amando sempre que surgia uma oportunidade, sentia uma necessidade absurda de estar com ele, algo medonho. Sentia-me vulnerável, e mesmo ele sendo carinhoso e me tratando como uma joia rara, eu ficava insegura. Mas tudo isso era novo para mim, afinal nunca havia sido pega desprevenida como fui.

O que deixava o Roger com a cara amarrada era o fato de estar com ele e

sair às vezes, mesmo que como amigos, com o Tony, isso ele não conseguia digerir.

— O Tony me convidou para ir ao cinema na sexta. — Acomodei minha cabeça em seu ombro, enquanto relaxávamos após nos amarmos como dois ensandecidos.

— Chloe! Sei que nossa relação foge dos padrões, acredite. Sei que merece muito mais do que eu te ofereço, porém não me sinto nada confortável, eu já te disse isso. Ele é um irmão, mais que um amigo, mesmo assim o fato de saírem juntos me aborrece.

— Eu sei! E te entendo. Coloca-se no meu lugar. Se nossa relação fosse aberta, às claras, não teríamos que passar por isso. — Segurei o rosto dele e cruzamos nossos olhares.

— Seu irmão surtaria se soubesse que estamos juntos. Preciso de um tempo, quero mostrar ao André que sou digno não só da confiança, quero mostrar que sou bom o bastante para a única irmã dele.

— Vou ao cinema e depois venho pra cá, prometo! Ou melhor, você me espera em casa.

— Claro! Fico como um otário te esperando, enquanto você vai ao cinema com outro! — rosnou.

— Tem ideia melhor? Se quiser pode chamar a Kelly, para te fazer companhia. — Fechei a cara e levantei apressada.

— Ei! Aonde vai? — perguntou.

— Tomar uma ducha, e sozinha, nem adianta aparecer. — Bati a porta.

Assim que saí do banheiro, ele não estava mais no quarto. Vesti as roupas e peguei a minha bolsa, era quarta-feira e precisava ir embora. Nunca havíamos discutido ou chegado perto disso, essa era nossa primeira briguinha besta.

Quando entrei na sala, ele estava na sacada olhando para o nada, distraído.

— Eu já vou — falei, sentindo uma vontade imensa de beijá-lo. Roger

precisava criar coragem e dizer logo que estávamos juntos, essa seria uma ótima oportunidade. Não entendia esse receio todo. Perguntei inúmeras vezes, e ele sempre dava um jeito de mudar de assunto.

— Está ficando tarde, não quero que fique por aí dirigindo à noite — disse absorto olhando através do vidro.

— Tá! Boa noite, até amanhã. — Endireitei a coluna, me virei e saí.

No elevador tive uma pontadinha de esperança, de que ele viesse atrás de mim. Claro, não o fez. Dirigi até em casa com um aperto no peito. Por sorte, todos estavam em seus quartos, inclusive Fog, jogado na minha cama. Coloquei minha camisola e me deitei ao lado dele.



Despertei com a claridade invadindo o meu quarto, chequei meu celular e percebi que não havia nenhuma mensagem do Roger. Andei me arrastando até o banheiro enquanto Fog ainda roncava.

— Bom dia! — falei, assim que cheguei à cozinha.

— Bom dia — responderam Lalinha, André e o meu pai.

— Bom dia, filha! Chegou tarde, ontem? — Mamãe me passou um copo de vitamina de frutas.

— Obrigada. Não, mãe! Antes das 23h. — Me servi de uma fatia de queijo e bebi a vitamina.

— Tchau pra quem fica — brincou meu pai.

— Vamos, pai! Tenho muita coisa para fazer. — Peguei minha bolsa que estava sobre o balcão da cozinha e segui com ele. Era verdade, eu tinha inúmeras coisas para fazer e uma delas era ver o Roger.

Meu pai estava sempre alegre e disposto, ligou o rádio do carro e começou a cantarolar uma música do A-ha. Essa alegria matinal dele acabou me

contagiando e caí na risada.

Assim que chegamos, antes de entrar, dei uma espiada na sala do Roger e percebi que ele não havia chegado. Estrategicamente, como de costume desde que estávamos juntos, deixei a porta ligeiramente aberta.

Senti um furor ao vê-lo pela fresta da porta entreaberta desfilando com sua parcimônia habitual. Contive os ânimos, e só em saber que ele estava ao lado, meu coração retumbou no peito.

Sempre tinha assuntos para serem tratados com ele, afinal Roger era o diretor de finanças e eu a gerente. Justo quando precisava não tínhamos nenhum assunto pendente a ser discutido. Fiquei rezando para que tivesse que aprovar algo de última hora, uma compra emergencial, qualquer coisa. Para arrumar um pretexto, eu aceitaria até orçar um busto do meu irmão para ser colocado na frente da empresa. Os vi saindo para o almoço como sempre, e nem piscou o olhar para a minha porta. Um pouco irritada resolvi pedir para os meus pais me trazerem uma salada. Eles voltaram e ele continuou me ignorando. Engoli minha refeição, que caiu no meu estômago como um saco de parafusos. A salada conversou comigo a tarde toda. Quando encerramos o expediente, o vi conversando com meu pai; apenas me cumprimentou formalmente e foi embora. Ah! Como eu me segurei para não dizer poucas e boas para ele. Na sexta não foi diferente, ele me tratou da mesma maneira fria do dia anterior, nem quando nos conhecemos havia me tratado dessa forma. Fui para a casa de carona com a minha mãe, e como combinado me arrumei para ir ao cinema com o Tony.

— Vai sair com o Tony? — André me perguntou ao cruzarmos no corredor.

— Vamos ao cinema. Quer ir junto?

— Não, o Roger e eu vamos sair. Fica para uma próxima.

Segurei minha bolsa com força para disfarçar a raiva. Os dois gostosões iriam sair. E a Dafne? Será que a Kelly vai também? Desci as escadas e peguei o celular na bolsa, pensei em ligar, dizer umas verdades, enviar uma mensagem bem educada, mas acabei desistindo. Se ele queria me ignorar, eu faria o mesmo.

— Chloe, o Tony já chegou — Lalinha me avisou.

— Obrigada. — Acenei para ela e fui encontrá-lo.

Tony estava lindo como sempre, seu corpo esguio e os cabelos dourados lhe davam um charme à parte.

— Olá! Chloe Vitória. — Acariciou meu braço e me deu um beijo no rosto.

— Só você me chama assim. Ouço tanto Chloe, que até me esqueço do meu segundo nome, Antony.

— Eu gosto. — Abriu a porta do carro e entrei.

— Vamos assistir a qual filme? — perguntei.

— Está passando *Vingadores: Ultimato*, alguma objeção?

— Nenhuma, até gosto — concordei, sorrindo.

Em companhia do Tony, desviei um pouco do foco chamado Roger. Conversamos no caminho sobre a expansão da rede de lavanderias para o sul do país, sobre os pais dele que passavam boa parte do ano em viagens e cruzeiros e sobre minha rotina na metalúrgica. Assim que chegamos ao shopping, ele estacionou e fomos comprar os ingressos.

— Quer comer alguma coisa antes? Temos meia hora.

— Prefiro comer um monte de besteiras. Isso, inclui chocolates, refrigerante e um pacote gigantesco de pipocas.

— Vamos de besteiras, Chloe.

Subimos até o andar onde ficavam as salas do cinema e enfrentamos uma pequena fila. Devidamente abastecidos nos sentamos em nossos assentos. A sessão lotou e o filme foi muitíssimo agradável. Saímos de lá entalados de tanta bobagem que comemos. Tony me levou para casa e, quando chegou na porta, perguntei se ele gostaria de entrar, ele disse que precisava checar alguns e-mails. Nós nos despedimos e combinamos de nos ver na noite seguinte.

Ao entrar ouvi rumores vindo da sala. Meu coração deu um sobressalto. Risadas altas, conversas; respirei fundo. Caso visse a Kelly e o Roger juntos novamente, não pensaria duas vezes em descer do salto.

Por sorte me deparei com meus pais e um grupo de amigos, conversando.

— Oi, boa noite. — Abanei a mão em um cumprimento geral.

Todos corresponderam e eu aproveitei e acenei subindo as escadas. Ao chegar à porta dos quartos, percebi que lá também não estavam. Pensei em ligar para o André e descobrir. Ia dar muito na cara. Sem contar que o Roger desvendaria o enigma, ia saber que eu já estava em casa. Resolvi ir para a cama e esperar que ele viesse dormir no quarto da frente.

Não veio e nem apareceu o final de semana todo. Quem veio foi o Tony, por sorte ouvi uma conversa e acabei descobrindo que eles foram a um pub, assistir a um show de uma banda de rock. Fiquei aliviada, o Roger não saiu com a Kelly e nem com outra mulher.



Mal pisei na empresa na segunda de manhã, criei coragem e entrei de supetão na sala dele. Fechei a porta, e caminhei a passos largos.

— Chega dessa porcaria de afastamento, não aguento mais. — Encarei seus olhos, que corresponderam com o mesmo ardor.

— Nem eu. — Segurou meu rosto e encostou seus lábios nos meus. — Senti a sua falta. — Começamos a nos beijar desesperadamente, ele agarrou um dos meus seios por cima da minha blusa de seda, enquanto eu pressionava meu corpo contra a sua ereção.

— Quero você — sussurrei de maneira desavergonhada em seus lábios. — O ajudei com o paletó, e com a mesma pressa ele abriu os botões da minha blusa.

Como dois amantes sedentos por carícias, ele soltou a fivela do cinto, abaixou a calça e a boxer, levantou minha saia e me ajudou a tirar a calcinha, colocando a mesma sobre a sua mesa. Em seguida, abriu o fecho do meu sutiã. Sentou-se na cadeira e me puxou.

— Não tenho camisinhas aqui — murmurou.

— Esquece, tomo pílulas. — Impaciente subi no colo dele e sufoquei um grito de prazer ao ser penetrada.

Roger segurava meus quadris ditando um ritmo frenético, quando abocanhou um dos meus mamilos e estocou com mais força, eu aumentei a pressão dos movimentos, estávamos na empresa, não tínhamos muito tempo e eu estava a ponto de explodir. Mordi os lábios para não gemer e acabar chamando a atenção de alguém e ao atingir o ápice apertei minhas pernas em volta dele, deleitando-me com a maravilhosa sensação.

— Chloe — balbuciou meu nome e inundou-me com seu gozo, ele me pressionou sobre sua ereção com mais força até estar completamente satisfeito. — Estava com saudades de você, maluquinha. — Ofegante e suado, esfregou a cabeça nos meus seios.

— Senti sua falta, em todos os sentidos, incluindo nossas escapulidas em horário de expediente. — Mordi o lábio inferior dele. — Acho que batemos o nosso recorde.

— Confesso que estou ficando mal-acostumado.

— Meu irmão — sussurrei, ao ouvirmos a voz do André.

— Precisamos nos arrumar. — Beijou meus lábios e me ajudou a sair de cima dele. Enquanto eu me ajeitava, ele juntou suas coisas e correu para o banheiro.

Passei a mão nos cabelos, alisei a saia e abri a porta, no exato momento em que o André batia. Só aí me dei conta que faltava algo. Minha calcinha.

— Está aqui? — Entrou e com olhos investigativos deu uma panorâmica pela sala.

— Precisava esclarecer uma dúvida com o Roger, mas acho que ele está no banheiro. — Apontei para a porta e dei uma olhada rápida procurando minha peça íntima.

— Também preciso perguntar algo. — Passou por mim e sentou-se na

cadeira do amigo.

Meu estômago embolou. Neste instante, Roger saiu do banheiro.

— Tudo bem, cara? — meu irmão perguntou, preocupado ao vê-lo.

— Comi algo que não me caiu bem. — Colocou a mão sobre a barriga.

Arregalei os olhos tentada a xingá-lo. Por fim, achei hilário o comentário nada romântico com tom de brincadeira.

— Não parece nada bem mesmo — insistiu, André.

— Bom. Falo com você depois. — Acenei e saí apressada.

Entrei na minha sala e fui direto para o banheiro, me limpei e ainda com o coração na mão, fiquei pensando se o André, ligeiro como era, não havia desconfiado.

O André permaneceu o restante da manhã na sala do Roger, impossibilitando o resgate da minha calcinha preta de seda. Quando eles passaram para almoçar, percebi que ficaria mais algumas horas sem ela.

Almocei com os meus pais como de costume, e ficar sem nada por baixo era bem desagradável. Voltamos e eu espiei dentro da sala dele e nada. Quando ouço:

— Chloe?

— Oi — falei, ao me virar.

— O senhor Luiz pediu para avisar que a reunião vai começar — disse Rita, a secretária do meu pai.

— Ah! Claro! Eu já vou. — Voltei para a minha sala, peguei minha agenda e suspirei. Não me restava outra alternativa a não ser encarar a reunião parcialmente despida.

Quando entrei, os diretores e gerentes já se encontravam sentados. Caminhei e me sentei ao lado da minha mãe e de frente para o Roger, que sorriu

discretamente. O motivo da reunião era a apresentação de um novo sistema para a substituição do atual. A ruiva de cabelos cacheados que apresentava o produto falava o tempo todo direcionada ao Roger. Chegava a ser irritante o tamanho descaramento.

A reunião demorou exaustivas três horas, a ruiva falou, depois foi a vez do rapaz. Com o término, as pessoas começaram a sair. Eu percebi que a mulher conversava animada com o Roger e resolvi intervir.

— Amor — choraminguei. — Vamos? Estou exausta.

A ruiva arregalou os olhos e o Roger sufocou uma gargalhada.

— Marta, essa é a Chloe.

— Prazer, Marta. Chloe Vitória Marin. — Não costumava exhibir o meu sobrenome por aí, mas neste caso foi necessário.

— Prazer. — Pegou na minha mão, surpresa. Duas vezes.

— Vamos, amor! — Roger entrou na brincadeira e achei o máximo.

Saímos da sala caminhando lado a lado.

— Roger, meu amigo. Não perde a oportunidade. — André, animado, deu dois toques no ombro dele.

— Não entendi.

— Entendeu sim. Mais um pouco, a ruiva ia ter um torcicolo, de tanto que se inclinava para o seu lado.

— E isso não é bom? Aposto que ela vai conseguir um ótimo desconto com a implantação desse sistema — Roger disse sarcasticamente.

— Se você quiser, irmãozinho, posso conseguir de graça. É só conversar com o rapaz de terno azul-marinho que estava com ela — ironizei.

— Estou perdendo algo? — André ergueu a sobrancelha.

— Nada que eu saiba — rebateu Roger.

— Só acho falta de profissionalismo, devemos saber separar as coisas. Você tem muito que aprender, irmãozinho. — A música *Cose della vita* tocou no meu celular e eu olhei para o Roger. — Dá licença. — Peguei o aparelho e saí para atendê-lo.

— Toda! Diz um oi para o meu cunhado — André brincou.

Entrei na minha sala e conversei com o Pietro por meia hora, enquanto terminava um trabalho pendente. Quando estava pegando a minha bolsa para sair, Roger entrou e deixou a porta entreaberta.

— Em quem você pensou ao ouvir a música?

— Pensei em fugir o mais rápido possível de perto do André, antes que eu acabasse falando demais.

Meneou a cabeça e sorriu.

— Ei! Não está com algo que me pertence?

— Te entrego mais tarde... na sua casa. — Piscou.

Meu corpo todo formigou, até aonde não deveria só com a promessa de uma noite de amor.

Saí apressada, ele segurou a porta do elevador e em companhia dos meus pais, descemos. Ao nos despedirmos, ele disse que ia passar no apartamento dele e logo mais iria usufruir da nossa academia. Queria tanto que nossa relação fosse aberta, assim ao invés de ir embora com os meus pais eu iria com ele.

— Gosto muito do Roger — afirmou meu pai. — Responsável, íntegro, faz toda a diferença na empresa. Não acha, filha?

— Concordo, pai. O Roger é um excelente profissional.

E eu estou me apaixonando por ele...

Meus pais conversaram o caminho todo e eu me mantive distante, pensando o quanto a vida às vezes era complicada.



— Quer malhar conosco, Chloe? — André sugeriu assim que entrei em casa.

— Não. Hoje não. Obrigada, uma próxima quem sabe. — Subi e fui tomar um banho.

Perfumada ao extremo e vestindo um vestido curto floral, desci para jantar e fiquei tentada em dar uma espiada no que eles faziam e assim fiz.

— Oi, meninos. Malhando muito? — brinquei, ao ver ambos suados.

— Vem aqui. Vou te mostrar. — André me segurou e esfregou sua testa suada em mim.

— Nojento! Me solta. Custa me ajudar, Roger?

— Não me metam nisso — disse, desacelerando as passadas na esteira.

— Irmãzinha! Adoro te encher. — Esfregou sua testa mais uma vez em mim.

— Seu porco! — Me esquivei dele e acabei perdendo o equilíbrio. Por sorte, Roger me segurou.

— Obrigada — murmurei, encarando sua boca e quase que por impulso o beijei.

— Opa! Solta a Chloe! Toda a distância é pouca entre vocês. — André me tirou dos braços dele.

— Deixa de ser ridículo. Eu acho o Roger um homem muito bonito. — Olhei para ele, que me encarou surpreso. — Você nunca me convidou para sair, Roger. Tudo isso é medo do André? O Tony é bem mais corajoso, hein!

— Tudo bem. Quer sair comigo, Chloe? — rebateu.

— Claro! Por que não? — Sorri.

— Não mesmo! Você é minha irmã, e eu conheço muito bem esse cara aí.
— Apontou para o Roger.

— André, me poupe! Saímos os quatro. Você, a Dafne, o Roger e eu, que mal há nisso?

Eles se olharam.

— Chloe! Vai procurar o que fazer, vai — frisou André.

— Ainda bem que morei cinco anos longe de você, surtaria se soubesse as sandices que fiz. — Virei e os deixei a sós, com várias pulgas atrás das orelhas.
— *Arrivederci*.

Mais tarde ambos se juntaram a nós e jantamos. Eu estava ficando mal-acostumada com a presença dele pela casa; e quando ele não vinha, eu sentia muita falta. Não me demorei a subir para o meu quarto, eu queria conversar com o Roger, e como ele demorou acabei pegando no sono.

Assustei quando um corpo bem conhecido invadiu minha cama e dessa vez não era o do Fog, que vivia se apropriando dela.

— Preguiçosa, dormiu cedo. — Esfregou o queixo no meu rosto.

— Cansei de te esperar. — Beijei o peito dele, sonolenta. — Não está se esquecendo de nada?

— Da sua calcinha? Acertei?

— Exatamente. — Cutuquei as costelas dele.

— Sinto muito, ela agora é um dos meus *souvenirs*. Tem tantas, nem vai sentir falta daquela.

— Tratante! Prometeu que me entregaria a minha calcinha, lindinho.

— Nem sempre cumpro minhas promessas. — Deu dois tapinhas na minha bunda.

— Ai! — reclamei. — É por isso que o meu irmão tem repulsa quanto a sairmos juntos? — perguntei o que queria perguntar há dias.

— Chloe! — Respirou fundo e me apertou em seus braços. — Eu costumo cumprir minhas promessas, menos a de me manter afastado de você. O André está certo. Talvez eu não seja o homem ideal para você. Seu irmão e eu saímos juntos e curtimos bastante também. E por me conhecer tão bem, ele não me queira saindo com a irmã dele.

— Ele não tem o direito de interferir nas minhas escolhas. — Subi sobre ele, encarando-o. — Só estou cansada de me esconder, eu queria ter uma relação normal, só isso. Mas se for necessário esperar até que o André entenda, tudo bem, eu espero. — Beije-o, ele rolou e inverteu nossas posições.

— Gosto de estar com você, maluquinha. — Mordeu meus lábios e acariciou minhas coxas. — Adoro quando está só de camisola. — Seus olhos faiscaram. — Não faz ideia do que tenho em mente — sussurrou.

— Então me mostra — provoquei, tentada.



Atingimos a marca dos quatro meses juntos, escondidos e explosivos. Uma relação carinhosa, tempestuosa e ao mesmo tempo ardente. Meus sentimentos em relação ao Roger eram diferentes de tudo que já havia vivido. As únicas que compactuavam desse meu segredo e da minha vida amorosa eram as minhas amigas: a Sarah e a Bel, ambas concordavam que viver assim às escondidas era uma loucura.

Sarah insistia que uma das minhas características era a paciência, mas a verdade era uma só e inegável: eu estava completamente apaixonada, tão envolvida por esse sentimento que chegava a me assustar. Sentia uma necessidade absurda de estar com ele, seja na cama, nos amando loucamente ou resolvendo assuntos relacionados ao trabalho. Estou sendo paciente ao máximo e esperando o momento certo para que possamos abrir o jogo, principalmente para o André.

Para evitar brigas tolas, tenho evitado sair com o Tony, e assim passamos boa parte dos finais de semana juntos. Meu irmão vive dizendo que o Roger está

escondendo o ouro e ele apenas ri.

Em um dia corriqueiro como tantos, ao sair da minha sala me deparo com André e Roger.

— E aí, meninos? Vão almoçar? — perguntei.

— Combinamos de almoçar com a Dafne e a Kelly, já estamos de saída — André respondeu indo em direção ao elevador.

— Que bom. Reatando, Roger? — ironizei, irritada andando ao lado deles.

— Não, apenas um almoço.

— Claro! — Evitei olhá-lo ou falaria demais entregando o jogo.

— Quer ir conosco? — ele me convidou olhando por cima dos óculos escuros, que o deixavam absurdamente gostoso.

— Não, Roger. Agradeço, detesto segurar vela. — Sorri ironicamente e entrei na sala da minha mãe.

Ela conversava ao telefone e assim que desligou saímos para o almoço.



— Sem fome? — perguntou olhando para o meu prato praticamente sem mexer.

— Um pouco. — Desanimada, forcei um sorriso.

— Está tudo bem? Algo preocupa você? Parece distante.

— Nada não. Apenas sem apetite mesmo. Acontece às vezes, né?

— Verdade. — Ela sorriu e sua compaixão foi um acalento.

Voltamos e o evitei. Nenhuma explicação ridícula iria desfazer o bolo no

meu estômago. Ele deveria ter me dito, resolvemos assuntos pendentes na parte da manhã, seria o mínimo; eu mesma sempre o comunicava quando saía com o Tony, para não aborrecê-lo. Seria o certo ter a mesma atitude em relação a mim.

Foquei no trabalho e no término do dia saí apressada, passei na sala do meu pai e avisei que os esperava no estacionamento.

No caminho, recebi uma mensagem dele, visualizei e não respondi.

“Maluquinha, não fique brava comigo.”

Joguei o celular na bolsa. Quando cheguei em casa me tranquei no quarto. Pois, com certeza, o cara de pau viria se exercitar. Escutei vozes no corredor e abri a porta.

— Não vai jantar? — meu pai perguntou.

— Mais tarde. Tem alguém malhando?

— Hoje não. Por quê? — minha mãe respondeu.

— Acho que vou me exercitar um pouco.

— Coma algo antes — ela disse descendo as escadas.

— Farei isso.

Voltei para o meu quarto, coloquei um macacão de ginástica preto. Desci, passei pela cozinha e peguei uma maçã.

A academia estava vazia e seria minha até eu me sentir melhor. Coloquei meu *pen drive* com músicas românticas italianas, fiz um rabo de cavalo e liguei a esteira. Fazia tanto tempo que eu não encarava exercícios que toda cautela seria pouca. As passadas ritmadas, combinadas a uma boa música italiana, estavam realmente causando um efeito positivo em mim, me sentia bem melhor e mais calma também. Minha alegria durou pouco quando fui interrompida pelo André acompanhado do Roger.

— Não acredito! Chloe malhando, vai cair uma tempestade — André

brincou.

Apenas os olhei e voltei minha atenção para o monitor da esteira, disfarçando.

— E que música é essa? Pelo amor de Deus, irmãzinha, está na fossa? — Riu ao ouvir *Un'altra Te*, do Eros Ramazzotti.

— Vai procurar o que fazer. Adoro essas músicas e qual o problema? — falei irritada.

— Problema algum. Só acho que você está amarrando um bode pelo italiano. Não concorda, Roger?

— Sinceramente não sei. — Roger fixou seus olhos em mim e me controlei para não explodir de uma vez.

— E Chloe, outra coisa. Que roupa é essa? Poderia colocar uma camiseta.

— Roupa de academia, mas pensando bem, da próxima vez vou malhar nua. Assim não terá motivo para implicar com a minha roupa. — Desliguei a esteira e fui para a ergométrica, de frente para o Roger, que estava rindo com a minha resposta.

— Só acho justa demais, acentua tudo aí — bufou.

— Você acha, Roger? Concorde com o André? — Sorri para ele provocando.

— Na verdade, Chloe. Acho que esse macacão fica muito bem em você. — Arqueou uma das sobrancelhas.

— Você não acha nada. — André arremessou a toalha de rosto no amigo.

— Farei uso da academia mais vezes. Tenho uma infinidade de roupas de ginástica, quase todas presentes do Pietro, ele se exercitava bastante. Andava sem empolgação, mas hoje fui estimulada. — O encarei.

— Ele presenteava você com essas roupas, esse seu italiano era um sem-vergonha.

— Às vezes, dependendo da ocasião. Na verdade, ele sabia exatamente como tratar uma mulher, deveriam fazer um curso intensivo com ele. Posso garantir que aprenderiam muita coisa.

— Se ele era tão bom assim, por que o deixou e voltou para o Brasil? — Roger perguntou me fuzilando com o olhar.

— Vivo me perguntando isso — zombei. — Onde estava com a cabeça quando recusei seu pedido de casamento? Pietro é um homem de 42 anos, lindo, bem-sucedido, carinhoso, me tratava como um diamante raro. É a vida. — Suspirei. — Às vezes fazemos certas coisas sem explicação. — Sustentei seu olhar.

— Sabia que o Roger ia junto comigo da última vez que fui visitar você? Mas esse cara é bitolado no trabalho e acabou desistindo.

Graças a Deus!

— Uma pena — ironizei.

— Uma pena mesmo — concordou.

Meu celular tocou, eu desci da ergométrica e atendi.

— *Chloe! Tudo bom?*

— Oi, Sarah. Tudo ótimo. Como vai, amiga?

— *Ótima também. Vamos sair?*

Olhei de soslaio e percebi que Roger me observava.

— Claro, vamos. Estou me exercitando um pouco, mas já vou tomar um banho e me arrumar. Que horas passo aí?

— *A Bel vai ser a motorista hoje. Te pegamos às 23 horas. Pode ser?*

— Perfeito. Combinado. Beijos.

— *Até. Beijos.*

Caminhei lentamente até a bola de Pilates e comecei a me alongar, provocando descaradamente o Roger, que não parecia nada confortável com a minha série de exercícios. Existiam inúmeras maneiras de provocar um homem e se exercitar com uma bola de Pilates era uma delas.

— Vão aonde? — André perguntou, enquanto socava o saco de areia.

— Não sei, ela não disse.

— Pergunta e mais tarde encontramos vocês — completou.

— Nem ferrando! Não preciso de babá. Quero sair e me divertir e isso não inclui sair com vocês.

Roger pigarreou.

— Deixa de ser chata, irmãzinha — insistiu.

— Queridinho, por que não saem com a Dafne e a Kelly? Almoçaram juntos, deveriam ter combinado algo.

— Cara, Chloe, meu lance com a Dafne é moderno, sem apegos. — André riu maliciosamente.

— Jura! Nem tinha me dado conta — brinquei.

— E eu nem sabia desse almoço, até seu irmão me avisar quando estávamos saindo. A Kelly é passado pra mim. — Lançou seu olhar fulminante em minha direção e disfarcei sem graça.

— O Roger está em outra, só não me apresentou ainda.

— Que bom pra você, Roger. — Coloquei a bola no canto. — *Arrivederci*. — Balancei os dedos e saí satisfeita.

Comecei a rir sozinha no chuveiro, esse jogo de sedução me enlouquecia e saber que o coitado tinha sido avisado do almoço com a Kelly, em cima da hora, aumentou ainda mais minha vontade de agarrá-lo. Coloquei algo confortável e sexy, um jeans bem justo com alguns rasgos, uma blusinha cinza com bordados, uma sandália preta de salto, e lá estava eu pronta para passar por ele. Com a

plena convicção de deixá-lo possesso.

Quando cheguei à sala, acertei em cheio, ele me encarou e seus olhos soltaram faíscas de desejo e ciúmes.

— Fog! Não pula, amigo, vai rasgar ainda mais a minha calça — disse acariciando os pelos dele.

— Está linda, Chloe — minha mãe elogiou. — Come alguma coisa antes de sair, não almoçou direito e nem jantou. Vai adoecer.

— Não se preocupe, vou comer antes de cair na noite com as meninas.

Meu celular vibrou. E Sarah enviou uma mensagem.

“Chegamos.”

— Falando nelas. — Levantei o celular e beijei minha mãe, que estava próxima. — Bye para quem fica. — Pisquei para o Roger.

— Se cuida, irmãzinha — André disse.

Antes de chegar à casa noturna passamos em uma hamburgueria e eu contei para elas os últimos acontecimentos. Ambas se divertiram e ficaram com peninha do Roger. Assim que chegamos ao local e a caminho da pista de dança, o celular da Bel tocou. Era o meu irmão querendo saber onde estávamos. Ela tampou o celular e me perguntou:

— O André quer saber onde estamos? E aí? — sussurrou.

— Fala. — Dei de ombros e sorri.

— Roger vai vir, pode apostar — Sarah murmurou com olhar travesso.

— Ótimo. — Pisquei.

Bel avisou e seguimos para a pista, estávamos dançando há quase uma hora quando os dois chegaram e se aproximaram.

— Rá! — André brincou. — Cheguei, garotas, sentiram minha falta? — Abraçou minhas amigas e começou a dançar com elas.

— Muita — ambas responderam em uníssono em tom de brincadeira.

Eles se afastaram e começaram a dançar, André no meio como o recheio do pão.

— Você adora me provocar — Roger disse colando sua boca no meu ouvido.

— Tem razão e quando fico irritada, esse meu desejo se intensifica. — Mordi o lábio inferior.

— Para com isso ou não respondo por mim.

— Sério? — Me aproximei dele e passei a língua em seu pescoço. — O André está tão empolgado dançando com as minhas amigas que nem está preocupado com o que acontece a sua volta. E eu estou louca para beijar essa sua boca linda.

— Você é a minha perdição. — Ele segurou na minha mão e saiu me puxando entre as pessoas que dançavam aglomeradas.

— Sou o que você quiser — sussurrei ofegante quando chegamos próximo à cabine do DJ.

Roger me puxou e antes mesmo que eu pudesse dizer algo para incitá-lo ainda mais, ele invadiu minha boca com sua língua gulosa, segurando-me firme enquanto tocava *Crazy*, de Lost Frequencies & Zonderling.

— Maluquinha! Essa música é sua — balbuciou nos meus lábios. — Você adora me provocar. — Deslizou sua mão pela minha bunda e voltou a me beijar com ardor.

— Tem razão, adoro. — Eu o encostei na parede e o devorei sedenta não só pelos beijos insaciáveis, mas também pela lubricidade que ele despertava em mim. — Quero você, agora.

— Estar dentro de você é o que eu mais quero nesse momento, com cada

gota de sangue do meu corpo. — Ele segurou meu rosto e suas duas pedras de ônix pareciam que saltariam de sua órbita ocular tamanha era a forma com que me veneravam. — Estou latejando, minhas bolas estão doendo desde que você passou por mim na sala da sua casa. Desde então, estou fazendo um esforço sobre-humano e terei que continuar fazendo. Vamos ter que esperar, seu irmão deve estar louco atrás de nós.

— Duvido, ele parecia bem confortável. — Inalei o perfume dele vagorosamente e me abanei. — Que loucura, você me priva os sentidos.

— Eu? Chloe! Ficou irritada comigo e nem culpa eu tinha, mal consegui almoçar pensando em você. Depois ficou se exibindo para mim na academia da sua casa com aquele macacão, e se não fosse o suficiente desfilou com esse corpo escultural me deixando excitado e com raiva. Eu não estou mais aguentando essa situação, você é minha e quero que todos saibam disso.

— Sou! Todinha. E gritar aos quatro ventos que estamos juntos há algum tempo tornou-se para mim um sonho. — Mais uma vez ofereci meus lábios e ele como sempre correspondeu com perfeição.

— Vamos voltar? — inquiriu, contrariado e eu anuí concordando.

Quando voltamos, os três continuavam dançando como loucos.

— Eu disse, ele nem percebeu a nossa ausência. O André não tem jeito, por sorte minhas amigas não o levam a sério.

— Ele já ficou com elas?

— Com as duas. — Arregalou os olhos. — Uma de cada vez. Eu acho — brinquei. — Porque olhando ele confortável dançando no meio das duas, dá até para desconfiar — gargalhei.

— E as duas estão tão confortáveis quanto ele.

— Eca! Não consigo imaginar uma cena dessas com as minhas melhores amigas e o meu irmão... socorro! Eu diria que chega a ser imprópria para o meu cérebro. — Caímos na risada.

A noite foi melhor do que eu esperava. André nem sequer olhou para mim e

isso eu devia as minhas queridas amigas. Consegui ficar com o Roger, não como gostaria, porém passamos boa parte da noite juntos. Voltei para casa com eles e assim que o André foi se deitar, o homem que habitava cada pedacinho da minha mente entrou no meu quarto.

— Enfim sós. — Pulei sobre ele entrelaçando minhas pernas em volta de seu corpo quente e viril pronto para me satisfazer.

— Quero me perder em você, perdição. — Começamos a nos beijar ensandecidos. Ele me deitou de costas na cama e tirou meu babydoll. — Formidável... como sempre.

— Acha mesmo? — perguntei extasiada enquanto ele trilhava um caminho de beijos pelo meu corpo.

— *Delizie*. — Seus olhos pretos brilhavam impacientes.

— Adoro esse seu sotaque italiano — sussurrei.

— Pois eu adoro tudo em você.

Passeou com sua língua por meus mamilos que intumesceram no mesmo instante; em seguida acariciou de leve minha coxa, deslizando seus longos dedos e quando ele ficou sobre mim, apenas me contemplando, meu coração bateu acelerado. Eu estava realmente maluquinha pelo Roger.

— Ainda bem que você tem uma academia em casa. — Olhando-me vidrado, iniciou uma fabulosa massagem em meu monte de Vênus.

— Vai implicar com as minhas roupas de ginástica também? — Descaradamente agarrei o membro dele e ele grunhiu.

— Suas roupas de ginástica são um atentado ao pudor, por sorte eu estava na ergométrica e seu irmão não viu o meu estado. Porra — ele grunhiu abafado com minhas carícias.

— Você não viu nada. — Inverti nossas posições e fiquei sobre ele.

Roger sibilou algo que não compreendi, ajoelhei-me entre suas pernas e abocanhei sua espetacular rigidez, explorando-o com a minha língua toda a sua

extensão.

— Ah, Chloe. — Pressionou minha cabeça e eu o engoli todo.

Intercalando entre chupadas e lambidas levando-o à beira de um precipício de prazeres continuei satisfazendo-o com maestria, senti seu pré-goço e lambi com vontade.

— Porra, não aguento mais. — Ele inverteu novamente nossas posições afastou minhas pernas com as suas e me preencheu, eu gemi de prazer e dor por ser invadida tão rapidamente.

Eu poderia gritar ao mundo que estava completamente apaixonada por ele, no entanto me contive. Sua dança sensual sobre meu corpo era algo sublime que me deixava em êxtase. A cada movimento, seus olhos transbordavam de paixão. Sem resistir por muito mais tempo, me contorci quando atingi o orgasmo e aumentou ainda mais meus espasmos quando senti seu líquido quente e espesso jorrar dentro de mim. Continuamos exatamente como estávamos, conectados, nos amando com os olhos por minutos.

— Se essas paredes falassem. — Mordeu de leve meu queixo e rolou para o lado.

— Eu estaria perdida. — Coloquei minha perna sobre ele, não deixando um único espaço entre nós.

— Durante todos esses anos convivendo com a sua família, vi algumas fotos suas; e confesso, te achava uma tentação. Mas jamais poderia imaginar que ao conhecê-la as coisas entre nós seriam...

— Explosivas? — Ri baixinho.

— Que seja, explosiva, ardente, marcante, o fato é... — Beijou minha testa. — Estou vivendo a melhor fase da minha vida.

O abracei forte e não disse nada, poderia dizer a ele, porém fiquei com receio, não queria assustá-lo. Dizer eu te amo poderia ser fácil para algumas pessoas, não para mim. Eu nunca havia amado até então.



Cada vez que ele saía correndo da minha cama na manhã seguinte, para não levantar suspeita, eu era tomada por uma onda de frustração. Permanecia deitada e sonhando acordada com o dia em que assumiríamos a nossa relação. Não erámos dois adolescentes inconsequentes, e sem dúvida essa situação nos remetia exatamente a isso. Eu tinha paciência, eu o amava bastante o suficiente para suportar a cara feia do André e suas insinuações extremamente cansativas e irritantes.

Por sorte, eu contava com as minhas amigas, Sarah e Bel, que sempre acobertavam minhas dormidas fora de casa. Em um final de semana prolongado, combinei com elas; e ao invés de viajarmos como havíamos planejado para o sítio da família da Sarah em Ibiúna, eu me hospedei no apartamento do Roger. No momento em que ele abriu a porta com um sorriso safado, minhas bases estremeceram.

— Bem-vinda. — Segurou minha bolsa com uma das mãos e com a outra me puxou para perto dele me envolvendo em um beijo acalorado.

Somente após essa deliciosa recepção, eu entrei.

— Hum... Tudo organizado, pelo visto a moça da limpeza passou por aqui — comentei olhando ao redor. — Cheiroso tanto quanto o dono. — Sorri, caminhei em direção à cozinha e abri a geladeira. — Uau! Temos comida. Isso é quase um milagre. — Ele me abraçou por trás, afastou meus cabelos e beijou minha nuca.

— acredite se quiser, Chloe. Eu fiz compras. Abasteci a geladeira e a despensa. Comida não falta, ficaremos aqui esses dias apenas nos amando — sussurrou.

— Amei sua ideia, Roger. — Virei-me de frente para ele. — Podemos começar pela cozinha.

— Compactuo da sua — concordou maliciosamente me envolvendo em seus braços.

Em poucos minutos, nossas roupas foram parar no chão de mármore travertino. Com um desejo voraz, ele me ergueu, pressionando meu corpo quente contra o revestimento frio da parede, causando-me um arrepio intenso.

— Gosta da minha humilde cozinha?

— O lugar para fazer tanto faz. O que eu quero mesmo é o que está por vir.

Nossas línguas se entrelaçaram novamente... e de novo... e de novo, por mais uma dezena de vezes, em meio a toques, afagos desesperados e descomedidos. A virilidade dele roubava minha insanidade, eu precisava dele, como precisava de água para matar a sede.

— Ah! Minha doce tentação. — Roger olhou-me com seus olhos inflamados. — Está preparada?

— Para você, eu sempre estarei. — Minha voz saiu esganiçada, na verdade eu estava em total ebulição. Desci os olhos pelo seu peito, abdômen e parei em seu membro.

Ele ergueu-me com facilidade, passei uma das pernas envolta dele e o acomodei exatamente aonde eu o queria, na minha abertura faminta. Quando

Roger me penetrou, gemi alto o suficiente para acordar o vizinho e ele sorriu satisfeito, estocando com muita força, meu corpo subia e descia, eu agarrei os ombros dele e deixei-me ser totalmente preenchida e envolvida pela atmosfera que nos absorvia.

— Você me completa — sibilei.

— Adoro você, minha maluquinha. — Abocanhei os lábios dele, fechei os olhos e senti aquela sensação plena do prazer tomando conta. Já havia prolongado o clímax demais, continuar me privando seria prolongar a tortura, com urgência, urrei alto e estremei. Em meio ao frenesi, Roger grunhiu, encostou a cabeça no meu peito e jorrou fortemente dentro de mim. O suor escorria por nossos corpos entrelaçados; plena, acariciei os cabelos dele que roçavam nos meus seios.

— Uau! Essa foi rápida e intensa. Será que somos normais? — questionei, ofegante. — Tudo sempre é tão voraz.

— Porque pegamos fogo com velocidade orbital relativa do cometa! — Beijou meus lábios inchados e me ajudou a ficar em pé. — É claro que somos normais, brigamos às vezes, mas nos damos muito bem. Gosto de você, sinto-me bem ao seu lado e o sexo é incrível.

— Sexo? Pensei que fazíamos amor? — Fiz um beicinho.

— Fazemos o que você quiser. — Apertou meu nariz e abaixou-se para pegar nossas roupas.

— Ei! Passa minha roupa aqui. — Corri atrás dele.

— Mais tarde, agora tenho outros planos. — Piscou.

E os planos dele eu sabia bem quais eram. Após um banho demorado cheio de trocas de carinhos, vesti um short e uma regatinha e fomos preparar um lanche.

— Tem falado com o Pietro? — perguntou, enquanto fazia limonada suíça.

— Às vezes. Está atuando em um longa-metragem, na Grécia, anda bem ocupado. Mas, mesmo assim, sempre que tem uma folga nos falamos.

— E o Tony?

— Jura? — Mordi o biceps dele. — Nos falamos com frequência, mais por mensagens. Ele é um amor, o ser humano mais generoso que eu conheço. — Terminei de arrumar o balcão com os pães, frios, acompanhamentos e coloquei as mãos na cintura o olhando.

— Ele elogia bastante você. Exatamente como está fazendo agora a respeito dele.

— Alguém está com ciúmes?

— Não é uma situação cômoda. Sabe minha opinião.

— Bonitinho, eu sei que não. Como acha que eu me senti quando fiquei sabendo naquele dia que você e a Kelly iriam almoçar juntos? Fiquei irada imaginando aquelas mãos dela cheias de dedos sobre você. — Arranhei o braço dele e sorri. — Não acha que já está na hora de abrirmos o jogo, sou paciente e você sabe. A opinião do André pouco me importa, Roger. Gosto de você, caso contrário já teria corrido.

— Tem razão, maluquinha. Vamos aproveitar esses dias. E quando voltarmos ao trabalho, eu explico toda a situação para o seu irmão; e depois, juntos, conversamos com os seus pais. — Segurou meu queixo e beijou meus lábios.

— Perfeito, sinceramente venho sonhando com isso, não somos adolescentes para nos esconder. Nem quando eu tinha 16 anos e era obrigada a tolerar meu irmão, acompanhado do Tony, me vigiando enquanto dava uns beijos no meu namoradinho, era tão estranho como agora.

— Aguentava os dois vigiando você?

Meneei a cabeça, concordando.

— Estavam cobertos de razão. — Semicerrou os olhos.

— Tem dó, Roger. Não bastasse um cão feroz na minha cola, eu tinha dois. Os bonitões ficavam na sala agarrando as garotas. O André sempre gostou de fazer um social em casa com os amigos. Sempre foi um galinha, o Tony menos...

bem menos. E se não bastasse, ele queria que eu ficasse no meu quarto. Meus pais saíam e o folgado do André praticamente exigia que eu ficasse enclausurada enquanto o abusado dava uma festa.

Ele gargalhou.

— Está rindo? Porque não era com você. — Soquei de leve o braço dele.

— Mas tenho certeza de que você nunca acatou uma ordem dele.

— Nunca mesmo. Eu sempre descia e, quando ele percebia, lá estava eu interagindo com os amiguinhos dele. Tony e eu conversávamos muito, sempre nos entendemos.

— E os amiguinhos do seu irmão nunca tentaram nada com você?

— Não, nunca. Teriam que encarar o André e o Tony, ninguém estava disposto.

— Pois eu me atreveria. — Sorveu sua limonada.

— Duvido! Eu tinha 16 e você 26. Com várias garotas praticamente da mesma idade, pra que se meter com uma mais nova?

— Temos química, Chloe! Isso é fato. Na verdade, eu esperaria mais dois anos até você completar a maioridade. — Virou meu banco de frente para ele. — Mas com certeza seríamos exatamente como somos agora. Com 18, 28, 38 ou 88. Somos uma combustão personificada. — Mordiscou meus lábios.

— Somos sem sombra de dúvida. — Invadi a boca dele com a minha língua para provar o quanto éramos perfeitos juntos. — Agora, chega! Vamos organizar essa bagunça — disse, me afastando dele e descendo do banco.

Lavamos a louça e depois nos deitamos no sofá para assistir um pouco de TV. Acabamos adormecendo e quando acordamos já havia anoitecido. Ficamos mais algumas horas deitados namorando e quando a fome voltou a bater, preparamos mais sanduíches. Voltamos a deitar e desta vez na cama, assistimos a dois filmes e na penumbra da madrugada sem sono e com a imaginação bem fértil incendiávamos o quarto.

Acordamos na manhã seguinte, por volta das três da tarde. Levantamos, tomamos um banho, o que era quase impossível e preparamos hambúrgueres. No começo da noite, exaustos das últimas horas de exercícios pesados, jogamos algumas partidas de baralho; embora eu fosse uma negação, isso ao menos desviaria um pouco a atenção voltada para outra coisa. As coisas reacenderam quando, em tom de brincadeira, sugeri que quem perdesse deveria tirar uma peça de roupa. Resumindo: fiquei nua. E o Roger empolgadíssimo. Ele adormeceu primeiro e eu, sem sono, fiquei acariciando seu peito enquanto observava sua respiração tranquila. Não me contive e todo meu amor por ele transbordou em forma de palavras.

— Eu amo você — sussurrei bem baixinho, com receio de ser ouvida.

Aninhei-me em seus braços e adormeci com a cadência do seu coração.



Ele acordou e encheu-me de beijos.

— Sabe que horas são? — perguntou, carinhosamente.

— Não faço a mínima ideia — respondi, sonolenta.

— Nós superamos hoje, são quase quatro da tarde. Estou morrendo de fome, e você? — Beliscou minha barriga. — Deve estar também, não quero que diga que passou fome na minha humilde residência.

— Jamais, fui muito bem tratada. Aliás, meu estômago está bem vazio e para ser sincera não quero comer sanduíche. Podemos cozinhar uma massa. O que acha?

— Ótima ideia, eu também estou farto de lanches. — Beijou minha boca e estendeu a mão. — Uma chuveirada antes?

— Por favor. — Segurei na mão dele e seguimos para o banheiro.

Tomamos uma ducha revigorante, estava adorando desfrutar de tanta intimidade com ele. Ao mesmo tempo que Roger penteava os cabelos, eu

passava hidratante pelo meu corpo, sorrindo um para o outro e trocando olhares de cumplicidade. Fui direto para a cozinha e ele foi abrir a sacada para entrar um pouco de ar.

— Peguei essa massa fresca na geladeira, talharim. Podemos fazer molho ao sugo com tomates frescos, vai ficar divino.

— *Stupendo* — disse com sotaque italiano.

Caminhei até ele e segurei seu rosto.

— Repete — choraminguei.

— *Stupendo*.

— *Perfetto, bello*. — Beije os lábios dele e em seguida me afastei suspirando. — Vou colocar a água para esquentar e já ajudo você com os tomates.

Roger piscou, concordando. Peguei duas panelas, uma para a massa e outra para fazer o molho, ele realmente estava “perfetto” sem camisa e com um avental preto. Voltei e o empurrei com o meu quadril. Ele abriu um sorriso deslumbrante, acho que era isso que o amor fazia, deixava tudo lindo, cada gesto, palavra da pessoa amada era perfeito. E eu estava realmente amando pela primeira vez.

O celular dele, que estava na bancada do armário, tocou.

— Seu irmão. Coloca no viva-voz, por favor — disse, mostrando as mãos sujas de tomate.

Peguei o celular e fiz o que ele havia me pedido, deixando-o próximo dele.

— Alô, André.

— *Grande, Roger! Tudo bem, irmão?*

— Tudo ótimo. — Olhou para mim.

— *Pelo visto, essa sua empolgação tem nome e deve ser gostosa pra*

caralho.

Fiz uma careta, querendo rir.

— É cara, tem razão. Estou com alguém sim. — Dessa vez sorriu e senti uma vontade louca de gritar bem alto que era eu.

— *Percebi! E a Dafne também comentou que você anda bem estranho, distante. Ela disse que está com saudades, que sente sua falta e desde que terminou com a Kelly, não rolou mais nada entre vocês.*

Fiquei perplexa diante da revelação, por impulso Roger jogou a faca dentro da pia e correu para pegar o aparelho, entretanto eu fui mais rápida e agarrei primeiro. Senti meu coração batendo na garganta.

— *Tudo bem aí? Estou atrapalhando algo? Então, Roger. Conversa com a gata, avisa do nosso esquema, estou louco para conhecer essa mulher. Como sei que é um homem de muito bom gosto, tenho certeza de que vou enlouquecer quando a vir. Assim você mata as saudades da Dafne e eu desfruto de uma noite de prazer com seu novo caso.*

Nessa hora, sem conseguir respirar direito, joguei o celular sobre a bancada e saí correndo para o quarto. Pouco tempo depois, Roger surgiu empalidecido.

— Chloe! — Ele encostou as mãos em mim e eu me afastei.

— Você e a Dafne? O André e a Kelly? Vocês... — Sufoquei o choro com a mão na boca. — Vocês fazem orgias? É isso? Os quatro? E sabe-se lá quem mais. Que horror!

— Calma, não é o que parece. — Caminhou em minha direção, para me abraçar e eu o empurrei.

— É o quê, então? O André disse com todas as letras, que nojo! Ele não tem ideia de quem é a gostosa que pretendia traçar. Vocês são nojentos! Por isso ele vivia me dizendo que você não era pra mim, que vocês dois possuíam gostos parecidos! — vociferei, descontrolada. — Quem mais? O Tony também? Quem mais?

— Apenas o André e eu, o Tony não tem noção. E não fazemos orgias. —

Sentou-se na cama, me olhando desolado, enquanto eu o encarava com lágrimas escorrendo sem parar. — Apenas troca de casais, seu irmão e eu trocamos de parceiras praticamente desde que nos conhecemos, começou por acaso. Conhecemos duas garotas e elas nos apresentaram essa possibilidade. Não paramos mais, sempre saímos com mulheres que gostam desse tipo de relacionamento. — Passou a mão pelos cabelos e continuava a me olhar confuso.

— O que mais? Fazem ménage? Também gostam de ficar olhando enquanto outro come sua namorada? — Senti meu estômago embrulhando.

— Não! Claro que não! — gritou exasperado. — Não, isso não. Usamos motéis, alugamos dois quartos, cada um fica com uma garota em total privacidade, não curtimos ménage. Pelo menos, eu não. Não posso responder isso pelos outros. Mas isso foi até você aparecer, Chloe. Ouviu o que seu irmão disse, estou distante.

— Quem disse isso foi a Dafne — afirmei, irritada.

— A Dafne, seu irmão, o Tony. Você sabe, terminei com a Kelly e estou com você desde então, nossa relação é diferente, jamais compartilharia você com outro... jamais, mal suporto ver alguém olhando para você, muito menos tocá-la, nunca. — Aproximou-se me olhando com os olhos apagados e sem brilho.

— E quem disse que eu me prestaria a algo desse tipo? Isso é doentio. Por isso, quando comentei uma vez do vício da Kelly, meu irmão disse que o que realmente importava é que ela era gostosa. Claro, ela esquentava a sua cama e a dele. E a Dafne, aquela vaca. Me fala, o que conversaram naquele almoço? Os quatro?

— Chloe!

— Quero saber! — berrei.

— Queriam sair. A Kelly ainda sai com o André. Mas eu não saio mais com a Dafne e ela queria marcar algo. Eu disse que estava em outra. Olha pra mim, por favor — suplicou.

— Estou com tanto nojo de vocês, que só não vomitei porque estou com o estômago vazio, tamanha repulsa dos quatro. Você, meu irmão. Nem sei como vou encará-lo depois disso. E a vaca da Dafne. — Passei por ele em direção ao

closet, peguei minha mala e comecei a juntar minhas coisas.

— Espera, não vai. Me ouve. — Ele me tocou e, mais uma vez, eu o empurrei furiosa com lágrimas escorrendo.

Juntei todos meus pertences e me troquei.

— Não se preocupe, sou incapaz de revelar a alguém o que acabei de descobrir. Liga pra ele, diz que está voltando à ativa, aproveita e acaba com o tesão daquela vaca da Dafne. — O encarei uma última vez. — Vocês estavam certos, você não serve pra mim. — Respirei fundo, abri a porta e a fechei com força.

Quando cheguei até a garagem do prédio, me deitei no banco e chorei por mais de meia hora até me sentir segura para dirigir. Foi em vão... continuei chorando por todo o caminho. Assim que pisei em casa, coloquei os óculos escuros mesmo sendo noite para disfarçar meus olhos inchados. Cumprimentei meus pais que estavam na sala.

— Já? Pensei que só voltaria amanhã — comentou minha mãe.

— Resolvemos voltar mais cedo. — Forcei um sorriso. — Vou subir.

— O Fog está deitado na sua cama — disse meu pai assim que comecei a subir as escadas.

Entrei no meu quarto, joguei a mala longe e me deitei agarrada ao Fog, que me lambeu entendendo o quanto eu estava sofrendo.



Adormeci e acordei com o Fog me olhando com compaixão, deitado aos pés da minha cama todo encolhido.

— Oi. Bom dia. — Ele ergueu as orelhas e veio até mim. — A coisa está feia para o meu lado, cão. Estou amando quem não deveria ser amado, justo eu... a centrada, a tranquila Chloe, que não se apaixonava com facilidade como suas amigas, a que não suspirava pelos cantos à toa. Pois é, Fog. O feitiço virou contra a feiticeira e eu entrei pelo cano, literalmente. Não pensei direito ou não quis apenas me deixei levar por um rosto bonito, um corpo perfeito e uma lábia irresistível. Tantos anos sendo prudente para cair de quatro pelo amigo cafajeste do meu irmão. O André? Como vou olhar pra ele, sem me lembrar daquelas palavras. — Fog, deitou sua cabeça no meu colo enquanto eu acariciava sua orelha. — “... tenho certeza de que vou enlouquecer quando a vir...”. Ah! Mas vai mesmo, irmãozinho. Se soubesse que a mulher que seu amigo estava saindo era a sua irmã, piraria. Que nojo! O que eu faço, cão? Dou uma bicuda em tudo e volto para a Itália? — Ele me lambeu. — Tem razão! Fugir não é a melhor solução. Vou tomar um banho, passar um pouco de maquiagem nesse meu rosto

inchado de tanto chorar e descer para comer algo. E amanhã, quando voltar ao trabalho e der de cara com o Roger — suspirei —, não sei qual será a minha reação, essa é a verdade. — Desabei sobre os travesseiros, permaneci por alguns instantes e caminhei até o banheiro.

Revigorada, pelo menos uma parte de mim, o exterior, porque o meu interior continuava destruído, abri a porta para que o Fog pudesse sair, aproveitei e dei uma olhada pelo corredor, por sorte nem sinal do André. E esperava que o Roger tivesse a decência de não aparecer. Peguei meu celular e ele não enviou mensagens. Melhor assim. Criei ânimo e desci.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia, dormiu bem?

— Aham! — menti e joguei o cabelo sobre o rosto para esconder um pouco os olhos ainda levemente inchados. — E o povo da casa?

— Seu pai no escritório, seu irmão dormindo e a Lalinha está de folga. Quer que eu prepare um sanduíche?

— Ah! Não, mãe. Obrigada. Vou comer banana amassada com aveia. — Peguei duas bananas, amassei e quando abria o armário para pegar a aveia, André entrou na cozinha todo empolgado.

— Olá! Mulheres da minha vida. — Beijou minha mãe e caminhou em minha direção.

— Bom dia — falei secamente e me esquivei do beijo.

— O que te mordeu, Chloe? E chegou mais cedo, por quê? — indagou, curioso.

— Nenhum bicho me mordeu, André. Apenas resolvi vir mais cedo para casa. Mãe, será que a senhora ou o papai poderiam ir comigo ver alguns modelos de carros? Quero e preciso de um.

— Filha! Não me incomode de emprestar o meu, mas se quiser o seu, claro, podemos visitar algumas concessionárias.

— Eu sei, mãe, está passando da hora. A poupança não está rendendo nada, então pensei em comprar um carro e, quem sabe, um apartamento. Preciso fazer algumas contas.

— Te ajudo com o carro, Chloe — André se ofereceu.

— Não! Obrigada. Não, mesmo.

Minha mãe riu, sem ter noção da minha tamanha repulsa por ele.

— Chatinha — André disse e apertou minha bochecha.

— Quanto ao apartamento, posso ajudar também. Mas saiba que estou amando tê-la conosco depois desses anos todos morando fora. Sou sua mãe e não sou burra, venho notando o quanto está mudada, madura. Morou sozinha e é difícil se acostumar à rotina de antes. — Sorriu, docemente.

— Não é mudança de imediato, mãe. Quero ver algo na planta, futuramente sim. Gosto de ter o meu cantinho. E amo morar com vocês. — Beijei seu rosto.

— Chloe, só faço uma ressalva! Compre um apê bem grande, prometo te fazer companhia às vezes. — André se serviu de um sanduíche de salame com queijo e saiu.

— Ele deveria aprender com você. Já está com quase quarenta anos e nunca disse uma única palavra sobre ir morar sozinho — ela sussurrou, rindo.

Claro! Pra quê? Não tem o mínimo interesse em crescer, se casar e constituir uma família. E eu achando que desta vez com a Dafne a coisa era séria.

— Vou ler um pouco na sala. Se precisar de algo, grita — brinquei.

Subi até o quarto, peguei meu livro, desci e me joguei no sofá. Tentei focar numa ótima história e nem minha escritora preferida de thrillers, a Karin Slaughter, conseguiu fazer com que eu parasse de processar tudo o que havia descoberto na noite anterior. Quem poderia imaginar... André, Dafne, Roger e Kelly. A Kelly sempre mostrou ser fora de órbita, no entanto, a Dafne, essa me enganou direitinho. Não conseguia imaginar ela e o Roger juntos, era torturante. Se ele fazia com todas o que fazíamos, sem dúvida esse era o motivo de tanta

saudade... Vaca! E eu achando que o que tínhamos era único.

Enrolei mais um pouco na sala e mais tarde, em companhia dos meus pais, almoçamos. Lavei a louça, voltei para o meu quarto e lá permaneci até o horário do jantar, pedimos uma pizza e saboreamos com um excelente vinho da coleção do meu pai. Foi ótimo, o vinho me ajudou a relaxar e dormi feito uma pedra.



Acordei com despertador do celular. O desânimo tomou conta, quando lembrei que evitar o Roger seria impossível. Sem alternativa saltei da cama e segui para o banheiro. Escolhi um terninho azul bebê feito sob medida e uma regatinha branca, fiz um rabo de cavalo, uma maquiagem normal para o dia, calcei sapatos de salto mais altos que o habitual e me juntei com a família para o café da manhã.

André como sempre falando mais do que meus ouvidos poderiam suportar. Toda vez que ele me tocava, eu sentia ojeriza e ficava imaginando se um dia essa sensação iria passar.

Aproveitei a carona com os meus pais e conversamos sobre modelos de veículos, realmente eu estava precisando distrair meus pensamentos, qualquer assunto era mais pertinente do que a recém-descoberta do pacto entre o homem que eu amava e o meu irmão. Ao descer do elevador, no andar em que trabalhava, acelerei os passos até a minha sala e fechei a porta, ver o Roger passar era a última coisa que eu queria. Trabalhei a manhã toda e só enviei um e-mail com assuntos profissionais, pois era assim que as coisas seriam de hoje em diante. Terminei o expediente, aliviada por não cruzar com ele nem de relance.

No decorrer dos dias, não tive a mesma sorte, seria pedir muito. Meu coração fibrilava como se estivesse à beira de um colapso, todas as vezes que os olhos dele procuravam os meus. Trabalhamos no mesmo andar, nossas salas eram lado a lado e nossas funções praticamente as mesmas. Nós nos esbarramos algumas vezes e em todas elas o evitei ao máximo. Embora eu respondesse diretamente a ele, nosso contato passou a ser por e-mails internos. Percebi que, assim como eu, Roger também andava me evitando. Apesar de ser dura na queda, como as minhas amigas costumavam dizer, não estava sendo nada fácil. E

só de abrir minha caixa de e-mails e ler Roger Alcântara Munhoz – Diretor Financeiro, meu coração quase parava. Em uma tarde, praticamente encerrando o expediente, comecei a procurar imóveis na planta, a possibilidade de ter o meu próprio apartamento no Brasil me deixava animada.

Levei um susto quando André entrou acompanhado por Roger, na minha sala.

— Irmãzinha! Podemos falar com você?

Olhei para os dois, preocupada com o falar com você. Sinceramente não acreditava que eles quisessem conversar sobre aquele assunto, aqui.

— Qual o assunto? — Endireitei a postura e os encarei.

André deu a volta e olhou para o monitor, enquanto Roger permanecia calado.

— É sério mesmo? Vai comprar um apartamento? — André perguntou.

— Claro que sim! Não costumo voltar atrás das minhas decisões. — Fuzilei Roger com o meu olhar. — Deveria fazer o mesmo. Trinta e oito anos e ainda mora com os pais, é vergonhoso.

— Não acho, Chloe! A casa é grande, espaçosa e extremamente confortável.

— Pois deveria repensar, André. Assim poderia ter mais privacidade com as suas coleguinhas. Promover festinhas e tantas outras coisas que não convém dizer. Mas, enfim, o que querem? — Cruzei o olhar com o do Roger e ele não se abalou com nada do que eu tinha dito.

— É o seguinte. — André deu a volta e sentou-se à minha frente. — Precisamos cortar gastos. Roger e eu conversávamos sobre a possibilidade de mudarmos o plano de saúde da empresa. Um plano mais acessível, nossa receita atualmente está bem alta e a operadora na qual somos conveniados, segundo o Roger, está se negando a uma nova negociação.

— Entendi. — Fiz um coque e o preendi com um lápis, pensei que o teor da conversa seria outro e cheguei a sentir uma onda forte de calor. — Você já cotou

algo, André, com outras operadoras? Podemos diminuir, mas não podemos perder a qualidade. E Roger, me passa o contrato, vou dar uma analisada. — Olhei para ele e senti minhas pernas bambearem, no instante em que se sentou ao lado do meu irmão.

— Conversei com o seu irmão, e provavelmente teremos que mudar de operadora, eles estão irredutíveis. Pesquisei algumas e podemos chegar a um consenso. — Ele fixou os olhos na minha boca e o calor se espalhou por partes que não deveriam.

— Tudo bem — disfarcei. — Amanhã esse assunto será o primeiro na pauta do dia. Acredito que até o horário do almoço estará tudo resolvido. — Desliguei o computador e o fechei. — Só isso? — Levantei.

— Dispensada — André brincou.

— Até amanhã. — Peguei minha bolsa e saí.

Dei graças a Deus, quando encontrei com os meus pais a caminho do elevador. Porém, minha alegria durou pouco.

— Pai, amanhã a Chloe e o Roger vão rever o contrato.

Entramos no elevador e eu fiquei com medo de demonstrar o meu nervosismo, diante da presença dele.

— Verdade. Amanhã vamos resolver essa pendência — concordei.

— Sei que sim, filha. O Roger e você formam uma bela dupla. O departamento de finanças conta com dois exímios profissionais — meu pai falou todo orgulhoso.

— Obrigada, pai.

Roger meneou a cabeça, sorrindo discretamente em sinal de agradecimento.

A saia justa do elevador foi o suficiente para me deixar deprimida, a vida não era nada fácil. Amar um homem que seus pais admiravam e seu irmão o achava um canalha, mas o admirava também, porque afinal das contas eram iguais. E você tentando de todas as formas possíveis e imagináveis fingir que

não estava nem aí, quando na verdade mal conseguia se sustentar sobre as próprias pernas.

— Chloe! Vem comigo — André me chamou ao chegarmos no estacionamento.

— Ah, não! Vou com os nossos pais mesmo.

— Vai, filha! Vai com seu irmão — minha mãe, sem saber os meus motivos, insistiu.

— Também estou indo para a sua casa, se quiser uma carona — Roger disse sem a menor cerimônia.

— Por isso vou comprar um carro, assim tenho total liberdade de fazer o que bem entender. Agradeço a todos, vou chamar um Uber. — Irritada, peguei o celular.

— Ei! Está tudo bem? — Minha mãe, segurou minha mão.

— Não, mãe. Quer saber, não está. Estou sufocando. Preciso dar uma volta. Vou chamar um Uber e dar umas voltas por aí, repensar algumas coisas e a senhora sabe que esse é o meu jeito de fazer isso.

— Pegue o meu! Nada de Uber! — André me deu as chaves e o documento do carro. — Vou com o Roger, não sei o que está acontecendo, mas se precisa colocar a cabeça no lugar, a solidão é a melhor companhia.

Esse era o irmão que eu tanto amava.

— Obrigada. — Peguei as chaves. — Pai, não se preocupe não vou voltar para a Itália, não precisa me olhar assim. O meu problema está no Brasil. — Beije o rosto dele e passei pelo Roger pisando firme.

O carro do Roger ficava bem ao lado do veículo do André, entrei apressada e arranquei. Liguei o som no último volume e começou a tocar: *Every Breath You Take*, de The Police. Para me acalmar enquanto dirigia passei a inspirar e expirar, segundo a Sarah era ótimo para aliviar a tensão. Rodei por quase duas horas, parei apenas para abastecer em um posto e chupar um sorvete; sentindo-me melhor, voltei para casa.

Quando entrei, dei de cara com a minha família e o Roger de cabelos molhados, provavelmente ele iria dormir em casa e isso era um problema, por isso a compra de um apartamento tornou-se indispensável. Eu teria que repensar em adquirir algo pronto ao invés de um imóvel na planta.

Trabalhar com ele já era um fardo muito pesado de se carregar, quanto maior a distância, melhor seria para o meu coração.

— Oi — falei. — Obrigada. Talvez compre um carro igual. — Entreguei as chaves e o documento para o André.

— Está melhor? — perguntou, preocupado, assim como os demais que me olhavam.

— Pode-se dizer que sim. Bom, vou deitar. Boa noite. — Acenei.

— Chloe? Não vai comer nada? — perguntou meu pai.

— Chupei um sorvete, pai. Estou bem — respondi subindo as escadas.

Abri a porta e Fog apareceu do nada e entrou correndo.

— Você? Seja bem-vindo. — Beijei a cabeça dele. — Toma conta de tudo, vou tomar um bom banho. — Entrei no banheiro, voltei e tranquei a porta do quarto. Se o Roger pensa que vai invadir o meu quarto pode tirar o cavalinho da chuva. Nem meu quarto e muito menos a minha vida.

No chuveiro relaxando, pensei que por conta dessa pequena explosão eu teria que arranjar uma boa desculpa para os meus pais e irmão. Porque os três ficaram preocupados com a minha súbita mudança de temperamento, eles me conheciam o suficiente.

Pegar no sono estava difícil e meu estômago roncava, então como já passava da uma da manhã, resolvi ir até a cozinha e buscar uma fruta. Desci descalça para não fazer barulho, apanhei uma maçã na geladeira, lavei e quando dava a primeira mordida, Roger apareceu.

— Oi — ele disse tão surpreso quanto eu. — Estou com a garganta seca. — Apontou para a geladeira.

Eu o olhei e quase cuspi o pedaço da maçã para longe, tamanho o susto.

Ele pegou um copo, encheu e o virou. Eu disfarcei, não consegui evitar. Era muita tentação vê-lo de pijama curto bebendo um copo de água gelado, sexy demais para o meu gosto. Mordi seguidas vezes a minha maçã e minha boca ficou cheia, me senti ridícula.

Ele encheu outro copo e o virou com a mesma rapidez. Assim que comi a fruta, abri o armário e peguei uma barra de chocolate.

— Está servido? — ofereci.

— Melhor não. Está impossível dormir, se comer chocolate a coisa só vai piorar. — Virou o terceiro copo de água.

— Está calor mesmo. — Devorei praticamente meia barra de chocolate em segundos.

— Está bem quente. — Ele me olhou de cima a baixo. Só aí me dei conta que estava de camisola preta de seda. — Água? — ofereceu, disfarçando.

— Aceito. — Nas atuais circunstâncias aceitava qualquer coisa. Guardei o restante da barra e encostei no armário, por conta das pernas trêmulas.

Ele encheu o seu copo e me entregou.

— Obrigada. — Peguei, virei apressada, e acabei derrubando nos meus seios. Ele olhou e engoliu em seco.

— Quer mais? — perguntou assim que devolvi o copo para ele.

— Não, obrigada. — Passei a mão sobre a camisola molhada. — Maçã, chocolate, água, estou satisfeita. Vou... — gaguejei. — Dormir.

— Eu também.

Desajeitada e com os desejos aflorados ao sair esbarrei nele.

— Você primeiro. — Fez menção para que eu passasse.

Passei na frente dele; enquanto eu subia as escadas, ele ofegou atrás de

mim.

Trocamos olhares afogueados ao pararmos em frente às portas de nossos quartos.

— Boa noite — sussurrei, com o coração saindo pela boca.

— Durma bem — balbuciou.

Entrei rapidamente, porque se continuasse ali com certeza eu me entregaria a ele mais uma vez.

Demorei muito para dormir, só consegui quando coloquei os fones no ouvido e as músicas surtiram efeito.



Na manhã seguinte, acordei com uma saudade dele devastadora, tão perto e ao mesmo tempo a quilômetros de distância. Desci e ele não estava mais, pelo visto acordou bem cedo. Meu coração apertou e a tristeza era visível.

No caminho até a empresa permaneci calada, olhando o vai e vem das pessoas. Entrei na minha sala e o contrato estava sobre a minha mesa, ele já havia chegado. Desanimada deitei a cabeça sobre os documentos, e acabei cochilando.

— Chloe! — Roger colocou a mão no meu ombro.

— Oi. — Despertei assustada, tentando me situar.

— Está tudo bem? — ele inquiriu, preocupado.

— Está sim. Só estou com um pouco de dor de cabeça — menti, massageando as têmporas.

— Tem certeza? — insistiu.

Puxei um longo suspiro.

— Quer saber mesmo?! — Apoiei a cabeça com as mãos sobre a mesa. — Não estou nada bem, minha vida está uma bagunça desde que você entrou nela, eu vivo em uma montanha-russa desgovernada. Já nem sei mais quem sou. — Levantei e caminhei para longe dele. — Não consigo pensar direito depois daquele maldito dia, tem horas em que sinto ódio de você, do André, da Dafne, da Kelly... de mim. E não tenho coragem de contar a ninguém, não vou expor vocês. Estou me sentindo sufocada, parece que vivo com alguém apertando a minha garganta. E nunca... — Caminhei na direção dele. — Nunca me senti assim, não tenho ideia do que fazer.

— Eu sinto muito.

— Sente? Tem certeza? — Afastei-me e ele me puxou, ficamos perigosamente próximos.

— Sinto muito mesmo. Não tinha a intenção de virar a sua vida de cabeça para baixo, Chloe.

— Pois *virou* — enfatizei. — Tem noção do quanto me sinto impotente? Claro que não. — Ri, ironicamente. — Você é como o meu irmão, trinta e oito anos e não sabe o que realmente quer da vida. Bonitos, bem-apegoados, uma vida confortável, mulheres que despenham do céu na cabeça de vocês. Pra que se preocupar com os outros ou com o estrago que possam causar na vida da outra pessoa. Por que eu?

— Nada do que eu disser pra você, vai fazer diferença, já fui sentenciado. Mas eu tenho um coração, Chloe. Não sou essa pedra de gelo que você pensa. — Ele se afastou e o meu coração começou a bater descompassado. — Quando tiver uma posição a respeito do contrato me avise, por favor.

— Claro. — Arqueei uma sobrancelha. — Se me der licença, preciso trabalhar. — Voltei para a minha mesa.

Idiota! Se fazendo de vítima. Se tinha um coração, ele esqueceu em algum lugar.

Peguei o contrato, li e reli; resolvi ligar para o corretor, conversamos por quase uma hora e ele aceitou minha proposta. Titubeei em enviar um e-mail, porém para mostrar que não me intimidava, pelo menos na empresa, imprimi uma cópia com a proposta e fui até a sala do Roger.

Dei dois toques e entrei.

— Eu conversei com o corretor, chegamos a um acordo, vamos migrar para um plano inferior, alguns hospitais credenciados permanecerão, o custo será reduzido em 35% e ele incluiu plano odontológico. — Entreguei a proposta.

— Caramba! Ele estava irredutível — disse, surpreso. — Enviou uma cópia para o e-mail do André e outra para a sua mãe?

— Não. Vim primeiro mostrar pra você, se estiver de acordo.

— Chloe, você é uma excelente profissional. Ótima negociação.

— Obrigada, não fiz milagre algum, apenas blefei. E ele recuou, só isso. Vou enviar as cópias. Dá licença. — Virei apressada.

Eu saí da sala dele completamente aliviada. Voltei para a minha e enviei as cópias para o André, que era o diretor geral, e para a minha mãe, a gerente do RH. Nossa metalúrgica não era grande, meus pais batalharam muito para transformá-la na empresa que era hoje. Sempre trabalharam juntos e começaram com um pequeno negócio, praticamente de fundo de quintal, muita determinação e várias noites em claro. Eles nos ensinaram que se quiséssemos algo, precisávamos lutar para conseguir. Eu acredito que tenha aprendido direitinho; já o André, tenho algumas ressalvas. Ele era muito competente no que fazia, contrapartida gastava muito também. Ambos responderam assim que leram o e-mail, me parabenizando. Quando o dia terminou estava me sentindo bem melhor, não pelo contrato, mas por ter dito como me sentia para o Roger. Meus pais me acompanharam em duas concessionárias e gostei muito de um carro esportivo da marca AJS chamado Blue Day. Gostei tanto do modelo quanto do nome. Aliás, bem sugestivo, para quem amava a cor azul. Fizemos o teste drive e optei pela compra, sou prática e meus pais concordaram com a minha escolha. A menos de uma semana, eu estaria pilotando a minha própria nave. Aos poucos estarei retomando meus hábitos de uma mulher independente e descompromissada.

Os dias passaram, e embora Roger e eu às vezes nos olhássemos como se algo estivesse pairando sobre nossas cabeças, eu resolvi subir o próximo degrau da minha vida. Para comemorar a compra do carro novo, convidei as meninas para sairmos no sábado. Caprichei na produção mais do que de costume e empolgada caí na noite com minhas amigas, dançamos, rimos, contei as últimas novidades entre mim e o Roger, elas insistiram e eu acabei contando o motivo

real da nossa separação. Ambas ficaram de boca aberta, e apoiaram a minha decisão. Saímos da casa noturna por volta das quatro da manhã, levei a Sarah para casa porque a Bel iria dormir na minha.

Entramos rindo dos comentários da Bel em relação ao seu chefe, e o quanto ele se encaixava perfeitamente dentro dos meus padrões.

— Pirou?! Não quero saber de ninguém tão cedo — falei e abri a porta.

— Para, Chloe! Ele é gato, mostrei uma foto sua, te achou linda.

— Maluca! Bela amiga. — Ouvimos barulho vindo da área externa, onde ficava a churrasqueira.

— Hum... Festa? — Ela disparou em direção ao jardim, eu fui atrás.

Demos de cara com os rapazes acompanhados de mais dois, que nunca havíamos visto, bebendo e fazendo churrasco. Pelo tamanho da pilha de latinhas de cerveja bebiam há horas.

— Uau! Festa? Nem fomos convidadas — Bel disse, brincando.

— Oi, gente! — Acenei e cruzei o olhar com o Roger.

— Juntem-se a nós. — André abraçou a Bel.

— E os nossos pais? — perguntei.

— Estão no oitavo sono — André respondeu. — Cerveja, meninas?

Tony passou duas latinhas e nos sentamos ao lado deles.

— André, nunca nos disse que tinha uma irmã? — Um rapaz loiro de olhos pretos perguntou e sorriu.

— Prazer, Chloe. — Dei um tchauzinho.

— Prazer! Anderson

— Prazer, meninas — disse o outro rapaz tão simpático quanto o primeiro.
— Sandro.

— Prazer, rapazes. Isabel. Mas todos me chamam de Bel. — Ela sorriu.

— Para chegar até a Chloe, tem que passar por nós três — André disse apontando para ele, Roger e Tony.

— Ele tem razão — Tony concordou amassando sua latinha vazia.

— Ah! É? Aumentou? Agora são três? Puxa! — Encarei o Roger.

— Sem problemas. — Anderson piscou.

Sorri entrando na brincadeira. Roger se levantou, foi até a churrasqueira, pegou um bife de picanha, fatiou, colocou em um prato e passou nos servindo.

— Será que isso inclui o meu chefe? — Bel começou a dizer sua teoria. — Ele está caidinho pela Chloe, um gato de 35 anos. Perfeito para ela, ele é um amor.

— Bel? Surtou? — gargalhei, principalmente ao ver a cara do Roger.

— E por que está empurrando ele para a Chloe, Bel? Já que o cara só tem qualidades fica com ele pra você — Tony brincou, rindo.

— É, por quê? — reforcei a pergunta.

— Não sabe, amiga? Tem certeza?

Eu a olhei sem entender.

— Bom. — Virou a cerveja na boca. — Eu os apresentei no outro dia, e ele desde então não me dá sossego. Se a Chloe levar o meu chefe a sério, com certeza serei promovida.

Gargalhei, pois ela estava inventando tudo, para deixar o Roger puto.

— E você ri? Chloe Vitória? — Tony disse achando graça.

— Vou chorar? — Sorri pra ele.

— Esse eu deixo, só preciso conhecê-lo antes — meu irmão concordou.

— Tenho dó de você, Chloe — Sandro falou.

— André, não tem que deixar nada. Cuida da sua vida, porque da minha eu cuido muito bem. — Levantei, joguei a latinha vazia no lixo e peguei outra. — E você não dá corda. — Sentei ao lado do Tony e o cutuquei.

— Você é uma das mulheres da minha vida — Tony disse me abraçando.

— Tony! Você é um gato. Mas a Chloe e o meu chefe seria ideal — Bel reafirmou.

— Obrigado, Bel — ele agradeceu.

— Vai me dizer que você, Chloe, nunca ficou com nenhum dos amigos do seu irmão? — Anderson me perguntou.

Tomei uma boa golada de cerveja para disfarçar.

— Já. — Soltei uma gargalhada.

Roger sorriu com olhos quando eu disse isso.

— Como já? — André indagou.

— Não olhe pra mim. — Tony riu.

— Quem, Chloe? — meu irmão continuou insistindo.

— Morra de curiosidade, irmãozinho. Viu? Anderson, cão que late não morde. Fiquei com um amigo bem debaixo dos olhos dele e ele nem se deu conta.

— Caramba, Chloe! Por essa eu não esperava. — André meneou a cabeça.

— Eu sei que não.

— Então tenho chances, Chloe? — Anderson perguntou.

— Tem sim. — Sorri carinhosamente para ele.

Todos riram, menos meu irmão e o Roger.

— Gente! Meu aniversário é no próximo sábado. Todos estão convidados. Na casa noturna *Black Dance* — Bel falou. — Lá é uma delícia.

— Eu vou, Bel — Tony assentiu.

— Eu também — André falou e olhou para o Roger. — Boa oportunidade para você levar sua namorada nova, Roger.

— Se eu for, vou sozinho. Terminamos! Apenas um caso sem importância. — Ele tomou um generoso gole da sua cerveja.

Bel me olhou indignada e eu senti vontade de arremessar a minha latinha na cabeça dele, talvez um soco seria melhor do que ouvir que você não significou nada.

— Conte conosco, Bel — Sandro também confirmou presença.

— Amei, meninos. — Bel sorriu, empolgada.

— Vai convidar seu chefe? — Sandro perguntou.

— Já convidei. — Ela piscou para mim.

— Então vamos disputar a Chloe na porrada. — Anderson sorriu me encarando.

— Vai o caralho! — André bufou.

— Bel? Eu vou subir. Se quiser ficar — falei cansada e chateada pela pancada do Roger.

— Vou também. Estou morta. Bye, meninos. Até sábado. — Ela jogou um beijo.

— Até. — Dei um tchau coletivo e saímos.

Antes de nos deitarmos, Bel me disse que inventou a história com o chefe para deixá-lo enciumado. Entretanto, não poderia esperar que ele seria tão insensível. Desejo de todo coração que ele não compareça a festa no sábado. Ela foi para o outro quarto de hóspedes porque com certeza o Roger ocuparia o dele.

Quanto a mim, dormi soluçando por conta do comentário dele sobre o nosso insignificante relacionamento.



Depois do chacoalhão do último final de semana, prometi para mim mesma que não quero relacionamentos tão cedo. Como comentei com a Bel, valeu a lição. Focar no trabalho era a melhor solução e era exatamente isso que vinha fazendo no decorrer dos dias. Meus pais precisaram sair para resolver assuntos fora da empresa e, como geralmente almoçava com eles, pedi uma salada com um grelhado. No momento em que caminhava até a recepção para buscar minha encomenda encontrei com a Dafne e o Roger saindo da sala do André.

— Oi — cumprimentei-os sem graça ao vê-los rindo de alguma coisa que deveria ser bem engraçada. Paguei o entregador e retornei até eles. *Fugir não é o meu estilo.*

— Chloe! — Dafne me cumprimentou com um beijo. — Quanto tempo! Adorei seu vestido, lindo.

— Ah! Obrigada.

— Vai almoçar sozinha hoje? — André perguntou.

— Vou. Nossos pais saíram, o pessoal me convidou, mas bateu uma preguiça. — Fingi não estar incomodada com os três e o envolvimento carnal entre eles.

— Vamos conosco? Voltei de viagem, por isso estava sumida. Vamos? — insistiu Dafne com seus olhos extremamente maquiados.

— Agradeço, estou sem um pinga de vontade de sair com esse calor, prefiro ficar, comer minha salada acompanhada do ar condicionado. — Forcei um sorriso.

— Que pena! Eles comentaram do aniversário da Bel. Vou passar no shopping mais tarde. Tem alguma sugestão?

— Livros! Com certeza. A Bel ama romances de época. Todos sem exceção.

— Você não? Não gosta?

— Minha irmã prefere um bom thriller — André comentou.

— Verdade. Sou aficionada por thrillers.

— Eu amo os hot. — Fez uma cara estranha ao dizer e o André a olhou com olhos famintos.

— Os preferidos da Kelly também. Eu mesmo comprei várias séries para ela — Roger enfim abriu a boca para soltar uma asneira, se estava tentando me fazer odiá-lo logo teria êxito.

— Livro é sempre um ótimo presente. — Acomodei nas mãos a embalagem com o meu almoço, disfarçando o incômodo daquele fatídico encontro.

— Também prefiro os thrillers — Roger concordou comigo, embora a preferência literária dele pouco me importava.

— Legal! Então, tá. Lá vou eu, antes que o meu grelhado vire uma borracha. Bom almoço pra vocês. — Mais uma vez forcei um sorriso e

cinicamente me despedi dela com um beijo no rosto. Detestava ser hipócrita, no entanto, em certas ocasiões, não nos restavam muitas escolhas. Enquanto caminhava para a minha sala, percebi Roger me olhando como se quisesse me dizer algo.

Almocei feito uma lesma rastejante, e voltei ao trabalho. Graças a Deus estava motorizada e não precisava esperar por carona. Caso quisesse dar uma volta pela cidade poderia fazê-la sem incomodar ninguém. Espairar era um grande aliado dos corações partidos. E comigo não tem sido diferente.

O restante da semana prosseguiu com nada fora da minha rotina habitual, tirando apenas o fato do Roger malhar todos os dias em casa; desde que brigamos ele intensificou os treinos, para evitá-lo eu não descia para jantar, esperava ele ir embora e me servia de uma tigela de leite com cereais. Minha mãe insistia que eu estava emagrecendo, talvez se soubesse o motivo me entenderia.

Na sexta, a situação se repetiu, mas o André e ele resolveram sair, então fiquei contente por poder fazer uma refeição decente, jantei com meus pais e a Lalinha ficou feliz, pois cismou que eu não gostava mais da comida dela.

Perto da meia-noite, eles foram se deitar e eu relaxei na sala em companhia do Fog e o filme *Uma linda mulher*, um clássico que eu amava. Peguei um pote de sorvete começado, piquei alguns biscoitos Oreo e me joguei no sofá como há tempos não fazia. Uma das vantagens de se morar sozinha. Quando o filme estava quase terminando, os dois entraram. André visivelmente aleginho; como ele era fraco para bebidas, estava bêbado ao nível máximo.

Fog levantou a cabeça e voltou a dormir. Eu continuei deitada no sofá, fingindo indiferença.

— E aí, Chloe! — André disse ao se jogar ao meu lado.

— Bebeu, hein? — comentei.

— Hoje, ele bebeu um pouco mais. — Roger sentou-se na poltrona da frente, trocamos olhares e rapidamente desviei.

— Percebi. — André se deitou e me abraçou.

— Amo você, Chloe. Minha irmã preferida.

— Sou a sua única irmã.

— Nunca vou deixar ninguém foder com a sua vida, nunca. Vou proteger você até o dia em que eu morrer, irmãzinha. — Ele me abraçou.

— Eu sei! Vai sim — ironizei. — Ei, não dorme em cima de mim não. Você é muito pesado, amanhã eu não ando. André? — Cutuquei o ombro dele. — André? Pelo amor de Deus!

— Vou levá-lo para o quarto. — Roger aproximou-se e segurou o meu irmão, que parecia um saco de batatas.

— Eu te ajudo.

Ele apoiou André em seus ombros e o levou escada acima praticamente arrastado. Eu segui atrás, passei por eles e, ao chegarmos no corredor, abri a porta do quarto e desfiz a cama dele enquanto Roger o segurava. Com muito custo o colocamos na cama. André dizia frases desconexas que nos fizeram rir.

— Está bem doido, André — abafei uma gargalhada.

— Ele fica muito engraçado quando está alto. — Roger sorriu e meu coração pulou no peito.

Tirei os sapatos e as calças dele, o cobri e saímos de fininho.

— Preciso desligar a TV — comentei apressada e comecei a descer as escadas, para a minha surpresa ele desceu atrás, o que não era uma boa ideia.

Desliguei a TV, peguei o pote de sorvete e levei para a cozinha. Roger ficou parado próximo à pia com as mãos enfiadas nos bolsos do seu jeans me observando calado.

— O que foi? — perguntei começando a me sentir vulnerável diante dos seus olhares furtivos e da excitação ao senti-lo tão próximo.

— Sinto sua falta. — Segurou na minha mão e me puxou. — Sinto pra caralho, Chloe. Estamos nos torturando, eu não suporto mais essa situação.

Eu fora invadida por uma miríade de sentimentos, varrendo minha sanidade, deixando-me completamente exposta.

— Eu também sinto sua falta — concordei mandando a razão para o espaço. — Muita, Roger. — Encostei minha boca na dele com os lábios entreabertos e ofegantes. Ele passou o nariz pela curva do meu pescoço e acariciou minha bunda. Eu gemi e mordisquei os lábios dele, que se abriram e engoliram os meus, nossas línguas impacientes se entrelaçaram num beijo sôfrego. No mesmo instante em que me devorava com a boca, levantou minha blusa e acariciou as minhas costas.

— Aqui não. Vamos para o quarto — balbuciei impaciente.

Segurei na mão dele e subimos novamente, entramos no meu quarto em meio ao desespero, tranquei a porta, tirei a blusa e ele veio até mim e abocanhou o meu seio, enquanto abria o zíper do meu short. O ajudei e me despi, ele fez o mesmo com as roupas dele sem desvencilhar o olhar, deitei de costas na cama, e ele começou a beijar o meu tornozelo causando arrepios intensos.

— Saudades de você, maluquinha — ele mal acabou de dizer, abriu as minhas pernas e lentamente começou a dar atenção VIP ao meu sexo latejante. Sua barba por fazer, roçando minha pele, era de enlouquecer. Agarrei os cabelos dele me contorcendo a cada investida da sua língua perversa. Tudo foi rápido, intenso e desesperador, como em todas as vezes que nos entregávamos. Erámos como duas labaredas de fogo se encontrando, nada e nem ninguém era capaz de abrandar o que sentíamos.

— Eu também estava morrendo de saudades.

Ele intensificou os movimentos e com uma das mãos agarrou meu seio.

— Adoro isso — rosnei.

Apertei minhas pernas em volta dele, prestes a atingir o orgasmo. Ele parou, levantou a cabeça e sorriu.

— Quero você. Preciso de você — murmurei sedenta para tê-lo tão pleno dentro de mim.

Roger afastou-se por um segundo e virou-me de bruços. Fiquei de quatro,

ele acariciou a minha bunda e a mordeu preguiçosamente e, sem nenhuma delicadeza, me penetrou, o que fez meu corpo projetar-se à frente. Suas estocadas eram violentas e deliciosas.

— Adoro você toda. Cada pedacinho do seu corpo — balbuciou e aumentou seu ritmo. Puxei a almofada que estava ao lado e abafei um grunhido mais alto. Quando ele apertou minhas nádegas e estocou com mais ímpeto, minhas pernas amoleceram e estremeci lubrificando-o com o meu líquido. Roger arqueou, e com um gemido gutural me preencheu completamente até a última gota de seu sêmen. Desorientada pelo orgasmo mais louco e intenso desabei na cama com ele sobre mim.

— Isso foi tão bom — elogiei, ofegando.

— Foi ótimo, maluquinha. — Afastou meus cabelos e beijou a minha nuca. — Você é uma tentação. — Ele saiu de cima de mim e deitou-se ao meu lado.

— Esses dias longe de você foram os piores. Sofri muito. — Apertei meu corpo contra o dele, o envolvendo com a minha perna.

— Não quero que sofra, Chloe. — Acariciou minha coxa. — Você é especial demais para sofrer.

— Então, não me faça sofrer. — Levantei a cabeça e o encarei. — Por favor — murmurei. — Jamais sofri tanto, com a indiferença de alguém como sofro por você.

Ele endireitou-se na cama e envolveu-me em seus braços.

— Não quero brigar com você. Nunca mais, Roger. — Lágrimas começaram a escorrer.

O homem que eu tanto amava não disse nada, apenas me olhou enternecido, aninhou meu rosto em suas mãos, secou as lágrimas com os polegares e beijou meus lábios com ternura. Extasiada pela nossa reconciliação acalorada e completamente entregue a ele e ao amor que até horas atrás me sufocava, respirei fundo e adormeci atrelada ao corpo dele.



Dei um pulo assustada quando Fog me lambeu, sorri para ele e me lembrei do Roger e da nossa noite. Uma pena acordar sem seu corpo aquecendo o meu em todos os sentidos. Apaixonada e completamente feliz, saí da cama e olhei no quarto dele, mas a porta estava aberta ele provavelmente havia acordado mais cedo. Fiquei tentada em ligar, por fim resolvi deixá-lo sentir minha falta. Enviei uma mensagem para as meninas contando sobre a nossa noite tórrida de amor. Ambas ficaram felizes por mim. Elétrica, me troquei correndo e desci.

— Bom dia, família amada — cumprimentei.

— Bom dia — meu pai respondeu.

— Viu periquitinho verde? — minha mãe indagou contagiada pela minha alegria tão evidente.

— Eu tive uma ótima noite de sono. — Me servi de um copo de suco. — Mãe, vamos comigo ao shopping? Preciso comprar o presente da Bel e quero comprar algo novo para vestir hoje à noite.

— Claro! Com o maior prazer.

Sorri para ela, agradecida.

— Almoço por minha conta — eu disse. — Vou me trocar, então.

— Já estou indo.

Não demoramos nada para nos arrumarmos e sair. O shopping não estava tão cheio como de costume, almoçamos primeiro e depois começamos a circular pelas lojas. Ela me ajudou com as compras, minha mãe tinha muito bom gosto. Escolhemos para a Bel, um vestido formal azul-marinho com detalhes em creme; e para mim, optei por um macacão tomara que caia em viscolycra preto, eu usaria com uma belíssima sandália preta com prata que trouxera da Itália. Eu queria que o Roger ficasse com o queixo caído. Como não ligou e nem enviou mensagens, resolvi caprichar e ficar linda só para ele.

Em casa e com a alegria brotando dos poros comecei a produção com um banho demorado e uma generosa camada do meu hidratante que deixava a minha pele macia do jeitinho que o Roger amava acariciar. Ao terminar dei uma última olhada no espelho e gostei do que vi. Seria a ocasião perfeita para assumirmos de vez a nossa relação. Ao pensar nessa possibilidade, minha euforia redobrou e eu não via a hora de encontrá-lo.

Ao descer, Sarah já se encontrava conversando com os meus pais.

— Hum... Vamos arrasar — ela disse assim que me viu.

— Oi, Sá. Acho que sim. — Pisquei para ela, que entendeu bem o recado.

Nós nos despedimos e saímos. Eu mais radiante impossível. Enquanto Sarah dirigia, eu contava para ela como estava cheia de expectativas em relação a minha volta com o Roger.

Assim que entramos, Bel veio toda esfuziante nos cumprimentar.

— Pensei que ele viesse com vocês — ela disse me abraçando.

— Daqui a pouco está chegando. E parabéns! Pela milésima vez. — Eu a parabenizei novamente. — Presentinho. — Entreguei a bonita sacola da loja em veludo dourado.

— Delícia, obrigada. E cá pra nós, Chloe! O homem vai surtar. Você está linda.

— Amiga! Vestida para matar. — Espalmamos as mãos.

— Já nos vimos, hoje — Sarah brincou com a Bel.

— Já sim, sua malinha. — Elas se abraçaram. — Meu chefe está para chegar. — Riu.

— Bel! Meu negócio é um moreno de olhos pretos. Você sabe. — Suspirei. — Acho que a minha cota de sofrimento por causa dele acabou, agora o que mais quero é assumir de uma vez o nosso relacionamento e ter um pouco de paz.

—Vamos lá com o pessoal, seu irmão, a Dafne e os amigos dele já

chegaram. Aliás, uma galera boa já chegou.

— E o Tony? — perguntei.

— Também não.

Nós três nos juntamos aos demais convidados. Bel escolheu os três mezaninos da parte de cima da casa noturna, com um espaço considerável para dançar e com uma visão privilegiada.

Cumprimentamos boa parte das pessoas e nos sentamos ao lado deles. Sarah e eu nos servimos de uma caipirinha de morango e engatamos uma conversa com meu irmão, Dafne e seus amigos.

— Chloe! Preciso visitar seu armário — comentou Dafne. — Adoro suas roupas.

— Obrigada.

— Só acho suas roupas, irmãzinha, justas demais.

— Eu acho que a Chloe está maravilhosa — Anderson disse sorrindo de lado.

Agradei um pouco constrangida. Por isso queria muito assumir logo meu namoro com o Roger, poderia evitar essas cantadas.

Como o Anderson continuava se insinuando, eu chamei as meninas e nos afastamos deles e começamos a dançar.

— Ele está dando em cima de você descaradamente, Chloe. — Sarah riu.

— Está, né? Percebi.

— Ele é bonitinho — Bel afirmou.

— É sim, mas meu coração já tem dono. Aliás, ele está demorando — comentei e olhei para o relógio.

— Acho que ele e o Tony vão vir juntos — Bel disse dançando sensualmente.

— Verdade! Não havia pensado nisso — ansiosa, concordei.

Estávamos rindo e dançando. O DJ anunciou a abertura oficial, luzes foram acesas e a casa noturna ficou parcialmente iluminada e imagens começaram a pipocar no telão. Pessoas dançando, animais correndo em uma espécie de savana, balões colorindo o céu, uma lua brilhante e imensa e tantas outras embaladas por uma música linda que nunca tinha escutado: *Sun In Your Eyes*, de Above & Beyond. Paramos para assistir. Absorta com a apresentação, senti um pulsar mais forte, meu coração vibrou de uma maneira diferente e eu tive a certeza de que ele estava ali. Virei-me e o observei lindo como sempre. Ele usava um jeans básico e uma camisa preta com os punhos dobrados. Eu abri um largo sorriso ao vê-lo e fiquei com a boca seca. Mas meu mundo desmoronou, algo dentro de mim estremeceu, quando meus olhos se fixaram na mão dele entrelaçada a de uma loira de cabelos longos, vestindo um microvestido azul. Ao som da bela música, em câmera lenta o tempo pareceu parar, meu coração estava sendo estilhaçado e seus pequenos fragmentos impediam a passagem de ar pelas minhas narinas. Cruzamos os olhares e ele conseguiu ver através da névoa preta que invadia o verde da minha íris o quanto eu estava desapontada, magoada e ferida. Desviei o olhar com as mãos trêmulas e um imenso nó se formou na minha garganta. Uma sensação desesperadora da qual jamais havia experimentado. Atordoada busquei pelos rostos das minhas amigas, que me olharam indignadas.

— Que porra é essa? — Bel indagou tão perplexa ou mais do que eu.

— Eu não sei — balbuciei com a voz embargada. — Eu não entendo. Por que ele está fazendo isso?

— Chloe! Olha pra mim. Inspira e expira, vai. Se acalma — Sarah disse apertando a minha mão.

— Filho da puta! — Bel partiu na direção dele, estava furiosa. Roger a cumprimentou assim como a loira, ela não correspondeu com entusiasmo, pegou o presente com desdém, mal agradeceu, colocou com os outros e voltou até nós, pisando duro.

Ele olhou na nossa direção e meneou a cabeça, como se eu fosse apenas uma convidada qualquer. A loira cumprimentou o grupinho que estava com o meu irmão e sentou-se ao lado deles.

— Meninas! Não estou bem — falei, com o choro explodindo.

— Vem aqui. — Sarah me puxou e nós três saímos em direção ao toalete.

Esperamos o banheiro ficar vazio e entramos. Bel fechou a porta e desabei a chorar compulsivamente. Um desespero me invadiu, fui sucumbida por uma dor que dilacerava meu peito. Ambas estavam com os olhos marejados.

— Ei, amiga! Ele não vale uma só lágrima sua. Esse vagabundo é um tremendo filho da puta. Só não enfiei um tabefe naquela cara de safado dele por você, Chloe. Não por conta da minha festa, mas por você. Idiota! — Bel abraçou-me forte.

Eu chorava como uma criança que o irmão acabara de arrancar a cabeça de sua boneca preferida.

— Chloe. — Sarah enxugou minhas lágrimas com o dorso da mão. — Você quer ir embora? Vamos? Ele não vale a pena. Não merece você. Vamos? Eu te levo.

— Vai, amiga! Se eu pudesse iria com vocês, acabou a minha noite. Esse cafajeste conseguiu estragar a minha festa que planejei com três meses de antecedência.

— Não! — Enfurecida fui até a pia e lavei meu rosto. — Não vamos. — Puxei uma folha de papel toalha. — Se eu fugir agora, como vou encará-lo na segunda? Esse verme não vai acabar com a minha vida. Sarah, me faz um favor? Pega a minha bolsa, tenho alguma maquiagem vou consertar o estrago que ele fez começando pelo meu rosto. — Suspirei, inconformada.

— Pega a minha também, Sá. Trouxe muita maquiagem. É isso, Chloe! Mostra pra ele que está cheio de homens que fariam de tudo por você. Meu chefe é um deles, tem o Anderson e mais um monte. Mostra para este trouxa do Roger que você é uma fênix. — Ela me abraçou.

— Vou lá. — Sarah saiu.

Pouco tempo depois, ela voltou trazendo nossas bolsas.

— O Tony chegou e perguntou por você. Eu disse que estávamos retocando

a maquiagem, o que não é mentira.

— Você não incluiu o Tony nessa sua lista de pretendentes, Bel — falei com lágrimas escorrendo. — Essa foi a última vez que o Roger me usou.

— Respira, amiga! Respira fundo. — Sarah me passou uma folha de papel.

Respirei, lavei mais uma vez o meu rosto, olhei minha imagem refletida no espelho e jurei que o Roger iria pagar por cada lágrima derramada. Com a ajuda das meninas, eu me maquiei. Por sorte, a Bel havia trazido seu estojo de bases e com alguns truques eu consegui esconder a cara de choro e a iluminação do local contava a meu favor. Quando terminei olhei para elas.

— Obrigada. Por tudo. — Abracei as duas, embora decidida ainda, estava inconsolável.

— Você já segurou nossa barra, se lembra? — disse Bel.

— Muitas vezes — Sarah emendou. — A Bel e eu sempre caímos de gaiato e você sempre disposta a nos ajudar. Nada mais justo, mas preferiria que não fosse dessa forma.

Meneei a cabeça mais uma vez agradecida.

— Lembre-se: ele não merece você — Sarah repetiu.

Assim que voltamos, o olhar dele foi certo sobre nós, Bel apertou a minha mão.

— Bel, vai lá, a festa é sua. Obrigada — balbuciei. Ela sorriu e foi cumprimentar algumas pessoas que haviam chegado. Incluindo o chefe.

— Chloe! Tudo bem? — Sarah perguntou, preocupada ao ver-me puxar o ar com esforço.

— Vai ficar. Pode *apostar* — enfatizei.

Tony sorriu e caminhou em nossa direção.

— Olha aí! Esse sim vale a pena, Chloe. Você merece um homem assim —

disse Sarah.

— Nós merecemos. Nós três merecemos alguém como o Tony — ressaltei.

— Olá, meninas lindas — ele disse nos beijando carinhosamente.

— Oi, Tony. Eu vou... — Sarah apontou para o grupo que dançava.

— Tudo bem? — perguntei para ele assim que ficamos a sós.

— Melhor agora. Que o André não me ouça, Chloe Vitória. Quando a vi fiquei paralisado. Está estonteante.

— Ah, Tony! Você é um homem maravilhoso. Eu é quem agradeço por tê-lo ao meu lado. — Sorri.

— Sei que sou péssimo, mas já que estamos aqui, quer dançar comigo? Embora eu tenha dois pés esquerdos. — Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Adoraria — concordei.

Ele serpenteou seu braço em volta da minha cintura e nos juntamos aos demais que estavam dançando. Ao passarmos pela mesa, meu irmão sorriu e fez um sinal com o indicador insinuando que iria cortar o pescoço do Tony. Sorri para ele e olhei com desprezo para o Roger.

Enquanto dançávamos *I'll Fly With You*, de Gigi D'Agostino, Tony me olhava como um homem olha quando realmente está interessado em uma mulher. Disposta a virar a página, sustentei o olhar dele.

A música *I Need You*, de Armin Van Buuren & Garibay (feat. Olaf Blackwood), começou e eu percebi que estava envolvida o suficiente para recuar e que, na verdade, era tudo o que eu queria e precisava. Eu faria o Roger provar o amargor de ser trocado.

— Provavelmente hoje vou perder a cabeça. — Tony me encarou com seus belos olhos castanhos.

— O André é um bobo. Não liga para ele.

— Sinceramente, não estou dando a mínima para o André. Está disposta a perder a cabeça comigo? — Segurou meu queixo e fixou seus olhos nos meus.

— Vou para a guilhotina com você. — Encostei minha boca na dele.

Tony apoiou uma das mãos na minha cintura e a outra enroscou nos meus cabelos, chupou meus lábios com maestria, nossas línguas se tocaram calmamente sem sofreguidão, seu coração sempre tão ritmado acelerou e eu me deixei envolver por seus beijos tranquilos e cheios de carinho. No mesmo instante em que nos beijávamos, seus dedos tocavam levemente a pele da minha nuca. A música terminou e outra agitada começou, e nós não percebemos, continuamos envolvidos, a sensação de paz que sentia na companhia dele não fora diferente envolta em seus braços.

— Chloe Vitória. Definitivamente você superou minhas expectativas.

Eu acariciei o rosto dele. Tony era tão doce.

— Você é linda. — Contornou meus lábios com o indicador, o possuindo em seguida.

Permanecemos dançando e nos beijando por meia hora.

— Quer beber algo? — perguntou acariciando a curva da minha coluna.

— Aceito, estou com a garganta seca.

Entrelaçou nossos dedos como costumava fazer e seguimos para a mesa. Nós nos aproximamos, e a grande maioria pareciam surpresos. Meu humor melhorou quando olhei para o Roger e ele retribuiu com a testa vincada.

Bem feito para você, Roger. Seu idiota! Prove do seu próprio veneno.

Tony se sentou e me puxou para perto dele.

— Ah! Que lindo — Dafne comentou. — Vocês dois têm tudo a ver. São fofos juntos.

— Tony e Chloe! Não bebi tanto assim, ou estou vendo coisas bizarras? — meu irmão disse virando seu copo de uísque.

— André, meu velho amigo! Sabe que sou incapaz de ferir os sentimentos de alguém. Muito menos os de uma mulher tão especial quanto a Chloe. Adoro sua irmã. — Beijou meus lábios na frente de todos.

— Tudo bem. — Ergueu as mãos. — Definitivamente eu me rendo.

— Acho bom. — Me servi de uma cerveja, dei um gole e passei a latinha para o Tony.

— Dancei — Anderson riu, debochado.

— Desculpa, irmão. Conheço a Chloe há mais tempo — Tony retrucou, brincando.

— Gente, me explica. O que eu perdi? — a loira, acompanhante do Roger, perguntou confusa diante do alvoroço.

— Eu sou Chloe, irmã do André, que namora a Dafne, que é amigo do Tony e do seu namorado. — Encarei o Roger. — O Tony e eu nos conhecemos a minha vida toda e por várias vezes flertamos, mas hoje, depois de tantos anos e algumas cabeçadas que euzinha dei por aí, resolvemos nos dar uma chance. Simples assim.

— Até que enfim, hein?! — Bel disse ao aproximar-se, fazendo um coração com os dedos.

— Lindos! Sou fã incondicional de vocês, estou na torcida há um bom tempo, Tony. A Chloe merece um homem sensacional como você — Sarah falou.

— Todas nós merecemos. Porque o que tem de homem podre à solta. — Ri sarcasticamente. .

— Obrigado, meninas. Vocês duas moram aqui. — Tony bateu sobre o peito.

Roger pediu licença, levantou-se e seguiu em direção ao banheiro. Sarah e Bel sorriram para mim, como sinal de triunfo.

Não sei se o Roger ficou tão abalado como eu fiquei quando o vi chegando com a loira. Ele não contava com isso, que eu o trocaria com a mesma

velocidade. Espero que se sinta usado, abandonado, jogado para escanteio, descartado, na verdade que ele se sinta um verdadeiro lixo. Pois era isso que ele era... um lixo.

O safado voltou e mal trocou duas palavras com sua amiguinha. Quem estava doido por ela era o André. Dafne, por várias vezes, tentou engatar uma conversa com o Roger, no entanto ele não deu a mínima para ela. Tony e eu continuamos aos beijos, não fiquei nem um pouco incomodada com a presença do Roger; pelo contrário, ele havia pedido por isso.

Por volta das quatro da manhã, Tony e eu decidimos ir embora.

— Leva a minha irmã para casa! — ordenou, André.

— Quando você sair daqui vai para casa? — perguntei.

— Não.

— Eu também não. A noite é uma criança, o Tony e eu já somos bem grandinhos, irmãozinho. — Arregalei os olhos e o Tony me abraçou.

— Porra! Nem quero imaginar o que vocês dois estão pensando. Caralho, Tony, ela é a minha irmã!

— Cale a boca, André — brinquei, rindo.

— Vai se acostumando. — Tony apertou a mão do amigo e o levantou para um abraço. Em seguida, ele se dirigiu ao Roger. — Tudo bem, irmão? Calado demais, hoje.

— Tudo ótimo — Roger respondeu com cara de poucos amigos.

Eu me despedi de todos com beijos no rosto e não pulei o Roger, mostrei que eu era mais dura na queda do que ele supunha.

— É isso aí, amiga. Esse idiota teve o que mereceu — balbuciou Bel ao nos despedirmos.

— Colhemos o que plantamos. Tchau, meninas. Obrigada mais uma vez. Sá! Arranjei outra carona.

— Sem problemas, estou feliz. E cá pra nós, essa loira é bem feinha — sussurrou, rindo.

— Pouco me importa. A mim esse safado não engana mais, que fique com quem quiser. Se duvidar, eu vou procurar um emprego e colocar em prática a compra do meu apê. Toda distância é pouca de hoje em diante. E convenhamos, trabalhar com ele acho que não dá, né? — Dei de ombros.

— Assim que se fala, Chloe. — Bel me abraçou.

— Vamos? — Tony puxou meu cabelo, brincando.

Sorri para ele, acenei para os demais e saímos.

— Ainda gosta de passear pela Av. Paulista e tomar *milkshake* de morango? — Tony perguntou ao entrarmos no carro.

— Puxa! Você se lembra disso? — gargalhei. — Eu tinha o quê? Dezesseis, acho. Adoro! Certas coisas não mudam com a idade. — Sorri.

— Então, lá vamos nós. — Levou minha mão à boca, beijou e a pousou sobre seu joelho.

Passeamos pela avenida, descemos o túnel da Av. Rebouças, e paramos em um *drive-thru* do *Mc Donald's* como fazíamos após eu pentelhá-lo bastante na minha aborrescência.

— Que sensação boa — comentei, sorvendo meu *milkshake*.

— Senti um *déjà-vu*.

— Eu enchia tanto o seu saco e você nunca dizia não. Até atrasava seus encontros. — Semicerrei os olhos.

— Garota má. — Tony me beijou com os lábios gélidos e saborosos.

Terminamos e voltamos para o nosso tour. A cada semáforo fechado era um pretexto para beijos mais acalorados.

— Sinceramente... eu não estou nem um pouco interessado em levá-la para

a casa. Perdi a cabeça, não me importo de perder o resto. — Sorriu de canto, ao mesmo tempo que fazia uma curva sinuosa.

O observei de soslaio e a imagem do Roger com a loira de mãos dadas invadiu os meus pensamentos, fazendo o meu coração apertar. Soltei um longo suspiro, para evitar que a tristeza me sucumbisse novamente.

Não vai chorar, Chloe. Aquele vagabundo não merece, jogue essa dor para longe e aproveite o que a vida está te oferecendo, talvez o seu destino sempre esteve ao seu lado e você não havia se dado conta disso.

Suspirei mais uma vez desenraizando aquela sensação esmagadora e sorri para o Tony quando ele acarinhou o meu braço.

— Embora já conheça seu apartamento, não me importo em verificar como ele está — falei e seus olhos brilharam.

Entramos na garagem e subimos pelo elevador conversando sobre meus tempos de adolescente.

— Sinta-se em casa. — Aproximou-se e brincou com uma mecha do meu cabelo.

— Obrigada. Sempre me sinto à vontade em sua companhia.

— Fico feliz, Chloe. Tenho uma cerveja importada, que você vai adorar. — Depositou um selinho em meus lábios e saiu em direção à cozinha. Voltou trazendo damascos secos e duas latinhas de cerveja.

Sentamos no sofá e tirei as sandálias, pois meus pés estavam me matando. Ele gentilmente levantou minhas pernas colocando-as sobre os seus joelhos.

— Isso é tão bom — murmurei, relaxada diante da massagem.

— Seus pés são delicados. — Bebericou sua cerveja, com uma mão segurava a lata e com a outra fazia movimentos circulares nos peitos dos meus pés.

— Normais. — Ajeitei a almofada nas minhas costas e me estiquei toda no sofá. — Precisava disso, nem imagina o quanto.

— Dia estressante?

— Mais ou menos. — Virei minha latinha na boca. — Coisas do cotidiano, nada de mais.

— Mais uma? — perguntou pegando a minha lata e colocando sobre a mesinha.

— Não, obrigada. Mas aceito damasco. — Sorri.

Afastei meus pés e ele pegou o potinho de vidro com os damascos.

— Quer mesmo? — Comeu um rapidamente.

— Tony! — Ergui a sobrancelha. — Quanta maldade no seu coração.

Ele gargalhou, se serviu de outro, colocou na boca e aproximou-se de mim.

— Obrigada — sussurrei e levei meus lábios até o pedaço de damasco preso em sua boca. O peguei e saboreei.

Tony parecia maravilhado.

— Aceito mais um. Está muito bom.

Ele repetiu o gesto e desta vez permaneceu inclinado, me observando enquanto eu degustava a fruta.

— Você é uma tentação.

Meu estômago revirou e não foi efeito de cerveja com damasco, eu me lembrei do Roger, que vivia dizendo que eu era uma tentação.

— O que foi? Disse algo errado?

— Posso ser outra coisa?

Ele sorriu, confuso.

— Não gosta de ser chamada de tentação?

Meneei a cabeça, negando.

— Ok. Você é uma mulher fascinante, provocante tenho uma lista infinita de adjetivos só para você.

— Melhorou, obrigada — Acariciei o rosto dele. Sentia um carinho tão grande por ele. — Eu adoro seus olhos, eles passam tranquilidade, paz.

Tony curvou-se, aninhou meu rosto em suas mãos e beijou meus lábios com ternura. Um beijo calmo, leve e gostoso.

— Meu sofá é bem duro. Já a minha cama... — Roçou seu nariz no meu.

— Acho que prefiro a sua cama, então — rebati, decidida a dar um enorme salto no escuro.

Tony pegou na minha mão e me levou para o seu quarto. Acendeu o abajur deixando à meia-luz.

— Estou nervoso, Chloe. — Acariciou meu rosto e fechei os olhos acompanhando com a cabeça seu gesto tão prazeroso. — Se eu disser que não nos imaginei exatamente nesta mesma situação estaria mentindo. Imaginei... Como imaginei. E agora que estamos aqui, eu me sinto como um garoto bobo e inexperiente.

— Também estou. Acho que é normal, somos velhos amigos. — Sorri um pouco sem graça com o comentário.

O *timing* do Tony era algo tão sublime que me deixava completamente envolvida pela atmosfera da calmaria.

Ele me rodopiou e eu gargalhei, colocou-se atrás de mim, serpentou minha cintura com uma das mãos e com a outra acariciava meu corpo. No minuto que a mão dele pousou em um dos meus seios, Tony sibilou:

— Puta que pariu, que tesão! — Nossos olhares se encontraram quando ficamos frente a frente novamente. — Seu macacão é lindo, mas neste exato momento prefiro você sem ele. Onde fica o zíper? — Sua voz sedutora me envolveu e eu levantei os braços mostrando que ficava ao lado.

Que ironia do destino, comprei aquela roupa pensando em agradar o Roger, eu me produzi para ele, que não deu a mínima para o meu esforço. Por fim acabei agradando o Tony, o homem mais gentil que eu conhecia e que deveria ter dado uma oportunidade muito antes mesmo de trocar um olhar com o Roger. Como dizem... “Quem está na chuva é para se molhar”, e eu saí dessa relação tempestuosa completamente encharcada. Tony abriu o zíper bem devagar e beijou meu ombro. Segurou-me e ajudou-me a tirá-lo pelos pés, fiquei apenas de calcinha preta de cetim.

— Chloe Vitória — pronunciou meu nome ofegante enquanto passava lentamente seus olhos sobre mim. Fitando-me com desejo, aproximou-se e acariciou meus seios. Eu arfei e no mesmo ritmo desabotoei a camisa dele. Ele terminou de se despir e colocou nossas roupas sobre o braço de uma poltrona verde no canto do seu quarto.

Foi minha vez de admirar aquela beleza indiscutível, eu dei alguns passos para trás e sentei nos pés da cama, um pouco apreensiva. Tony ajoelhou-se na minha frente e tirou minha última peça, essa ficou no chão. Lentamente ele subiu na cama, sustentou o corpo sobre os braços e sugou meus lábios com um pouco mais de intensidade. Ele me olhava com admiração e desejo. Ainda sobre mim, encarou-me e com a ponta da língua acariciou os meus seios; segundos depois, grunhi quando Tony abocanhou um dos meus mamilos e em seguida o outro. Sua mão deslizou por entre as minhas coxas tocando carinhosamente meu sexo. Arrepiei-me ao seu toque e ele percebeu, pois sorriu.

— Sempre te achei perfeita.

— Aonde você vai? — perguntei quando ele se afastou.

— Preservativo, baby. Embora, eu não me importaria caso você engravidasse de primeira.

— Ah! Eu sim. — Sorri sem jeito. — Só assim o André acabaria com a sua raça.

Engravidar dele seria uma grande brincadeira do destino.

— Nosso bebê seria lindo como a mãe — ele disse e sorri sufocando um pensamento triste.

Roger nunca havia mencionado em ter um bebê, isso deixava bem claro o nível do compromisso que queria comigo.

Tony voltou calmamente e subiu na cama contornando meu corpo com seus beijos quentes, não tinha mais como recuar e na verdade, apesar de continuar magoada com o Roger, eu estava desejando aquele momento com o Tony, tanto quanto ele. A vingança e a mágoa cederam lugar a atração. Sustentando-se sobre os braços novamente, mordiscou meu mamilo.

— Não me canso de beijar você. — Tony me venerava com o olhar. — Já te vi muitas vezes de biquíni, e não me lembrava do tamanho ideal dos seus seios, são formidáveis. — Ele inclinou-se e começou a chupá-los intercalando entre um e outro.

— Nos conhecemos desde sempre. — Gemi quando ele os mordiscou levemente e foi deslizando para os pés da cama.

— Você é perfeita. — Tony beijou uma perna e depois a outra, assoprou meu sexo e com entusiasmo começou a lambê-lo e depois chupar.

Agarrei os cabelos dele, aquilo era bom demais. Tony se empolgou e aumentou o ritmo das chupadas.

— Vou gozar — sibilei.

— Faça isso, baby. — Assoprou e voltou a chupar.

Mesmo que quisesse não poderia me segurar mais, gemi alto, levantei o quadril e explodi na boca dele. Ele prosseguiu até que os meus espasmos cedessem. Ergui o rosto dele e ofeguei quando aquele homem maravilhoso passou a língua pelos lábios saboreando o meu gosto.

— Sinta o seu sabor, minha linda. — Voltando a ficar sobre mim, beijou-me tranquilamente, explorando cada canto da minha boca com a sua língua.

Desejando-o, e mais do que nunca disposta a seguir em frente com a minha vida, acomodei-o no meio das minhas pernas e entreguei-me a ele. Permanecemos calados e ofegantes por alguns minutos. Ele encostou sua testa na minha, beijou-me castamente e saiu sem pressa de dentro de mim, descartou o preservativo no banheiro e voltou com um sorriso encantador.

— Adoro seu perfume — disse, cheirando meus cabelos e me abraçando com força.

— Obrigada — sussurrei realmente agradecida. Por um tempo, eu voltei a ser a Chloe antes do Roger.

— Passaria horas assim com você em meus braços após fazermos amor. Sem pressa. — Beijou o topo da minha cabeça.

Sem pressa... pressa era o que mais o Roger e eu tínhamos quando fazíamos amor, tudo tão sôfrego, desesperador. *Amor? Não! Fizemos sexo e só.*

— O que foi? — indagou com sua voz tranquilizante.

— Posso te perguntar uma coisa? — Virei de frente para ele.

— Depende — respondeu, passeando com seu dedo indicador pelo meu corpo.

— Como superou a traição da sua ex-esposa? — O fitei, curiosa.

Ele enrugou a testa e respirou fundo antes de começar a falar.

— Cheguei à conclusão que eu doe todo de mim, fui transparente, sincero, entreguei meu coração. Eu me joguei de cabeça e tinha plena certeza de que estávamos na mesma sintonia, quebrei a cara e levei um belo par de chifres — bufou. — No fim das contas, ela perdeu muito mais do que eu. — Beijou meus lábios. — Por quê? Alguém maltratou esse coraçãozinho? — Pousou a mão no meu peito.

— Aham.

— O cara da Itália?

— Ah, não! O Pietro é um cavalheiro.

— Quem, então?

— Outro homem que conheci pouco antes de voltar para o Brasil — menti, por fim. — Dolorido, né?

Não poderia jamais contar a ele que o responsável pelo meu coração partido era o seu amigo Roger.

— Esquece esse homem. Se te fez sofrer, não te merece. Para mim, você é muito especial. — Aproximou-se e envolveu-me em seus braços. — Chloe Vitória, não faz ideia do quanto é especial.

Nós nos beijamos e dormimos enroscados como duas correntes emaranhadas.

Ao acordar, confusa, esfreguei os olhos e percebi onde estava. Tony não se encontrava na cama e nem no banheiro. Tomei uma chuveirada e coloquei meu macacão da noite anterior. Para minha surpresa, quando entrei na cozinha, me deparei com ele, de bermuda e camiseta, cozinhando.

— Oi. — Acenei, sem graça.

— Boa tarde. — Aproximou-se e beijou castamente meus lábios. — Devido ao horário vamos de *brunch*. — Piscou.

— Só você mesmo. — Sorri. — Quer ajuda?

— Se quiser arrumar a mesa, nossos sanduíches provençais sairão em quinze minutos.

— Sério? Não posso com isso, amo sanduíche provençal. E o que têm no liquidificador, Tony? — Intrigada abri a tampa e um aroma maravilhoso invadiu minhas narinas.

— *Smoothie* de manga, morangos e leite de soja.

— Garoto prendado. Gosta de pegar as mulheres pelo estômago, hein? — Ri descontraída.

— Só as que realmente me interessam. Aliás — caminhou em minha direção e parou na minha frente —, desde que me separei você é a primeira mulher que dorme na minha cama e a primeira também para quem eu cozinho. — Ergueu meu queixo e me deu um beijo mais acalorado.

Fiquei sem ação, não pelo beijo, mas pela revelação. Um homem tão

encantador e tão sincero. Arrumei a mesa e voltei para a cozinha, esperando os sanduíches ficarem prontos; e quando ficaram nos sentamos e saboreamos.

— Sabe como agarrar uma mulher. Divino. Parabéns, Antony, engordei dez quilos — disse, levando a louça suja até a pia. — Eu lavo, mais do que justo. — Sorri e ele acariciou meu rosto.

— Ok. Aceito.

Enquanto lavava a louça conversávamos; no instante que o nome do Roger e da sua acompanhante entrou no meio da conversa, fiquei desconfortável e a imagem dos dois mais uma vez, dentre tantas, invadiu os meus pensamentos, uma angústia tomou conta de mim, respirei fundo e disfarcei para não deixar transparecer.

Assim que terminei, pedi a ele se poderia me levar para casa.

Durante todo o trajeto, Tony foi carinhoso, acariciando meu braço, joelhos. Ao pararmos em frente de casa, eu o convidei para entrar e ele disse que estava tarde.

— Obrigada pela noite e pelo *brunch*. Subiu vários pontos no meu conceito — brinquei, parecendo despojada. — Tem certeza de que não quer entrar mesmo?

— Certeza... não tenho. Mas já está tarde, amanhã tenho que visitar um fornecedor bem cedo. E não me agradeça, Chloe, não me sentia assim há muito tempo. — Segurou meu rosto e encostou seus lábios nos meus, seu beijo passou de calmo para demasiado intenso. — Melhor você ir, ou vou me arrepender e te levar de volta para casa. — Apertou meu nariz.

— Bom descanso. — Dei um selinho nele e descí.

Fiquei parada até ele arrancar com o carro e, ao entrar em casa, dei de cara com o André.

— Até que enfim, Chloe. Pensei que fosse se mudar novamente.

— Você é tão chatinho. Está sozinho?

— Nossos pais saíram, Lalinha está no quarto dela e Fog no seu, para variar. E aí? O que deu em vocês? Aliás, o que deu nos meus melhores amigos?

Olhei para ele sem entender.

— O que deu? Não sei, apenas valorizando quem me valoriza. — Segui em direção à escada.

— O Roger não estava nada bem — ele disse, eu parei e recuei. — Acredita que o cara me pediu para levar aquela deusa para casa? Ele comentou que não se sentia bem, e pela cara que estava, parecia mal mesmo. Claro que não foi sacrifício nenhum. Aquela loira é gostosa pra cacete.

Desci e o encarei abismada, que merda era aquela que ele estava despejando sobre a minha cabeça?

— Como assim? — indaguei afoita por detalhes.

— Assim que vocês saíram, achei que fôssemos continuar a noite em outro lugar, mas o Roger cortou nosso barato, na real, não parecia nada bem.

— Deve ter bebido além da conta — retruquei, tentando digerir e informação.

— Você sabe perfeitamente que ele não bebe quase nada. Não foi isso, talvez um mal-estar.

— Pela sua cara, até que não foi tão ruim assim. — Balancei a cabeça ao imaginar meu irmão com as duas mulheres. E me alegrei em saber que o Roger não havia participado da festinha.

— É... não posso me queixar. — Sorriu maliciosamente.

— Me poupe, André. — Voltei para a escada. — Amanhã descobre o que o seu amiguinho tinha. Boa noite. Estou exausta, quero um banho e cama.

— Muito menos eu, quero saber o motivo da sua exaustão, o Tony e você juntos... chega a ser bizarro! — rosnou.

— Bizarro? Você não tem noção do que é bizarro, irmãozinho. — Joguei

um beijo e terminei de subir.

Entrei no meu quarto completamente sem entender. Se o Roger não ficou com a moça, ele estava realmente se sentindo mal ou entalado ao ter seu ego de macho ferido. Que droga, ele ferra com tudo, esmaga os meus sentimentos, e no final vai embora sozinho. *Não... não... não, Chloe. Nem pense em ficar com pena desse idiota que te tratou como lixo.* Problema dele, apenas ficou desconfortável por ter sido trocado com a velocidade da luz. Não contava com isso. É... com certeza foi isso que aconteceu. Ele pensou que eu fosse passar o restante da noite trancafiada naquele banheiro me acabando em lágrimas. Caiu do burro. Mesmo inconformada e arrasada, dei o troco. Acariciei a cabeça do Fog, e segui em direção ao banheiro.

O Tony era um cara legal, gentil, amável e parecia querer muito mais do que uma noite de amor e eu receio em não poder corresponder o algo a mais. Minha cabeça deu um giro e o remorso bateu, Tony era a última pessoa do mundo que merecia sair magoado dessa história.



O dia mal clareou, saltei da cama e me arrumei, queria chegar mais cedo na empresa, e se possível não ver o Roger, nem de relance. Aquele escroto nunca mais me usaria e descartaria como se eu fosse um nada. O fato era que, cedo ou tarde, teria que encará-lo.

Eu poderia fugir, correr e nada do que fizesse seria capaz de arrancar de dentro de mim, todo o amor que pulsava por ele. Roger era a minha doença e a minha cura, o meu céu e ao mesmo tempo o inferno que vinha me devastando, chegando a corroer meus pensamentos e ações. Eu o amava demais e por amá-lo de forma desmedida sentia-me completamente destruída.

Entrei na cozinha e não havia ninguém, liguei a cafeteria e fiquei olhando para ela. Perdida em pensamentos, nem me toquei quando a Lalinha entrou.

— Chlozinha? Bom dia. Quer um sanduíche? Chloe? — Ela apertou meu cotovelo.

— Ah! Oi. — Recém-saída do transe respondi com uma pergunta. — O que disse? Desculpa, não prestei atenção.

— Um sanduíche? Queijo quente, você adora.

— Obrigada, vou ficar somente na xícara de café mesmo. Estou sem fome. — Sorri.

— Está magrinha, precisa comer.

— Estou não. Mesmo assim obrigada. — Servi-me de uma xícara de café e, após algumas goladas, eu me despedi dela e saí apressada.



Sintonizei o rádio e aumentei até o último volume, para desanuviar o que estava me consumindo.

Ao chegar no meu andar notei que ninguém havia chegado, voei para a minha sala e lá permaneci. Meus pais vieram falar comigo, pois não nos víamos desde sábado à noite, conversei com os dois como se tudo estivesse normal, eles se foram e combinamos de almoçar mais tarde como habitual.

A impressora da minha sala deu um problema, então liguei para pessoal de TI e o coordenador, um rapaz muito solícito, veio logo em seguida. Enquanto ele verificava o problema conversamos sobre sua sobrinha, uma criança de três anos extremamente levada. Assim que ele terminou saímos, rindo das trapalhadas da garotinha, e para o meu azar Roger e André saíram no mesmo instante da sala do meu irmão. O contato visual foi inevitável e meu sangue gelou.

Robson, o rapaz da TI, os cumprimentou e eu apenas meneei a cabeça com desdém seguindo pelo corredor.

— Quero conhecê-la, ela é uma criança incrível e limpa a baba, tio babão — brinquei com ele tentando descontraí-lo.

— Vou trazê-la aqui. — Ele piscou e sorriu. — Já almoçou?

— Mais tarde. Preciso terminar algo importante.

— Ok. Se precisar é só chamar.

— Obrigada, Robson.

— Disponha, Chloe — ele disse e saiu.

Impreterivelmente, eu me virava para encarar mais uma vez o Roger, que estava logo atrás de mim, a recepcionista me chamou:

— Chloe?

— Oi.

— Uma entrega para você.

— Pra mim?

— Sim, ele já... — ela nem terminou e a porta do elevador se abriu.

— Chloe Vitória? — perguntou o entregador com um lindo arranjo de rosas vermelhas.

Tony, só ele me chamava assim. Rosas vermelhas. Ruborizei pensando no Tony e o quanto ele estaria empolgado.

— Sou eu. — Peguei o arranjo forçando um sorriso. — Obrigada.

O rapaz se foi e eu fiquei ali plantada, olhando para as rosas.

— São lindas — comentou a recepcionista.

— São... são sim. — Caminhei em direção à copa e achei um vaso de cristal para acomodar as minhas rosas. Retornava, pensando no meu amigo e em seu gesto romântico. Ao olhar para o André e vê-lo com um sorriso debochado estampado no rosto, fiquei mais irritada do que estava, não com o Tony, claro. Com os dois panacas parados na minha frente.

— Percebeu, Roger? Vamos ter que aturar o nosso amigo fazendo essas babaquices.

— Vai procurar o que fazer, André.

— Só o Tony mesmo — André comentou ironicamente.

— Só poderia ser o Tony mesmo. Ele é um perfeito cavalheiro, sabe exatamente como valorizar a mulher que está com ele. Não é como uns e outros que comem e depois cospem, como se a outra pessoa não tivesse sentimentos — proferi incomodada pelo silêncio irritante do Roger.

— Calma, irmãzinha! Que bicho te mordeu?! Estou brincando.

— Um bicho insignificante, que já me livre! — fuzilei o Roger, e voltei a passos largos para a minha sala.

Coloquei o vaso na minha mesa e peguei o cartão.

Saudades de você, Chloe Vitória.

Antony

Putá merda! Bati com a cabeça na mesa. O que eu fiz? O Tony não merecia.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem:

“Obrigada pelas rosas, são lindas.”

Minutos depois, ele respondeu:

“São belas, você é linda.”

Puxei o ar.

“Assim eu acredito, Antony.”

“É a pura verdade.”

“Janta comigo?”

Esfreguei os olhos.

“Pode ser outro dia? Estou enrolada aqui e cansada também.”

“Claro que sim. Te ligo mais tarde, bom trabalho.”

“Combinado, bom trabalho para você também.”

Tentei me concentrar, mas era quase impossível. Enrolei até o horário do almoço. Saía do meu banheiro no momento em que o André entrava na minha sala com uma cara meio duvidosa. Ele olhou para as rosas e sentou-se à minha frente.

— Certas coisas não têm explicação — disse, balançando um galhinho de uma rosa.

— O quê, por exemplo?

— Meus amigos, os dois piraram. O Tony azarando você. — Gesticulou com a flor. — E o Roger? Não sei o que esse cara tem. Acredita que ele falou comigo e com a nossa mãe e pediu férias? Tem noção? O cara nunca saiu de férias. Quando o convidei para me acompanhar até a Itália, ele disse que não dava porque estava atolado de trabalho. Sempre vendeu as férias e hoje, assim do nada, disse que precisava sair e viajar para espairecer. Não é estranho, Chloe? Será que o Roger está doente?

Engoli em seco e olhei para ele.

— Não é esquisito? Ele tem férias vencidas, esse não é o problema; mesmo se não tivesse, dá um duro danado nessa empresa tanto quanto você ou eu. O fato é que alguma coisa está acontecendo e ele se recusa a me contar. Só pode estar doente. Depois vou ligar para o Tony.

— Será? Ele parece bem saudável. Talvez só esteja cansado mesmo. Ele vai viajar? — indaguei.

— Disse que não decidiu o local ainda.

— Deve ser isso, Roger está precisando esmaecer. — Ao ouvir minhas próprias palavras, meu coração apertou.

— Ele disse que você está a par de tudo, que não terá problema algum em assumir durante a ausência dele e caso tenha é só ligar.

— Ah! Sim... claro. Quanto a isso não vejo problema algum, sempre trabalhamos juntos. Acho que não será necessário amolá-lo. Ele já foi? — Engoli em seco, novamente como se uma asa de frango estivesse entalada na minha garganta.

— A nossa mãe ficou preocupada com ele, ela vai dar um jeito. O cara disse que só ia dar uma passada na sala do papai e depois já ia.

— Hum... hum...

— Vou almoçar. Vamos?

— Não, obrigada. Agora não.

André passou pela porta, e eu desabei na minha cadeira.

O que deu no Roger? Será que ele estava realmente doente? Se não era saúde, o que era então? Fiquei tentada em ligar para ele, mas me detive.

Acorda, Chloe, talvez ele esteja saindo de férias com uma gostosona e você com peninha dele. Voltei à consciência rapidamente. Bem provável, do jeito que era jamais viajaria sozinho. Meu coração doeu e minha cabeça girou.

Não demorou muito para que a minha mãe me ligasse me convidando para almoçar. Eu nem precisei puxar assunto sobre as férias de última hora do Roger, eles desembestaram a falar. Ambos estavam extremamente preocupados, minha mãe disse que ele parecia cansado e papai concordou. Por Deus, o que estava acontecendo? O que deu nele? E o Tony? Como não alimentar as esperanças dele se foi exatamente isso que eu fiz no sábado. Se um buraco se abrisse neste exato momento, eu sumiria e retornaria quando toda essa tempestade tivesse passado.

Trabalhei o restante da tarde chateada; e com o Roger ausente, meu trabalho praticamente dobrou.



Cheguei em casa exausta, passei pela cozinha, peguei uma pera e subi para o meu quarto.

Tony me ligou mais tarde como havia prometido e comentou sobre o Roger, meu irmão conversou com ele a respeito. Assim como os demais, meu amigo também estava preocupado, ligou para o Roger e ele não atendeu.

Era uma situação bem difícil, escutar e fingir não estar preocupada, no entanto a verdade era que isso estava me deixando mal pra caramba. Não sei o que de fato poderia estar acontecendo, Roger não tinha parentes próximos, como ele mesmo fazia questão de frisar quando nos conhecemos era que a minha família era a sua também. E o Tony? Todo doce, querendo sair na semana para jantarmos fora, ele acabou entendendo quando eu disse que, com a ausência do Roger, as coisas se complicaram para o meu lado. Nem sei o que fazer. Mesmo assim marcamos de nos ver na sexta. Meu peito estava apertado, então decidi dormir no quarto que o Roger sempre utilizava. Como o Fog dormia na minha cama todas as noites, a desculpa seria perfeita. Ao entrar tive um vislumbre da vez em que nos amamos ensandecidos sobre a cama dele: seus toques, sua boca perversa aguçando todos os meus sentidos, nossos corpos nus, suados e repletos dos desejos mais ocultos. Nos braços do Roger, eu me encontrei e me realizei completamente. Meu pulso acelerou e minha boca ficou seca só de pensar naquela noite incrível. Tudo tinha seu cheiro, os lençóis principalmente, deitei-me e, após rolar de um lado para o outro pensando nele e sentindo uma necessidade absurda de vê-lo, adormeci abraçada ao travesseiro dele.



Meu celular me despertou e quase o joguei na parede, segui até a suíte e me animei quando encontrei seus objetos de higiene pessoal: seu perfume, loção pós-barba e pomada para cabelo. Eu me delicieei ao sentir a fragrância do frasco ainda cheio. Tentada, abri o armário e toquei nas camisas que ficavam lá. Que saudades daquele babaca, chegava a doer. Deixei tudo como estava e fui me

arrumar. Não deveria sentir amor, eu deveria odiá-lo.

Depois de um café praticamente forçado goela abaixo pela Lalinha, saí para trabalhar. E no caminho para relaxar e não me afundar de vez, eu liguei o rádio numa estação local e fiquei ouvindo os ouvintes participarem de um desafio matinal. Pelo menos me entreteve até eu estacionar na minha vaga na empresa.

Que dia! Um pepino atrás do outro, quase liguei para o Roger, entretanto me segurei, não queria dar motivos e caso ouvisse a voz dele correria o risco de esquecer o que ele havia feito comigo no sábado.

Os dias que se seguiram foram mais tranquilos, embora não conseguisse parar de pensar nele. Combinamos de jantar no apartamento do Tony, ele convidou Bel, Sarah, André e Dafne.

Cheguei em casa e após um banho me arrumei e fui buscar as meninas. As duas estavam à minha espera na casa da Bel.

— Olá, meninas — falei assim que entraram. Ambas me cumprimentaram com um beijo no rosto.

— E aí, amiga! Explica melhor todo o babado, porque essa semana foi corrida e estou em cólicas para saber o que realmente aconteceu com o idiota do Roger — disse Bel.

— E o Tony? Como vocês estão? — Sarah perguntou me olhando desconfiada.

— Por partes. — Soltei um suspiro. — O maluco do Roger apareceu na segunda e solicitou férias, coisa que nunca havia feito. Meus pais, o André e até o Tony, todos sem exceção, estão preocupados com ele. O André acha que ele está doente, minha mãe disse que ele parecia cansado, tanto o Tony quanto o André ligaram e o Roger não atendeu. Na verdade, nem sabemos para onde esse filho da mãe foi. Não disse nada, apenas pediu férias. Eu vou ser sincera, meninas. Estou extremamente preocupada com ele, não consigo parar de pensar naquele tosco. — Olhei para elas. — Não me julguem... estou aflita. Amo aquele cara, não deveria, mas amo.

— Caramba, Chloe! O que será que deu nele? Foi muito te ver com o Tony? — questionou Bel.

— Não acredito que ter ficado com o Tony tenha desencadeado tudo isso, ele me esnobou. Não é isso... não pode ser isso. Deve ser algo mais sério ou viajou com alguma boazuda, o que é bem mais a cara dele — bufei. — Se for isso, vou me odiar mil vezes a mais do que já me odeio, por não conseguir tirá-lo da cabeça.

— Que coisa. E o Tony nessa história toda?

— Sarah, gosto do Tony. Mas não como ele talvez esteja esperando, entende? Ele é... caramba... perfeito, um amor.

— E parecido com o Pietro. — Sarah riu.

— Verdade! Já me peguei fazendo essa comparação. As rosas vermelhas, as mensagens durante a semana, tudo dá indícios de que ele nutre um sentimento bem diferente do meu em relação a ele, e isso também está me deixando mal. — Freei bruscamente, quando o semáforo fechou. — Amo o Roger, embora não mereça; e não sei como lidar com o Tony sem magoá-lo.

— Eu no seu lugar daria uma chance para o *Tony* — enfatizou Sarah.

— Não penso assim — retrucou Bel. — Eu abriria o jogo para o Tony, cartas na mesa. Contaria que estava com o Roger, tudo sem exceção e a canalhice que ele fez com você no sábado.

— Tony vai se sentir usado. — Dei um soco no volante e voltei a dirigir. — Porque foi isso que eu fiz. Eu o usei para provocar ciúmes no Roger.

— Não foi, Chloe! Ele é bem grandinho, por favor, né? O Tony não é nenhum ingênuo. O cara tem quase quarenta anos.

— E isso não quer dizer nada, Bel. Tenho vinte e oito, sempre me achei inatingível se tratando de homens cafajestes e olha para mim. Perdida de amores por um.

Minutos depois estacionei na frente do prédio do Tony e, quando descemos do elevador, ele nos esperava na porta com seu sorriso encantador e sincero.

As meninas passaram por ele, e o cumprimentaram com um beijo no rosto. Eu fiquei sem saber o que fazer; ele foi mais rápido, laçou minha cintura e me

beijou avidamente.

— Bem-vinda, Chloe Vitória.

— Você sem dúvida sabe como recepcionar uma mulher — brinquei sem graça.

André e Dafne já haviam chegado, os beijei e me sentei.

— Cerveja, meninas? — Tony perguntou com as latinhas em mãos.

Nós aceitamos e ele sentou-se ao meu lado.

— Falávamos do Roger — Tony disse, passando seu braço por cima do meu ombro.

— A Kelly ligou, mas ele também não atendeu. Ela disse que vai passar na casa dele mais tarde. Como está de férias, quer convidá-lo para viajar caso não tenha programado nada — comentou Dafne.

— Que *bom* — Bel ironizou me encarando em seguida.

Permaneci calada, apenas escutando as suposições de todos, por sorte o meu celular começou a tocar *Cose Della Vita*.

— Dá licença. — Levantei e segui para a cozinha e lá permaneci mais de vinte minutos conversando com o Pietro. Ele estava saindo com a atriz protagonista do filme que estava atuando. Fiquei feliz por ele, mas nem contei a minha situação. Disse apenas que havia conhecido alguém. Voltei para a sala e fui bombardeada por perguntas vindo da Dafne. Curiosa, queria saber os detalhes da conversa.

— Ele está ótimo, namorando e feliz.

Olhei para o Tony, meu querido amigo pareceu aliviado com a notícia. Eu sorri para ele, e me senti um ser horrível, o Pietro nem de longe era uma ameaça.

Conversamos tanto que, quando fomos jantar, já era bem tarde e o adorável do Tony como sempre carinhoso e atencioso, mesmo diante das insinuações do André.

Resolvemos ir embora, pois passava das quatro da manhã.

— Aceita sair comigo amanhã, Chloe Vitória? — Tony balbuciou a caminho do elevador.

Eu o olhei com ternura e, pela primeira vez desde que ficamos juntos, não me sentia uma fraude. Acho que a Sarah tinha razão, eu deveria dar uma chance a ele, nada como curar um amor com outro.

— Tem algo em mente? — perguntei.

— Pensei em jantar no japonês, passear pela Paulista, tomarmos um *milkshake* de morango... Coisas de casal. — Apertou meu queixo e beijou meus lábios.

— Ok. Gostei. Combinado.

— Eu te busco às 21 horas. Te ligo. — Nos beijamos mais uma vez antes da porta do elevador se fechar.

— Pode parar, André, nem começa — comentei ao vê-lo com seu sorriso sarcástico.

— Não disse nada, só não me acostumei ainda, só isso.

— Ah! Recebi uma mensagem da Kelly e só vi agora — comentou Dafne com o aparelho em mãos. — Ela foi até lá, no apê do Roger, mas ele não estava. E o porteiro não soube informar se está viajando.

Fiquei desconfortável com a informação.

— Gente! Vamos dar uma folga para ele. Vai ver precisa de um tempo — disse Bel.

— Concordo — reforçou Sarah. — O cara deve estar precisando ajustar os parafusos.

— É... acho que vocês estão certas, ele precisa de um tempo. Se estivesse acontecendo algo mais sério, nos contaria — André concordou.

Deixei as meninas nas respectivas residências e na volta desviei do meu caminho e passei na porta do prédio do Roger. Luzes apagadas, claro. Sessão nostalgia, afinal tinha grandes recordações daquele apartamento. Voltei para a realidade e arranquei com o meu carro.

Fiquei tentada em dormir na cama do Roger novamente, no entanto recuei porque isso não ajudaria esquecê-lo e, para dar uma chance ao Tony, eu precisaria contribuir e dormir envolta das coisas dele não seria o caminho mais fácil. Então, dormi no meu quarto com o Fog esparramado nos pés da minha cama.



Na manhã seguinte, após me arrumar, desci até a cozinha.

— Bom dia! — meus pais disseram em uníssono.

— Oi. Bom dia. Estou perdendo alguma coisa? — indaguei curiosa ao vê-los, preparando um banquete.

— Vamos receber alguns amigos para o jantar — respondeu mamãe. — Gosto de começar logo cedo. — Sorriu.

— Que legal.

— Convida suas amigas — sugeriu papai.

— Ah! Vou sair. — Abri a geladeira e me servi de gelatina. Minha mãe me olhou apreensiva.

— Chloe! Tenho notado que você não tem se alimentado bem, vai adoecer se continuar assim! Passar muitas horas sem comer é propício para desencadear uma bela gastrite. Está sobrecarregada no trabalho?

— Não, de forma alguma. Só sem apetite mesmo. Como disse, acontece às vezes.

— Mas sua fase não passa *nunca* — frisou meu pai. — Sua mãe tem razão,

não se alimenta da forma correta, e quando come, geralmente é salada. Vai ficar anêmica.

— Exagerados — brinquei, rindo.

Fiquei na cozinha com eles e os ajudei com os preparativos do tal jantar. Mais tarde almoçamos e, para evitar preocupação desnecessária, forcei comida goela abaixo. Quando o assunto Roger veio à tona, fiquei calada apenas ouvindo meus pais dizendo o quanto ele fazia falta na empresa e em casa. Com certeza, na minha vida então era imensurável o quanto aquela mula do Roger fazia falta.

Sem disposição para continuar ouvindo falar dele, subi para o meu quarto e lá permaneci até o Tony chegar; como ele era pontual, chegou no horário marcado.

— Oi. — Acenei em um cumprimento geral e sorri para o Tony, que conversava com os meus pais e seu grupo de amigos.

— Vão encontrar com o André? — perguntou minha mãe.

— Não. Aliás, não o vejo desde ontem. O André sendo o André — brinquei, rindo.

— Vamos? — Tony perguntou segurando na minha mão sob os olhares admirados dos meus pais.

Ao nos ver saindo, Fog correu eufórico até a porta.

— Amanhã prometo levar você para dar uma volta de carro. — Afaguei os pelos dele e nos despedimos.

— Seus pais ficaram surpresos — ele comentou assim que entramos no carro.

— Eu vi. Arregalaram os olhos em sincronia.

— Será que eles gostaram?

— Que pergunta. — Sorri carinhosamente para ele. — Só foram pegos desprevenidos.

— Acho que agora eu mereço um beijo. — Curvou-se em minha direção segurando minha mandíbula.

— Merece sim, foi pontual. — Beije-o.

— Japonês, então?

— Por favor.

— Música? — inquiriu introduzindo um *pen drive* no aparelho do carro.

— Por favor, também. — Pisquei para ele, que correspondeu, afagando o meu rosto.

Seguimos até o restaurante ouvindo clássicos do Elton John.

Nosso jantar foi regado a risadas. Conversamos sobre o meu aniversário de quinze anos, minha formatura da faculdade e o quanto ele ficou lisonjeado por ter sido o meu padrinho. Ele se lembrava de tudo nos mínimos detalhes, fatos dos quais eu já havia me esquecido.

No início da madrugada fizemos um tour pela Paulista e saboreamos um *milkshake*. Por fim acabamos em um motel luxuoso na suíte presidencial com direito a piscina, teto solar, pista de dança com pole dance e champanhe. Nós nos amamos lentamente e sem pressa. Gostava de estar com o Tony. Gostava de fazer amor com ele, mas me culpava por não estar sendo sincera como deveria, não sei qual seria a reação dele se soubesse dos meus sentimentos pelo Roger e tudo o que vivemos até o dia em que ele me esmagou como uma formiga.

Tony me levou para casa; e ao me despedir dele, beije-o com carinho e o convidei para almoçar conosco mais tarde. Ao entrar, o silêncio imperava, a não ser pelo Fog, que veio ao meu encontro todo desajeitado abanando seu rabo.

— Me esperando? — Beije a cabeça dele. — Só nos resta dormir.

Subimos, eu mal tirei a colcha da cama, ele pulou para os pés arrumando uma posição confortável, saí do banheiro e o danadinho já roncava, provavelmente estava à minha espera. Deitei devagar para não acordá-lo. E intercalando pensamentos conflitantes, adormeci e sonhei praticamente a noite toda com o Roger.



Ao despertar, uma angústia se apossou de mim, o sonho havia me deixado deprimida e a saudade era esmagadora.

Para espairer um pouco resolvi levar o Fog para dar uma volta. Desci apressada, mais do que nunca eu precisava sair.

— Olá, família — falei ao vê-los relaxados conversando na parte externa da casa: meus pais, André e Dafne.

— Vai sair? — perguntou meu pai.

— Vou levar o Fog para dar uma volta.

— Vou fazer massa fresca, você adora — comentou mamãe.

— Ótimo! Eu já volto e te ajudo, convidei o Tony.

— Novidade! — André disse em tom de brincadeira.

— Quando você vai deixar de ser bobo, André? Vem, Fog. — Peguei a guia e o levei todo feliz para o carro.

Rodei mais de meia hora pelas ruas do bairro, ele adorava passear com a cabeça para fora sentindo a brisa do vento, batendo em sua cara gorda e enrugada. Sua alegria com tão pouco me fez rir desanuviando a tristeza que teimava em permanecer. Retornamos e Tony já havia chegado.

— Oi. — Acenei e ele piscou.

— Não precisam disfarçar — André zombou. — Meus pais já mataram a charada.

— E, sinceramente, a Chloe está em boas mãos, esperamos que seja duradouro — mamãe comentou, olhando em direção ao meu pai, que meneou a cabeça concordando.

— Estamos nos conhecendo. — Acomodei-me ao lado do Tony.

— Isso é piada? Porra, Chloe! Vocês se conhecem há uns duzentos anos — André gargalhou.

— Palhaço, tinha certeza de que diria algo parecido, mas você entendeu. O Tony e eu estamos começando uma relação diferente da que tínhamos.

— Olha lá, Tony! Estou de olho — papai brincou.

— A Chloe é especial. — Ele acariciou meu braço e Dafne suspirou.

Assanhada, aposto que se o Tony topasse trocar de parceira de vez em quando, ela sairia com ele.

Ao pensar nisso me lembrei do Roger e conseqüentemente deles juntos, transando.

— E aí, mãe? A massa nos espera. — Levantei rapidamente tentando deletar aquela imagem, grotesca que me assombrava às vezes.

— Mãos à obra! — ela rebateu de pronto. — Vamos, Dafne, vou ensiná-la a fazer uma massa caseira.

Nós três seguimos para a cozinha, enquanto os homens permaneceram conversando.

Preparamos *tagliatelle* à carbonara e degustamos com uma boa garrafa de prosecco. A louça ficou por conta do André e Dafne o ajudou. Passamos o restante do domingo conversando. Tony se foi tarde da noite; e, mais uma vez, despediu-se com extremo carinho, carinho esse que talvez eu não fosse capaz de retribuir.

As coisas poderiam ter sido diferentes, se desde o começo meu envolvimento fosse com o Tony e não com o Roger. Eu não teria metade dos problemas emocionais que tinha atualmente. Com a cabeça fervilhando dei boa-noite e fui dormir.



Os dias foram passando e a preocupação com o Roger aumentando. André e Tony tentaram falar com ele, no entanto não obtiveram sucesso. Meu irmão disse que eu deveria ligar, assim quem sabe ele atenderia pensando que fossem assuntos de trabalho; recusei, claro. E dei a desculpa que caso necessitasse falar com ele seria através de e-mails e não telefone.

Angustiada, meu apetite foi para o espaço de vez, preocupada com o Roger e com o rumo que a minha relação com o Tony estava tomando. Nada me apetecia, pelo contrário embrulhava o estômago só em ver.

Durante a semana, Tony e eu nos falamos todos os dias, por telefone e mensagens. Nós nos encontramos somente no sábado à noite, quando saímos com os nossos amigos e passamos o domingo na minha casa como no anterior.



A semana começou agitada e por conta do trabalho, resolvi estender meus horários, contrariando os meus pais.

Na quinta, já encerrando o expediente e cansada devido ao turbilhão de coisas acontecendo ao mesmo tempo, desliguei meu note e me recostei na cadeira. Já era bem tarde e, como nos outros dias, a maioria dos funcionários do andar tinham ido embora. Fechei os olhos, aproveitando o momento para refletir, e meu mísero descanso evaporou-se com a chegada abrupta do Roger em minha sala.

Eu saltei na cadeira devido ao susto.

— Desculpa, Chloe! Não quis assustar você — ele disse com olhar cansado.

— Eu estava distraída — retruquei confusa e feliz em vê-lo.

— Podemos conversar? Prometo não tomar muito o seu tempo.

— Claro. — Apontei a cadeira em frente a minha, tentando parecer segura, na realidade meu corpo todo estava tremendo.

Ele caminhou impaciente e sentou-se. Engoli em seco.

— Tudo bem? — perguntou.

Meneei a cabeça, confirmando.

— Eu te devo uma explicação, aliás, eu devo várias explicações. — Passou a mão pelos cabelos e voltou a me olhar.

— Não se preocupe, Roger. Você não me deve explicação alguma. — Desviei o olhar mostrando indiferença. — Se interrompeu as suas férias por isso, fique em paz, não me deve nada.

— Mesmo que você não esteja disposta a ouvir, eu preciso colocar para fora. Eu devo isso a você — prosseguiu com os olhos anuviados. — Eu prometo que depois desta conversa, não te aborreço mais — Roger concluiu a frase e o meu peito se apertou ainda mais, como se fosse possível.

— Tudo bem, pode falar — concordei, controlando o ímpeto de me jogar

nos braços dele e devorar sua boca que aguçava tudo dentro de mim.

— Eu não viajei, estou no meu apartamento. Eu precisava de um tempo, precisava pensar... repensar a porra da minha vida toda. Fui um filho da puta com você quando levei a Raquel na festa da Bel. — Ele me olhou e a visão dele entrando com a tal “Raquel” veio à tona.

— Já superei — rebati, furiosa. — Só isso? Preciso ir para casa, estou cansada — ameacei levantar e ele segurou meu pulso. Seu toque reverberou por cada célula do meu corpo, me esquivei dele e sentei novamente.

— Você pode ter superado, mas eu não. Fui cruel. — Alcançou meu braço novamente e acariciou minha pele com seu polegar. — Sinto sua falta.

— Pode parar. — Bati na mesa puxando o braço exasperada. — Vai à merda, Roger. Sentiu a minha falta coisa alguma. Você me usou, é diferente. O que é? Não comeu ninguém nessas últimas semanas e agora veio aqui com seu discurso de coitadinho querendo me iludir mais uma vez. Vai atrás da Raquel, Kelly, Dafne e sabe-se quem mais. Me esquece. — Levantei irritada. — Chega de palhaçada, cansei! — vociferei. — Nossa relação é tóxica, você vem, joga todo o seu charme de macho alfa, me leva para a sua toca, me come, usa... abusa e depois me descarta como se eu fosse uma coisa. — Nervosa comecei a inspirar e expirar.

— Espera! — Segurou meu braço visivelmente agitado. — Me ouve.

— Não me toca. — Puxei meu braço novamente.

— Chloe. — Ele levantou a mão para tocar o meu rosto, parou quando me afastei e, desolado, começou a falar: — Me apaixonei por você, essa é a verdade.

— Se apaixonou? Não seja ridículo. Se apaixonou e trata a pessoa como lixo. Tem uma noite de amor incrível e depois aparece com outra. Dispensando essa porcaria que você chama de amor. — Fui para cima dele, no entanto recuei.

— Me escuta, porra! — rosnou. — Não sou perfeito, muito menos para você. Sempre gostei de sair com várias mulheres, nunca me importei se elas fossem dormir com outros caras, amigos ou não, isso nunca foi um problema pra mim, dividir as mulheres não fazia diferença alguma. Até você aparecer e mandar para o espaço toda convicção que eu tinha de que para ser feliz não

precisava fazer parte dos padrões. Namorar, uma única mulher, fazer planos com ela, sonhar em construir uma vida juntos, nada disso era relevante, até sua entrada triunfante na cozinha da sua casa. Ali meu formato de felicidade desceu ralo abaixo, e comecei a sentir ciúmes, coisa que eu nem sabia que existia. Passei a desejar você mais do que desejei mulher alguma. Eu pensei que era coisa da minha cabeça; que depois que eu transasse com você, essa coisa que me consumia cederia. Afinal, monogamia não era a minha praia.

— Você é louco! — Sentei novamente, caso contrário me estatelaria no chão.

— Pode ser... — prosseguiu. — Transamos loucamente e o desejo se intensificou; uma tentação, como uma doença incurável. Eu passei a querer você cada vez mais, ansiava por você a todo momento. E passei a odiar os olhos de cobiça de outros homens sobre você, incluindo os do Tony.

— Não mete o Tony nessa sua conversa! — avisei impaciente.

— Mas é a realidade, odeio quando ele te toca, quando vocês riem juntos e se divertem. Tentei me afastar, Chloe, quando você descobriu meu lance da troca de parceiras com o André. Tentei, juro. Fiquei péssimo quando você me olhou com desprezo e achei que o correto, mesmo que doesse, seria você ficar com um cara todo certinho como o Tony. Falhei e não consegui me manter longe. Fizemos as pazes e eu tive a melhor noite de amor da minha vida.

— E depois esfregou aquela loira na minha cara! — berrei furiosa. — Idiota!

— Chloe! Fiquei devastado ao perceber o quanto eu te fazia mal. Você era toda segura de si e dona de uma altivez invejável e eu estava roubando isso de você, te transformando em uma pessoa completamente diferente, que implorava para não sofrer. Você chorou naquela noite e implorou. — Ele se aproximou.

— Cale a boca! Quer me enlouquecer? — Tomada pela raiva dei um tapa no rosto dele, que ardeu a minha mão. — E na noite seguinte faz pior. Isso é não fazer sofrer, hein? Me diz? Se não é fazer alguém sofrer é o quê? — questionei aos berros.

— Achei que se me visse com outra me odiaria. E não ficaria tão vulnerável.

— Conseguiu... eu te odeio! — falei com minhas forças esvaindo.

— Chloe! — Ele se aproximou e segurou meu rosto e desta vez, esgotada, não recuei. — Eu me arrependi no instante em que nos olhamos. Naquele segundo, eu percebi que estava cometendo o maior erro da minha vida — balbuciou com os olhos perdidos. — E ver você beijando o Tony foi a maior de todas as punições.

— Não parei no beijo — disse para feri-lo com os olhos marejados. — Estou com ele, estamos juntos. De todas as maneiras. — Roger fechou os olhos, ainda segurando meu rosto.

— Você não ama o Tony. É a mim que você ama.

Sustentei o olhar dele e, mesmo que quisesse negar, eu não conseguiria.

— Eu escutei você dizendo que me amava, achou que eu estivesse dormindo.

Uma lágrima correu pela minha face. E ele a enxugou com o dorso da mão.

— Eu amo você, Chloe. Por isso eu vim, há dias estou tentando uma maneira de ficar a sós com você. Fiquei de longe observando e, como você não saiu, achei que seria um bom momento. — Acariciou meu rosto. — Eu, Roger Alcântara Munhoz, amo você, Chloe, com todas as forças que o amor é capaz de ter. Eu te amo de corpo, alma e coração.

— Por que você sempre faz essas coisas, Roger? Parece um vendaval, tudo intenso, desmedido. Por que me faz sofrer assim? — Minha voz embargou. — Você sumiu. Todos, inclusive o Tony, estão preocupados com você.

— Eu precisava. — Deslizou a mão pela minha face úmida. — Precisava colocar o pouco de juízo que me restava no lugar. A verdade é uma só: eu amo você e estou disposto a provar que sou digno do seu amor. Só preciso de uma chance, apenas uma, para provar que eu te amo mais do que tudo ou alguém nessa vida. Pedir perdão é pouco. Enfrento o André e o mundo, não me importo se o meu amor for posto à prova, eu sei o que sinto, só preciso de uma chance. É você que eu quero.

Com o coração disparado no peito e lágrimas escorrendo num misto de dor e alegria, sem dizer uma única palavra, apenas com o olhar acreditei nele. Ele me puxou para si e encostou seus lábios aos meus. Sublime e devastador, nossas línguas se confrontavam tamanho o desespero e a saudade. Meu sangue pulsava nas veias enquanto Roger me apertava com força temendo me perder. Encostados na minha mesa, ele me colocou sobre ela, parte dos meus objetos caíram no chão. Mesmo assim, não nos desgradamos.

— Eu estava morrendo de saudades — murmurei nos lábios dele e em um impulso tirei a camiseta surrada que ele vestia e passei a língua pelo seu peito provocando arrepios.

— Não mais do que eu... Estava doendo, Chloe. Sua ausência me dizimou. — Roger abriu os botões da minha blusa e eu a deixei cair no chão, arfei quando ele puxou meu sutiã, acariciou um dos meus mamilos com a língua e o chupou com volúpia em seguida.

— Que porra é essa? — André gritou assim que abriu a porta, fazendo a mesma bater na parede.

Eu descí da mesa correndo, arrumando o meu sutiã.

Meu irmão estava transtornado, parecia que todo o sangue do seu corpo tinha sido drenado para o rosto.

— Que porra é essa? — berrou mais uma vez, partindo para cima do Roger e dando um soco no rosto dele.

Os dois caíram no chão, André golpeava o amigo sem parar enquanto ele se desvencilhava com os braços; aturdida, eu puxei meu irmão, André levantou-se e olhou-me incrédulo. Corri para perto do Roger, que estava com o nariz sangrando e um corte na boca.

— Vão me explicar que merda estava acontecendo aqui? — Impaciente, esperava uma explicação, ainda com os punhos cerrados.

— Estamos juntos — Roger proferiu, encarando André.

— O quê?

— É isso — prossegui, nervosa e preocupada com o nariz do Roger. — Estamos juntos há algum tempo.

— Você enlouqueceu? Só pode. Quantas vezes eu disse para ficar longe desse aí. Ele não serve pra você, não tem ideia do quanto — disse, com ódio saltando pelos olhos.

— Por quê? Porque vocês costumam trocar as namoradinhas com frequência?

— Seu filho da puta! — André, mais uma vez, partiu para cima dele e alarmada me pus entre eles.

— Para! — berrei. — Chega! Vai me ouvir.

— Eu falo, Chloe — Roger falou limpando o nariz com um lenço de papel que havia pegado na caixa que ficava sobre a minha mesa.

— Não! Eu falo — rebati.

Olhei para o meu irmão, que espumava pela boca como um cão raivoso.

— Eu sei de tudo. Eu sou a garota gostosa que você estava louco para conhecer. Descobri naquele dia o coleguismo de ambos em relação às mulheres, e brigamos. — Peguei minha blusa e comecei a vesti-la enquanto falava. — Fiquei com nojo de vocês, de todos sem exceção, incluindo a Dafne, porque só de imaginar ela indo para a cama com o Roger — olhei para ele — sinto raiva. Que porcaria de relação é essa? Que merda de sentimento é esse? Eu sou incapaz de dividir o que é meu, portanto fiquei atônita quando soube. E você não é um exemplo de virtude pra ninguém, André. Não venha dar de santo.

— Eu não engano as mulheres que saem comigo, abro o jogo no primeiro encontro, mais transparente impossível. Agora, quanto a esse aí. — Apontou para o Roger com desprezo. — Estava ciente em manter distância de você e, pelo visto, não conseguiu manter a porra de promessa que me fez.

— Eu me apaixonei pela sua irmã — Roger proferiu, encarando o amigo.

— Era só o que me faltava — André debochou, rindo. — Vai se foder, Roger! Até parece.

— Por quê? Não posso ser amada por alguém tão parecido com você? Vai ver que nossa semelhança vai além da cor dos olhos, irmãozinho — ironizei me aproximando dele, que recuou ainda com os punhos cerrados. — Quer saber o restante da história? Roger e eu nos reconciliamos e brigamos novamente, quando ele subitamente, após uma noite calorosa de amor, apareceu na festa da Bel, em companhia da loira. Com raiva e ferida, fiquei com o Tony — senti um amargor ao dizer isso. — O Roger foi um babaca, e eu... — Soltei um suspiro. — Eu fiquei com o Tony, o envolvi na minha lambança.

Roger se aproximou com um pedaço de papel enrolado dentro de uma das narinas.

— A culpa é minha. Se eu não fosse um idiota, você não teria metido o Tony nessa história. Eu sou responsável. Amarelei quando percebi que estava apaixonado e o quanto essa relação poderia ser destrutiva para você. — Ele me abraçou forte e praticamente desmoronei nos braços dele.

— Parabéns! — André começou a bater palmas ironicamente. — Lindo! Digamos... comovente. Os dois furaram os olhos do meu amigo, o cara mais justo e honesto que eu conheço. Quero saber como fica o Tony nessa imundície que criaram? Se você, Chloe, não colocar tudo em pratos limpos com ele, eu farei. Mesmo que eu esmague o coração do meu amigo. — Caminhou lentamente em nossa direção. — Porque ele já foi traído uma vez e não merecia passar por isso de novo. Tratem de limpar essa porra toda. Quanto a vocês... só posso dizer que lamento. Minha vontade é acabar com você, cara. Ambos me traíram e eu jamais os perderei. Quero mais que os dois se fodam, mas o Tony merece a verdade.

— Vou falar com ele, eu sei que a culpa é minha. — Roger me apertou mais forte.

— Dois dias. — André nos olhou furioso. — Você tem dois dias para conversar com ele, ou eu mesmo conto. Se não quiser voltar para casa é um favor que nos faz, Chloe. Não conheço mais você. — Deu meia-volta e saiu encolerizado.

Desabei por completo, assim que ele se foi. André estava coberto de razão, eu fui uma mulher egoísta que só pensou em si própria.

— Ei! Vamos dar um jeito nisso, não será fácil, mas vamos passar por tudo

isso, juntos. Eu prometo. — Roger encostou a testa na minha.

— Precisa colocar gelo no nariz e sua boca está inchada — comentei com lágrimas escorrendo.

— Mereci cada soco. — Enxugou minhas lágrimas com o polegar.

— Por isso não reagiu?

— Como disse, mereci. O André só fez o que qualquer irmão faria.

— Não sei como fazer isso, sem magoar o Tony. Ele não merece.

— Vou com você. Sei que não será fácil.

— Não, Roger. — Acaricieei o ferimento em seus lábios. — Isso é algo que eu devo fazer sozinha, o Tony não ficaria nada confortável com a sua presença. Eu o coloquei nesta situação, sou responsável. Adoro o Tony, muito. — Minha voz embargou e comecei a chorar. Roger me abraçou forte e deste modo permanecemos por um tempo, até que decidimos sair dali.

Segui com ele para o seu apartamento, voltar para a minha casa e enfrentar o olhar de reprimenda da minha família seria a última coisa que eu precisava. Durante todo o percurso permaneci calada e angustiada, só de pensar em conversar com o Tony me sentia o pior ser da face da Terra.

— Chegamos — Roger disse assim que entrou com o carro na garagem.

Apenas assenti. Entrei no elevador, ainda em choque com a briga e quando dei por mim já estava no interior do apartamento. Ao passar os olhos rapidamente pelo local, notei que estava uma bagunça.

— Eu sei. Uma zona! Não tinha ânimo para ficar de conversa com a moça da limpeza. Dispensei os serviços dela, temporariamente.

— Tudo bem. — Beije delicadamente o rosto dele. — Isso é o de menos, depois podemos dar um jeito nisso. Agora só preciso de um banho. E cuidar desses seus ferimentos.

Seguimos juntos até o quarto; em outra situação, com certeza estaríamos

sem roupa e nos amando.

Tirei minhas roupas e entrei no chuveiro, Roger fez o mesmo abraçando-me por trás, encostando o queixo na minha omoplata direita. Sentir seu corpo, seu toque, seu cheiro depois de tantos dias era um acalento para minha alma.

— Eu sinto muito — sussurrou. — Não queria que as coisas chegassem a esse ponto.

— Nem eu. — Virei o corpo e fiquei de frente para ele. — Mas eu amo você e não posso abafar esse sentimento ou camuflá-lo, como se não existisse. Nos machucamos, fizemos um monte de besteiras, nos afastamos, sofremos e aqui estamos nós, incapazes de nos desvencilhar um do outro. Senti a sua falta. — O abracei forte e sua protuberante ereção tocou a minha pelve. — Falta de tudo: de sentir seu toque, seu cheiro, da forma como me olha quando está ardendo de desejo, como agora; de me entregar a você e de sentir sua total entrega.

Ele fechou o chuveiro e lançou-me um olhar enternecido, daqueles capazes de mexer com o nosso íntimo, logo depois abriu a porta do box e pegou duas toalhas que estavam penduradas. Roger me secou com uma e, após me enrolar, se secou com a outra.

— Pra cama, meu amor. Não posso te beijar como desejo, mas posso te amar como merece.

Saí em direção ao quarto com a respiração ofegante e completamente excitada.

Deitei-me na cama e abri a toalha. Roger fechou os olhos e sorriu, balançando a cabeça em sinal de aprovação.

— Vai ficar aí? — indaguei com o corpo formigando.

— Apreciando cada milímetro desse seu corpo maravilhoso. Não faz ideia da tamanha saudade que eu estava dele. — Deixou a toalha cair no chão e se aproximou acariciando minhas pernas. — Adoraria sentir o seu gosto.

— Vai ficar me devendo. Seu rosto está um desastre. Quanto a minha boca, ela encontra-se em perfeito estado, sedenta por você. — Os olhos dele brilharam

e ele se deitou. Bem devagar me ajoelhei entre as pernas dele, apreciei seu membro ereto e duro como uma rocha, o segurei firme, passei a língua vagorosamente e o abocanhei com vontade.

— Porra, Chloe! — grunhiu.

Continuei chupando, proporcionando o prazer que ele tanto gostava de receber e eu em dar. Com chupadas mais violentas, Roger ensandecido se ergueu sustentando-se nos cotovelos; enquanto ele observava embevecido, eu o devorava com maestria.

— Isso é bom pra caralho! — Passou a mão pelos meus cabelos molhados, eu o olhei ardendo de tesão e o engoli por inteiro. Quando senti seu pré-goço, lambi tudo e sem desviar do seu olhar subi na cama como uma gata preguiçosa, montei sobre ele, me inclinando um pouco para a frente, apenas para sentir o toque de suas mãos em meus seios que se encontravam túrgidos e prontos para receberem suas carícias. Cavalgando sobre ele e tentada a beijá-lo, eu fui à loucura no instante em que Roger inverteu nossas posições e, mesmo com a boca machucada, abocanhou um dos meus mamilos enquanto me penetrava incansável.

— Adoro isso — murmurei, delirando de prazer.

— Goza pra mim, amor. — Ele intensificou suas primorosas estocadas, me levando à loucura. Gemi alto ao ser tomada por uma onda de espasmos. — Isso, Chloe. Adoro quando você se entrega assim. — Ainda com o corpo fervilhando pelo dele, arranhei suas costas; ele urrou, fechou os olhos, estocou profundamente e me satisfez com seu líquido delicioso, quente e espesso.

Minutos depois, nos olhamos em cumplicidade e sorrimos. Roger saiu de cima de mim e deitou a cabeça em meu peito ainda com a respiração descompassada.

— Decididamente fizemos as pazes — balbuciei. — Me reiterando, senti muita, mas muita falta desse frenesi todo. Desse nosso jeito único e delirante de fazermos amor.

— E eu... com a sua ausência estava adoecendo de tantas saudades suas, Chloe.

— Agora nada e nem ninguém será capaz de nos separar — disse convicto.

— Vamos voltar para o chuveiro e terminarmos o nosso banho, sem nenhuma interrupção desta vez. Vou cuidar de você. — Ele ergueu a cabeça e me encarou com os olhos repletos de amor.

Tomamos um banho demorado; logo depois passei um pouco de pomada na boca dele, que continuava inchada.

— Pronto! Não tem muito o que fazer, o André te acertou em cheio. Quanto ao seu nariz... — Toquei-o com delicadeza. — O sangramento foi do soco, não quebrou nada. Logo estará novo em folha — brinquei, tentando parecer descontraída. Na verdade, enquanto nos amávamos loucamente em meio ao fulgor do momento, eu até havia me esquecido da confusão toda.

— Obrigado, Chloe. Você aqui é o que me importa, o inchaço é um mero detalhe.

— Muito bem, mocinho. Precisamos comer. — Seguimos em direção à cozinha. — Meu Deus! O que comeu todos esses dias, Roger? — Indiquei a geladeira vazia.

— Pizza, quando sentia fome.

— Nada de pizza, com essa boca toda zoada fica complicado. Hum... vejamos. — Abri o armário e peguei um pacote de biscoitos de chocolate e um litro de leite. — Pois é. — Meneei a cabeça, brincando. — É o que temos para hoje, sopa de biscoito e não aceito caretas.

— Com você como até pedra, não me importo com a comida e sim com a companhia.

— Eu sei. — Sorri para ele, pegando duas tijelinhas no armário. — Precisa comer, saco vazio não para em pé.

Ele aproximou-se e me abraçou por trás; enquanto eu picava os biscoitos nas tigelinhas, ele continuava grudado em mim.

Jantamos nossa sopa improvisada e nos deitamos. Roger logo pegou no sono, estava exausto e abatido. Empurrei o lençol com cuidado e levantei da

cama bem devagar para não acordá-lo, peguei meu celular na bolsa e suspirei aflita ao ver a quantidade de chamadas perdidas e mensagens dos meus pais, do Tony, da Bel e da Sarah. Por sorte, deixei no silencioso, não estava preparada para falar com ninguém, muito menos com o Tony. Joguei o aparelho de volta na bolsa e me juntei ao amor da minha vida que dormia tranquilamente.

Ao amanhecer, mesmo contrariado, Roger concordou que o melhor a fazer seria eu ir para a minha casa, trocar de roupa, seguir para o trabalho, conversar com os meus pais, ligar para o Tony e marcar algo com ele para poder explicar a merda que eu havia feito. Pensar nele era a pior parte. Como não magoá-lo?

Nós nos despedimos; e como havíamos combinado, eu diria apenas o essencial aos meus pais e juntos, mais tarde, esclareceríamos tudo.



Entrei em casa e como passava das oito da manhã, só a Lalinha se encontrava. Trocamos algumas palavras e fui me arrumar. Meu celular vibrou no mesmo instante que terminava de passar a prancha nos cabelos. Engoli em seco ao verificar de quem se tratava e meu coração veio à boca.

— Alô.

— *Chloe Vitória! Sumiu?*

— Oi, Tony. Só estou um pouco cansada, só isso.

— *Está trabalhando demais, precisa descansar.*

— Verdade. — Soltei um suspiro.

— *Nos vemos hoje? Vamos sair? Assistir um filme, passear pela Paulista, o que acha?*

Gelei e sentei-me na cama, decididamente eu era uma grandessíssima escrota.

— Podemos almoçar amanhã?

— *Podemos... claro! Está tudo bem?*

— Está sim, como disse estou extremamente cansada, na verdade esgotada.

— *No japonês? Passo na sua casa à uma da tarde.*

— Nos encontramos lá, eu preciso fazer algo antes e te encontro depois.

— *Combinado! Nos falamos mais tarde, bom trabalho. Estou com saudades.*

O ar me faltou e senti um nó na garganta.

— Eu também. Beijos.

— *Beijos.*

Respirei fundo e joguei a prancha de cabelos longe. *Que merda eu fiz? Como pude fazer isso com ele? Chloe, sua idiota, deveria ter dançado a noite toda até a exaustão naquele dia, jamais deveria ter ficado com seu generoso amigo. Droga... droga... droga, mil vezes droga!* Fiquei cega de ciúmes e deixei a raiva se apossar de mim. Conforme as lágrimas escorriam pela minha face, mais repulsa sentia de mim mesma.

Levantei e fui ao banheiro, nem olhei no espelho, mal conseguia me encarar. Lavei o rosto e terminei de arrumar meu cabelo.

No caminho, liguei para a Bel, e contei tudo a ela. Bel disse que não queria estar no meu lugar, mas ficaria ao meu lado.

Assim que cheguei à empresa, desci do elevador e acelerei pelo corredor até a minha sala e lá permaneci até meus pais entrarem perto do horário do almoço.

— Podemos conversar? — papai questionou com o semblante totalmente diferente; ele, que sempre era tão tranquilo, estava visivelmente preocupado.

— Eu sei, pai, devo explicações e as darei. Por favor, só preciso de tempo.
— Esfreguei os olhos. — O André provavelmente já adiantou tudo. Eu sei, fiz um monte de besteira, envolvi uma pessoa maravilhosa, e preciso consertar isso. A única coisa que posso dizer é que eu sou completamente apaixonada pelo Roger, e é com ele que eu vou ficar.

— Não entendo. Se estavam apaixonados, por que tudo isso? Não era mais fácil assumir de uma vez? Gostamos do Roger tanto quanto do Tony, você sabe, ele praticamente é da família — mamãe comentou confusa.

— Aconteceu tudo muito rápido. Como um vendaval, eu diria. Ele terminou com a Kelly e começamos a sair, escondemos porque o André não facilita nem um pouco.

— Ele acha que o Roger não serve para você — rebateu minha mãe.

— Quem o André pensa que é? Meu dono? Se o Roger serve ou não, cabe a mim saber, não ao André. Ele, às vezes, passa dos limites, mas o problema não é ele. Estou me sentindo uma farsa por ter ficado com o Tony e ter alimentado esperanças, quando na verdade eu não tinha certeza do que queria. Isso sim, está me deixando apreensiva.

— Realmente, se não tinha certeza, deveria ter dito a ele. Tony é adulto, entenderia. Quanto ao Roger, não temos nada contra ele, Chloe. Talvez seu irmão, por sair com o ele, o ache mulherengo demais e esse pode ser o motivo de não o querer como cunhado — papai disse calmamente, ainda com a testa vincada.

— Pode ser! Mas mesmo os mulherengos amam. E por isso, gostaria de terminar essa conversa em outro momento. O Roger quer muito estar presente. Não veio, porque o André acabou com o rosto dele. — Respirei fundo. — Pai, eu o amo e ele a mim, isso é fato. Nos amamos demais, brigamos, fizemos as pazes e pretendemos ficar juntos e, desta vez, sem esconder de ninguém. Amanhã vou sair com o Tony e explicar tudo a ele.

— Não deveria tê-lo envolvido *nisso* — mamãe enfatizou.

— Eu sei, mãe, tem razão. Estava magoada e fui irracional. Não será uma conversa fácil. Talvez ele passe a me odiar por isso e nunca mais fale comigo ou com o Roger, mesmo assim é o certo a fazer. Chega de jogar a sujeira para

debaixo do tapete.

— Tudo bem. Fale com o Roger, sua mãe e eu queremos conversar com ele. Vamos almoçar?

— Estou sem fome, mais tarde talvez.

— Chloe! Passar fome não vai ajudar. Não come direito há dias. Sei que não é fácil, mas se adoecer as coisas tendem a piorar. Vamos? — Mamãe me estendeu a mão.

Sáímos os três e almoçamos; na volta, cruzei com o André. Ele me olhou com desprezo e fez um V com os dedos, insinuando que eu tinha dois dias para falar com o Tony.



Completamente sem energia e ânimo para nada, fui embora logo após o almoço. A culpa estava me corroendo e magoar o Tony era a tarefa mais árdua de toda a minha vida.

Depois de uma chuva de chuva liguei para o Roger, ouvi-lo seria um bálsamo em meio à tempestade.

— Roger!

— *Alô, Chloe! Tudo bem? Como você está?*

— Péssima.

— *Amor, vamos consertar tudo isso.*

— Será? Tenho minhas dúvidas. O Tony era a última pessoa no mundo que merecia ser traído novamente. Eu deveria ter feito qualquer coisa naquele dia, bebido além da conta, dançado em cima da mesa, ter partido pra cima de você e

enchido a sua cara de tabefes, sei lá, qualquer coisa, menos ter envolvido o meu amigo nisso. Menos isso.

— *Eu sei e tenho minha parcela de culpa. Por mais que você ache que não, fui um covarde. Eu sim deveria ter feito qualquer outra coisa, menos aparecer com uma mulher na festa da Bel. E, infelizmente, ele precisa saber e não existe outra forma. Não gostaria que o Tony sofresse.*

Fiquei em silêncio por alguns segundos, processando.

— Pensando por esse ângulo, era melhor que você nem tivesse ido. — Respirei fundo. — O André hoje me olhou com tanto desprezo, que eu senti nojo de mim mesma. Meus pais foram maravilhosos, apesar de não acharem correto o que eu fiz com o Tony, claro. Quem em sã consciência acharia? Eles querem conversar com você.

— *Quero muito conversar com os seus pais. Sua família, assim como o Tony, são importantes para mim. Eu devo, no mínimo, uma explicação. Faço questão de colocar tudo em pratos limpos e recomeçar com você e, desta vez, de uma maneira digna e saudável. Como deve ser.*

— Eles te adoram, só não conseguem entender a posição do André em relação a ficarmos juntos e isso, sinceramente, eu não tenho coragem de contar.

— *Estou disposto a esclarecer tudo, quero fazer dar certo, Chloe. Eu te amo e quero que todos saibam, não pretendo omitir nenhum detalhe da minha vida ao conversar com os seus pais. E seu irmão que me perdoe, mas se for necessário contar a parte da troca de casais, eu farei.*

— Eu também te amo e gostaria muito de estar com você neste exato momento, estou me sentindo perdida. Nunca me senti tão sozinha, nem quando morava na Itália.

— *Quer que eu vá até aí?*

— Melhor não. Amanhã vou almoçar com o Tony e mais tarde poderemos conversar com os meus pais. Não vejo a hora das coisas se acertarem. Gostaria de dormir e, ao acordar, que tudo não passasse de um pesadelo.

— *Em breve cada pinga estará em seu devido lugar.*

— Assim espero. Vou tentar dormir um pouco, estou exausta.

— *Se cuida, amor.*

— Até amanhã. Beijos.

Deitei na minha cama e por fim acabei indo parar no quarto de hóspedes do Roger, adormeci agarrada ao travesseiro dele. E mesmo estando em um ambiente familiar e reconfortante não foi o suficiente para uma noite de sono tranquila. Tive pesadelos a noite toda. Em um deles, o Pietro sofria um terrível acidente de avião, acordei com lágrimas escorrendo e apavorada.

O dia amanheceu comigo contemplando o teto e com o coração acelerado. Todos na casa ainda dormiam, resolvi descer até a cozinha e preparar um chá de erva-cidreira para tentar me acalmar um pouco. Forte e fumegante como Lalinha costumava fazer, tomei duas xícaras e voltei para a cama. Desta vez consegui dormir e quando acordei novamente já estava quase na hora de me encontrar com o Tony. Senti um tremor por todo o meu corpo e mesmo diante de tais sensações me arrumei e saí para encontrá-lo.

Durante o trajeto pensei em várias maneiras de contar tudo a ele, sem magoá-lo tanto, a pressão na boca do meu estômago avisava que essa conversa não seria fácil. Estacionei na frente do restaurante combinado e avistei o carro dele do outro lado da rua.

Vamos lá, Chloe. Você criou essa situação, agora seja mulher o bastante para resolvê-la. Puxei o ar com força e desci. Assim que entrei, cruzei meu olhar com o dele, que correspondeu com extremo entusiasmo. Diante dessa recepção calorosa, minhas pernas fraquejaram.

— Oi, linda. — Ele beijou meus lábios discretamente.

— Oi, tudo bem?

— Melhor agora. — Sorriu e puxou uma cadeira para que eu pudesse me sentar.

— Está bebendo saquê? — perguntei, precisava beber algo antes que sufocasse.

— Vou pedir um para você. — Acariciou meu rosto, chamou a garçonete e fez o pedido.

— Obrigada.

— Trabalhando muito?

— Podemos dizer que sim.

— Espero que, com o retorno do Roger, você consiga relaxar um pouco, parece tensa. Tem certeza de que está tudo bem?

Neste instante fomos interrompidos pela garçonete trazendo o meu saquê.

— Na verdade — sorvi um pouco da bebida —, não está. Tudo está fora do lugar.

— Aconteceu alguma coisa com o Roger? — Ele segurou a minha mão sobre a mesa.

— Não e... sim. — O encarei com um fiapo de voz. — O Roger está bem, ele está no apartamento dele, não viajou, estava lá esse tempo todo.

— Que bom, fico feliz. Você falou com ele?

— Tony? — Eu segurei a mão dele. — Eu preciso falar com você, preciso muito, gostaria muito que você me ouvisse. — Esse rodeio estava me matando e caso não começasse a vomitar a crocodilagem que havia feito com ele, eu corria o sério risco de ter um troço, antes mesmo de começar a abrir a minha boca.

— Pode dizer, Chloe. — Ele bebeu um pouco do saquê e voltou a sua atenção para mim.

— Meu Deus, nem sei por onde começar — soltei um suspiro.

— Diga o que está te afligindo tanto. — Mais uma vez, ele acariciou o meu rosto e eu quase corri em direção à porta.

Fala, Chloe! O que está esperando? Coragem de arrastá-lo para a lama junto com você teve e agora não tem de dizer que ama outro homem e que ele é

o amigo dele. Desembucha, mulher!

Virei meu saquê de uma só vez e, pela milésima vez, respirei fundo.

— Tony? Você sabe do imenso carinho que eu tenho por você, tem um espaço especial no meu coração, mas... — Mordi a parte interna da minha boca, antes de terminar a frase. — A verdade é que estou apaixonada por outro homem. — Dizer que estava apaixonada por outro já era difícil o bastante e a pior parte ainda estava por vir.

— O italiano? — perguntou calmamente.

— Não, não é ninguém da Itália. — Engoli em seco. — É uma pessoa que você conhece. — Peguei meu massu e o virei novamente, tentando molhar a garganta com uma gota que fosse. — Tony, eu estou apaixonada pelo Roger.

— Pelo Roger? — inquiriu, confuso e com toda a razão.

— Sim, pelo Roger. Ele e eu começamos a sair logo após o rompimento dele com a Kelly. Aliás, essa foi a condição para que pudéssemos ter algo. Iniciamos um relacionamento às escondidas por conta das insinuações do André, e ficamos assim por meses, até eu descobrir... — Puxei o ar mais uma vez. — Descobrir que eles se relacionavam com as mesmas mulheres.

— Como assim? — Ele encrespou a testa. — Me explica, porque sinceramente, Chloe, eu não estou entendendo nada.

— O André e o Roger trocavam as namoradas. Recentemente, por exemplo, a Dafne saía às vezes com o Roger e a Kelly com o André. Tudo consensual, as garotas que eles costumavam sair também compactuavam desse tipo de relacionamento.

— Uma troca de casais para ser mais objetivo.

— Exatamente, troca de casais. Eu briguei com o Roger e passei a entender a posição do André. Ele não queria que eu saísse com um homem que não levava a sério a monogamia. Quando descobri isso, nós estávamos prontos para esclarecer tudo, eu fiquei tão passada com essa coisa toda que corri do Roger no mesmo instante. Fiquei perplexa e rompi com ele. Essa descoberta não foi o suficiente, eu não consegui manter distância por muito tempo e na véspera do

aniversário da Bel, nós fizemos as pazes, pelo menos era isso que eu havia pensado, até vê-lo entrando na casa noturna de mãos dadas com aquela mulher. — Ao me recordar da cena, meu estômago queimou. — Naquele instante, meu mundo desmoronou, eu ciente de que estávamos bem caí do cavalo literalmente, pensei que fosse ter um treco, eu... perdi o meu chão, corri para o toalete com as meninas para chorar. Por isso quando você chegou, não nos encontrou. Elas estavam comigo, sendo meus pilares de sustentação. Eu não conseguia entender por que o Roger estava fazendo aquilo.

— E para causar ciúmes nele, ficou comigo — Tony foi certo. Seus olhos penetraram os meus e eu só conseguia enxergar desgosto neles.

— Tony, eu... — as palavras começaram a fugir. — Eu não queria usar você, fiquei mexida, havia acabado de tomar um fora e quando nós começamos a dançar, eu achei que se eu desse uma chance para você, eu poderia esquecê-lo. Nada como curar um amor com outro. Eu queria muito, quis muito me apaixonar por você, tinha plena convicção de que se nutrisse esse sentimento por você seria feliz.

— E esqueceu? — Ele passou a mão pela barba que estava por fazer. — Conseguiu esquecê-lo?

Tony parecia chocado e de tudo que eu havia dito, ele apenas se apegou ao fato de não ter esquecido o Roger.

— Não — fui categórica. — Não consegui, Tony. Eu amo o Roger, eu o amo demais.

Ele meneou a cabeça em sinal de negação e isso me deixou arrasada.

— O Roger me procurou na quinta, ele não suportou a ideia de me perder. Nós nos amamos, eu sei que não deveria ter colocado você no meio dessa confusão... desculpa. — Tentei tocá-lo e ele se esquivou. — Você é especial demais pra mim, Tony. Não me olha assim. Por favor. — As lágrimas começaram a cair. — Eu adoro você, os momentos que passamos juntos foram especiais. — Minhas lágrimas escorriam sem parar, as enxuguei rapidamente para não chamar a atenção das pessoas nas mesas ao lado.

Sem dizer mais nenhuma palavra e com um olhar indecifrável, ele fez um sinal para a garçonete, pagou os saquês, levantou-se e foi embora, deixando-me

para trás.

Permaneci ali, sentada, aturdida por mais uns vinte minutos, com o coração esmigalhado por ter causado decepção a alguém tão importante para mim. Esperei as minhas pernas pararem de tremer, juntei meus cacos e fui embora.

Chorando ao volante, o único lugar no qual eu seria acalentada nesse momento, sem ser julgada, seria nos braços do homem que eu amava.



Ao descer do elevador, fui amparada pelo Roger.

— Ei, calma, amor — ele disse enquanto eu soluçava.

— Arrasei com ele, eu sei. O Tony poderia ter gritado, berrado, mas não o fez. Foi embora, seu olhar indiferente acabou comigo. Ele não merecia.

Roger sentou-se no sofá e puxou-me para perto dele.

— Chloe, eu acredito que não deve ter sido fácil para você dizer e muito menos para ele em ouvir. Eu conheço o Tony, ele vai sair dessa. Não posso mensurar o tamanho do sentimento dele por você, sei que ele dará a volta por cima e encontrará alguém que o ame com o mesmo ardor. — Ele beijou minha cabeça.

— Eu sou uma vadia insensível. — Deitei minha cabeça no colo dele e desabei a chorar novamente. — Uma vagabunda que se deita com os melhores amigos do irmão, é isso que eu sou.

— Claro que não, amor. Você não é uma vadia e muito menos insensível. Não é nada disso que diz ser, você é o amor da minha vida. — Acariciou a minha cabeça. — Vai passar e ainda vamos rir de tudo isso. Você vai ver.

— Não tenho tanta certeza disso. — Soluçando, agarrei-me nele.

Inconsolável e destruída acabei pegando no sono, enquanto era afagada por suas mãos.

— Chloe? — sonolenta, acordei ouvindo alguém sussurrar o meu nome.

Abri os olhos bem devagar, eu estava deitada na cama do Roger com ele ao lado.

— Seu celular estava tocando, todas as ligações são do André. — Roger me passou o *smartphone*.

— Ele deve estar querendo saber se eu conversei com o Tony — bocejei cansada, minha cabeça estava explodindo, como se eu tivesse tomado uma tijolada.

— Alô, André.

— Alô.

— Você me ligou?

— *O Tony sofreu um acidente de carro, o estado dele é grave.*

O quarto começou a girar e soltei o aparelho.

— Chloe! O que houve? Fala comigo. — Ouvi a voz do Roger bem distante.

Acordei do desmaio cheirando a álcool. Desesperado, Roger passou em meus pulsos e na minha nuca.

— O Tony? — O choro veio no mesmo instante.

— Calma, Chloe! — Roger me embalava como se eu fosse um bebê indefeso e assustado. — Falei com o André, assim que você melhorar vamos ao hospital.

— Quero ir agora. — Joguei o edredom longe e desci cambaleando da cama.

— Tudo bem, primeiro come alguma coisa. Depois eu prometo que levo você.

— Roger? É grave? — Percebi que sim, no instante em que perguntei. O

André havia dito, mas por conta do desmaio achei que talvez fosse coisa da minha cabeça. — O que houve? Como aconteceu?

Roger puxou-me novamente para o seu colo e beijou o meu rosto.

— No momento da pancada, Tony estava parado no semáforo. Um adolescente sem carteira de habilitação. Colidiram de frente.

— Meu Deus! — Meu choro veio acompanhado de soluços. — Eu quero vê-lo, preciso.

— Come primeiro.

— Se eu comer vou vomitar. Por favor, Roger, me leva até o hospital.

Ele respirou fundo, seu semblante era de preocupação e o meu de desespero e remorso.

— Tudo bem. Eu vou me trocar e podemos ir.

Permaneci calada, absorta. Romper com o Tony causou-me remorso, no entanto saber que ele havia sofrido um acidente pouco tempo depois de nos falarmos era o fardo mais pesado que eu carregava até então. A dor da culpa era um castigo amargo e intragável.



Meia hora depois, dávamos entrada no hospital. Roger se informou na recepção e, atônitos, subimos de elevador até o andar indicado. Ele me conduziu, apertou o botão e eu continuava passada. Mal esperei a porta se abrir completamente e desci correndo.

— Mãe! — Corri em direção aos meus pais e eles, assim como o meu irmão, pareciam desolados.

— Boa noite — Roger disse e o único que não respondeu foi o André. Sinceramente seria pedir muito para ele nos receber com abraços calorosos e um sorriso acolhedor.

— Como ele está? — perguntei aflita.

— Por sua culpa, ele está passando por uma cirurgia neste momento! — André explodiu apontando para mim, com a fúria minando pelos poros.

— André! — meu pai o repreendeu. — Foi uma fatalidade.

— Qual o motivo da cirurgia? — Roger perguntou.

Meus pais se entreolharam e não gostei nada do que vi.

— A perna direita foi praticamente esmagada, pelo que a enfermeira nos disse. A equipe fará de tudo para evitar uma amputação.

— Ah, não! — A cada minuto, eu me afundava mais e mais em meu próprio mar de arrependimento. Minha mãe me abraçou forte enquanto eu tentava controlar o desespero que me consumia.

As horas pareciam não passar, além do Tony o garoto do outro carro também se encontrava em estado grave. Meu pai ligou para os pais do nosso amigo; eles estavam em Lisboa e assim que foram avisados embarcaram no primeiro voo de volta ao Brasil. Roger ligou para as meninas e elas vieram no mesmo instante. Sarah era uma excelente fisioterapeuta e trabalhava em um centro de reabilitação, por ter experiência na área foi tentar colher informações sobre o real estado do Tony e saber também sobre o andamento da cirurgia. Regressou meia hora depois, todos nós nos levantamos e fizemos um círculo em volta dela impacientes por notícias.

— E então, Sarah? Como ele está? — perguntou Bel.

Apesar de estar acostumada com o ambiente, Sarah não conseguiu esconder a emoção ao nos contar que, infelizmente, a perna do Tony fora amputada da metade da coxa para baixo.

André esmurrou a parede, papai afastou-se, minha mãe sentou-se tentando conter o choro, Sarah e Bel também começaram a chorar e eu... eu desabei nos braços do Roger. Ele estava com os olhos marejados, apertou-me e embalou-me, enquanto eu urrava de dor e culpa.

No momento que o médico responsável pela cirurgia veio até nós, eu ainda

tinha um fio de esperança, no entanto um balde de água fria jorrou em cima de mim, quando ele confirmou o que a minha amiga já havia nos dito. Tony fora para a UTI, ele estava em coma induzido; além da amputação da perna, ele sofreu algumas escoriações na cabeça e no tórax e necessitava de monitoração pelo menos nas próximas 48 horas. E essas com certeza seriam as piores da minha vida. Um pouco mais calma, afastei-me de todos e caminhei em direção à janela, precisava olhar para fora, ver o mundo através do vidro, quem sabe acordar do terrível pesadelo no qual eu me encontrava.

— Está feliz? — André perguntou assim que encostou ao meu lado.

Eu não o encarei, continuei como estava, no fundo ele tinha razão.

— Ele sofreu esse maldito acidente pouco tempo depois de descobrir a cama de gato que vocês armaram para ele.

— Eu sinto muito. — Minha voz soou fraca. — Se eu pudesse trocava de lugar com ele. Daria a minha perna e a minha vida. — Peguei um lenço no bolso e enxuguei as lágrimas que caíam.

— Mas não pode, Chloe. E se eu estivesse no lugar dele, você seria a última pessoa que gostaria de ver quando acordasse.

Encolhi-me, as palavras foram duras. Mesmo diante delas, eu precisava ver o Tony nem que fosse de relance. Aos poucos, todos se foram, restando apenas Roger e eu.

— Chloe? — Senti aquele toque familiar.

— Oi.

— Você precisa descansar. — Afagou o meu rosto. — Está com fome?

Neguei com a cabeça.

— Amor, você vai ficar doente. Vamos até a lanchonete.

— Estou sem fome.

— Chloe, por favor. — Ele olhou-me com ternura.

— Tudo bem — acabei cedendo ao vê-lo tão preocupado.

Descemos até a lanchonete do hospital, pedimos um suco de laranja e um sanduíche natural; embora tentasse disfarçar, Roger estava tão abalado quanto eu. Forcei a contragosto o sanduíche só para não deixá-lo ainda mais agoniado. Sem termos como ajudar neste momento, nós também fomos embora. Por mim teria permanecido lá, sentada à espera de notícias, mas Roger tinha razão, de nada adiantaria ficar dormindo na recepção do hospital, precisávamos estar bem, para quando o Tony acordasse.



Dormi entrelaçada a ele e, atordoada, acordei por conta de um terrível pesadelo.

— Chloe? — Roger disse acariciando meu rosto.

— Um pesadelo horrível, uma confusão. Você estava no sonho, o Tony e até o Pietro. — Fadigada, levei a mão ao peito, meus batimentos estavam acelerados. — Dias atrás sonhei que o Pietro havia sofrido um acidente de avião e aconteceu essa tragédia com o Tony.

— Foi uma coincidência, apenas isso. Nada de ruim irá acontecer novamente. Você está esgotada. O esgotamento e o estresse com tudo o que está acontecendo fez com que tivesse pesadelos. É isso.

Eu o olhei com o coração ainda batendo na garganta, metade de mim queria acreditar nele e a outra metade duvidava totalmente. Um pavor tomou conta dos meus pensamentos e gelei.

— Vem aqui, amor. — Ele abraçou-me e puxou o edredom sobre nós. — Apenas um sonho ruim e nada mais. Descansa, Chloe, é tudo de que precisa nesse momento.

Demorei a pegar no sono novamente com medo de voltar a ter pesadelos, por fim fui vencida pelo cansaço e adormeci.



— Bom dia — Roger me cumprimentou dobrando a manga da camisa.

— Bom dia, que horas são?

— Sete e quinze.

— Nossa! Está quase no horário de visitas. — Agitada, saltei da cama.

— Chloe, a visita na UTI é às nove. Tem tempo ainda. Você vai para a empresa mais tarde? — Ele seguiu-me até o banheiro.

— Não sei, estou totalmente perdida. Se importa de assumir tudo sozinho, hoje? Preciso falar com ele. Quero estar por perto quando o Tony despertar do coma. — Olhei-o pelo espelho. — Sei que ele está sedado e ficará assim por dois dias, mesmo assim eu quero ficar até ele superar a primeira parte da batalha.

— Tudo bem. Promete que vai se alimentar? — Ele abraçou-me por trás e beijou meu pescoço.

— Eu prometo. — Virei e beijei sua boca. — Você está lindo. — Ajeitei a gola da camisa dele tentando parecer um pouquinho relaxada, mas a verdade era que eu não via a hora de pisar no hospital.

— Vou indo, coma algo antes de ir. — Roger beijou-me com vontade e se foi.

Ele definitivamente estava tentando parecer forte o suficiente por nós dois. Desde o dia que o André nos pegou no flagra, a minha vida virou de cabeça para baixo: primeiro, pelo receio em contar toda a verdade para o Tony; e agora, o

segundo e mais importante era a aflição de esperar até que ele acordasse. Terminei de me arrumar, por sorte ainda tinha algumas peças de roupas no apartamento do Roger.

Enquanto tomava uma xícara de café, enviei uma mensagem para a minha mãe. Em meio a toda confusão, eu nem a avisei que não dormiria em casa e ao desligar saí apressada, o trânsito cooperou e não demorei nada a chegar.

Entrei no hospital e fui direto atrás de notícias. O quadro permanecia o mesmo, o que era bom segundo a enfermeira, ele não havia piorado e nem melhorado, estava estável. Mesmo sabendo que não seria possível, perguntei se poderia vê-lo e ela me disse que seria possível, após as nove horas. Olhei para o relógio e ainda faltavam vinte minutos, que pareceram uma eternidade durante a espera, cravei os olhos nos ponteiros esperando aflita dar o horário.

— Senhorita?

— Posso vê-lo?

— Sim, agora pode. — Ela sorriu docemente, a boa enfermeira de cabelos grisalhos e bochechas rosadas deveria estar acostumada com a angústia explícita nos olhos dos parentes e amigos dos pacientes em estado delicado como o do Tony.

— Obrigada. — Caminhei no encalço dela e, após colocar um avental e higienizar as mãos, eu entrei.

— Leito oito — ela sussurrou e virou-se para conversar com um casal.

Confirmei com a cabeça e segui até o leito onde meu grande amigo estava. A primeira visão foi um choque; ele ali, deitado inerte, ligado a tantos fios e com alguns hematomas visíveis no rosto. Senti minhas pernas fraquejarem e puxei a cadeira para me sentar.

— Converse com ele — a enfermeira falou e puxou as cortinas para que tivéssemos privacidade.

Acompanhei os monitores, embora não entendesse nada olhei o monitor cardíaco, saturação, pressão arterial. Ele parecia estar dormindo, como já havia presenciado no pouco tempo que ficamos juntos. É... pensar no tempo que

havíamos passado juntos e no rompimento brusco remeteu-me ao acidente e no motivo pelo qual ele estava ali. As lágrimas foram inevitáveis. Respirei fundo, tentando me livrar delas e segurei a mão dele.

— Tony. — Enxuguei o rosto. — Se eu pudesse trocar de lugar com você, não hesitaria nem por um milésimo de segundo — sussurrei beijando a mão dele. — Me perdoa. — Debulhada pelas lágrimas, abaixei a cabeça e permaneci calada, rezando por ele internamente até o término da visita. A dor era imensa, e nada que eu dissesse ou fizesse abrandaria o sentimento destrutivo que habitava os meus pensamentos e o meu coração.

Saí de lá pior do que havia entrado. Atordoada, parei por um instante e me permiti olhar ao meu redor, não apenas superficialmente, olhar rostos, sorrisos, lágrimas, pessoas que assim como eu estavam enfrentando seus dilemas pessoais. E o meu era minha culpa, talvez merecesse sofrer mais do que qualquer uma delas. O corredor do hospital era frio, sem vida; e de certa forma era exatamente assim que eu me sentia. Fui posta à prova e, diante dela, não sabia como agir. Caminhei até a recepção, sentei-me e esgotada adormeci com a cabeça encostada na parede.

Fui acordada pelos pais do Tony, Mário e Leda estavam em estado de letargia e vê-los doeu mais uma vez.

— Obrigada, querida, por ficar no hospital, por não deixá-lo sozinho — Leda falou seguido de um abraço maternal.

— O Tony é muito especial para mim e para a minha família.

— Sabemos e agradecemos — Mário afirmou, com os olhos de quem havia chorado muito.

Fiquei com eles o restante do dia, ora calados, ora conversando e ora atrás dos médicos por informações. Eles o visitaram às 15 horas e eu fiquei aguardando por notícias. Só percebi que havia escurecido quando o Roger chegou acompanhado dos meus pais.

— Oi, tudo bom? Como ele está? — Ele envolveu-me em um abraço e eu relaxei.

— Ele continua na mesma. Foi bem difícil vê-lo naquele estado. —

Encostei minha cabeça no peito dele.

— O Tony vai superar, nosso amigo é forte. — Carinhosamente beijou minha testa.

Roger cumprimentou os pais do Tony e eles o trataram com muito carinho, foi bom saber que tinham um grande apreço por ele.

— Filha? — meu pai me chamou e caminhei até ele. — Não vai dormir aqui, vai para casa descansar — ele foi incisivo e não o contrariei. — Almoçamos com o Roger e conversamos sobre a relação de vocês. Se o amor que sente por você é tão grande quanto ele diz, só nós resta dizer que, mesmo em meio a esse caos, ficamos felizes. E ele continua sendo bem-vindo em nossa casa.

— Obrigada, pai. — Emocionada, eu o abracei. — Lamento por não ficar plenamente feliz, a tragédia com o Tony é minha culpa e não tenho o que comemorar.

— Não, mocinha. Pare com isso, Chloe. A culpa não é sua e assumir esse fardo só trará mais dor e sofrimento a você. — Desta vez deu-me um abraço forte e amparador.



Definitivamente acertei quando pensei que essas seriam as 48 horas mais torturantes da minha vida e sem dúvida foram.

Desde que chegaram, os pais do Tony permaneceram no hospital. Por insistência do Roger e dos meus pais, fui para casa duas vezes, apenas para tomar banho retornando em seguida.

Os médicos cessaram a sedação e, assim como os demais, eu estava ansiosa para que ele acordasse. Roger trabalhava por nós dois, eu não tinha cabeça para executar as funções que tanto me davam prazer. Não arredaria o pé do hospital até ter certeza de que o Tony havia acordado.

Já era tarde da noite quando Roger e eu sentamos nas poltronas confortáveis da recepção do hospital. Contar com ele, com a presença dele, era como uma recarga para as minhas baterias que estavam começando a falhar. Angustiada, encostei a cabeça no ombro dele.

— Roger? Chloe? — Mário nos cutucou.

— Mário, aconteceu alguma coisa? — Roger e eu nos endireitamos.

— O médico acabou de nos informar que o Tony acordou. Ele está consciente. — As rugas de preocupação deram uma trégua no rosto exaurido do pobre homem.

— Graças a Deus! — exclamei. — Podemos vê-lo?

— Somente nos horários de visita, às nove e às 15 horas.

— Minha filha, vai para casa. Descansa um pouco, amanhã cedo você vem visitá-lo. — Leda segurou na minha mão.

— Ela está certa. Vamos e amanhã cedo nós voltamos — Roger insistiu e concordei com eles.

No caminho para o apartamento do Roger, enviei mensagens de texto para a minha família e também para a Bel e a Sarah. Após um banho e uma xícara de chá, eu desmoronei de cansaço.



Finalmente, após uma noite de sono tranquilo, acordei mais esperançosa; e animada preparei o café da manhã para saborear com o Roger. Ele estava sofrendo, só não gostava de demonstrar, e eram raros os momentos que deixava transparecer. Roger perdera o pai em um acidente de carro e paparicá-lo um pouco era o mínimo por todo apoio que ele vinha me dando. Saímos do apartamento dele e seguimos direto para o hospital.

Aceleramos os passos quando avistamos os meus pais conversando com os do Tony, no corredor.

— Bom dia — cumprimentei os quatro com um beijo no rosto.

— Oi, filha. — Minha mãe abraçou-me carinhosamente. Ela sabia o peso do fardo que eu estava carregando.

Roger também os cumprimentou.

— Alguma novidade? — ele perguntou.

— Ele acordou do coma induzido, como dissemos ontem. — Mário esfregou a têmpora. — Os médicos conversaram com ele, explicaram tudo sobre a cirurgia, como será o pós-operatório, a recuperação, a reabilitação.

— E como ele reagiu? — inquiri temendo pela resposta.

— Ele chorou, chorou muito. Mas agora está mais calmo, segundo a equipe de enfermagem — Mário relatou o sofrimento do filho com o pesar estampado na face.

— Vocês não o viram?

— Não, querida. Daqui a pouco o veremos. Eles nos disseram que se o meu Tony continuar reagindo bem, logo irá para o quarto. É tudo o que quero, poder cuidar dele em tempo integral. — Leda enxugou uma lágrima.

— E assim será. — Minha mãe a abraçou.

— Está quase no horário da visita, vou entrar com a Leda e depois vocês podem entrar — afirmou Mário, seguindo em direção à ala da UTI.

Roger segurou forte a minha mão. Eu gostaria de ver o Tony, de tocá-lo, de falar com ele, gostaria muito de pedir perdão e mesmo querendo muito tudo isso, eu estava temerosa diante da reação dele. Leda e Mário entraram e nós ficamos aguardando do lado de fora. Os pais do garoto causador do acidente também vieram visitar o filho, o estado de saúde dele continuava grave e a dor nos olhos da mãe era de partir o coração. Pouco tempo depois, os pais do Tony saíram visivelmente emocionados.

— Chloe, por que não nos disse? — Leda abraçou-me.

Permaneci inerte em seu abraço sem entender o entusiasmo repentino.

— Deveria ter nos dito — completou Mário.

— Dito o quê? — questionei sem entender e, pela cara do Roger e dos meus

pais, eles também não estavam entendendo nada.

— Minha linda, Tony nos contou que vocês estão namorando e a última coisa de que ele se recorda antes do acidente é de ter saído do apartamento dele para se encontrar com você.

— Como?! — Senti o ar faltar e minhas pernas tremularem. Pasma e sem reação, olhei para o Roger, que estava pálido.

— Chloe, eu cheguei a pensar que você e o Roger estivessem namorando, pela maneira carinhosa como se tratam, mas tivemos uma grata surpresa ao saber do nosso filho, que na verdade você é namorada dele — Mário afirmou o que os meus ouvidos temiam.

Confusa, forcei um meio sorriso amarelo, encarei o Roger novamente e ele parecia incrédulo, tanto quanto os meus pais. Todos nós estávamos perplexos diante dessa brincadeira do destino.

— O neurologista falou conosco e com o Tony, ele nos disse que é normal a perda de memória em pessoas que passaram por eventos traumáticos, como acidentes automobilísticos — Mário continuou a relatar com detalhes o que o médico havia dito a eles.

— E essa perda é definitiva? — minha mãe perguntou exatamente o que queríamos saber.

— Quanto a isso, ele não tem como prever. Alguns pacientes com o tempo recordam-se do que aconteceu e outros não. Cada caso é um caso.

— Chloe, deveria ter nos dito, agora entendo sua insistência em permanecer aqui. — Leda sorriu pela primeira vez em horas e, mais uma vez, minhas pernas fraquejaram.

Roger adiantou-se e me amparou, naquele instante precisávamos um do outro.

— Fico feliz e agradecido por saber que o meu filho está cercado de pessoas que o amam. O Roger e o André são como irmãos para ele e você, Chloe, pensávamos que era a irmãzinha que ele nunca teve, nesse caso namorada é mil vezes melhor. Mais do que nunca, ele precisará de todos para superar essa

tragédia. — Mário deu a cacetada final.

— Faremos o possível — meu pai disse o que deveria ser dito.

Diante dos fatos, a única coisa que eu queria era dar um abraço bem forte no Roger, ele continuava calado, desolado e o meu coração mais uma vez estilhaçado. Estava com medo da reação do Tony e agora assustada por ver a tristeza saltando dos olhos do homem que eu realmente amava.

— Pode ir, pai, eu vou depois — praticamente implorei. Naquele momento, eu não tinha condições para encarar o Tony.

Meus pais entraram e eu abracei o Roger o mais forte que pude.

— Por favor, não desista de nós — sussurrei com as lágrimas vertendo.

— Estou atordoado. — Ele afastou-se e sentou-se.

— Roger? Eu não sei como, vou dar um jeito em toda essa situação. Eu a criei, só eu sou capaz de consertar essa coisa toda — balbuciei, querendo acalotá-lo e por ironia, mais uma vez, estava impedida de estar com ele perante as pessoas do nosso convívio.

Assim que os meus pais saíram, senti o ar me faltar.

— Vai lá, Chloe. Depois eu entro — Roger disse destruído.

Apertei a mão dele com força e segui em direção à porta da UTI. Com um nó pronto para explodir na minha garganta, caminhei lentamente até o leito onde o Tony se encontrava.

— Oi — eu mal consegui dizer essas duas letrinhas e as lágrimas começaram a verter sem dar trégua.

Tony me olhou e respirou profundamente.

— Que saudades de você — ele disse com a voz fraca e segurei na mão dele.

O que eu poderia dizer? Reavivar a memória dele? Ser cruel pela segunda

vez com quem não merecia? Nem ele e nem o Roger mereciam, nenhum dos dois. Eu sim, por ser tão irracional, idiota, ciumenta e ceder à raiva que invadiu o meu coração naquele dia. Por que não fui indiferente ao Roger? Por que tinha que colocar o Tony no meio do meu rolo?

— Você está abatida — ele disse com dificuldade.

— Eu me sinto como se um meteoro tivesse caído na minha cabeça. — Beije a mão dele. — E você? — resfoleguei e engoli o choro como uma criança birrenta. — Como você está?

— Um homem pela metade, tentando processar tudo e feliz por saber que você está aqui.

Sem querer, ele cravou um punhal no meu peito, sufocada pelas palavras que doeram lá no fundo e mal conseguindo puxar o ar tamanho o nó que havia se formado, desabei ao lado dele.

— Não chora, Chloe Vitória. — Ele afagou meu rosto.

— Me desculpa.

— Você não me deve desculpas. — Agarrei a mão dele e beijei diversas vezes.

A situação estava fugindo do controle. Parecia que um imenso buraco negro havia sido aberto e me sugado sem dó e nem piedade para as suas profundezas. Sem conseguir permanecer olhando para ele, devido à omissão imposta pela vida, dei uma desculpa para sair o mais rápido possível.

— O Roger está aí fora, ele também quer vê-lo.

— Também quero vê-lo.

— Fica bem, tá? — Afaguei-o.

— Se cuida, está muito abatida.

— Pode deixar. — Forcei um sorriso, beijei-o novamente e saí.

Roger encontrava-se absorto olhando para o chão.

— Ele está à sua espera. — Acariciei o braço dele.

Roger apenas me olhou com pesar.

— Eu te amo — balbuciei, com a voz embargada.

Ele afastou-se e entrou na UTI.

Só consegui caminhar em direção a minha mãe e me jogar nos braços dela.

— Filha, se acalme. — Ela me abraçou forte e levou-me para o corredor que levava aos elevadores.

Descemos e nos sentamos em um banco que ficava no jardim em frente à porta de vidro imponente na entrada do hospital.

— O que eu faço? — perguntei.

— Dê tempo ao tempo, filha.

— Como, mãe? Eu amo o Roger e acabei com o Tony e de certa forma acabei com os dois. Fui capaz de deixar um aleijado e o outro se sentindo culpado e destruído.

— Chloe? Olha para mim! — Minha mãe puxou meu rosto, para que eu pudesse encará-la. — Assumir a culpa por algo que não fez, não vai ajudar. Você precisa ser forte, forte o suficiente para discernir e no momento certo saber agir. Eu sei, não está sendo fácil e vê-la sofrer assim, acaba comigo.

— Não vou desistir do Roger, mãe, e não quero que o Tony sofra. O Roger é o amor da minha vida, se ele abrir mão de mim eu volto para a Itália, porque sem o amor dele eu não sou nada e muito menos serei capaz de dar ao Tony o que ele tanto irá precisar.

— Eu sei, meu bem. Por isso vamos dar tempo ao tempo, ele é sábio e colocará tudo em seu devido lugar.

— Espero. — Limpei meus olhos quando vi o Roger e o meu pai se

aproximando.

— Roger e eu estávamos conversando e chegamos à conclusão de que a melhor solução no momento é omitir do Tony o namoro de vocês. — Eu os encarei.

— Pai, mãe, vocês podem me dar licença, por favor?

— Nós vamos indo. Vocês vão para a empresa? — perguntou minha mãe.

— Sim, vamos — respondi.

— Até daqui a pouco — eles se despediram e saíram.

— Vamos? — Roger continuava me tratando com frieza e isso estava me matando.

Segui com ele até o estacionamento, e ao entrarmos no carro, eu despejei.

— Concordo... concordo em omitir do Tony o nosso namoro — falei resoluta. — Estarei ao lado dele, mas isso não significa que ficarei longe de você, Roger.

— Chloe, eu nem sei o que dizer. Minha cabeça está confusa.

— Confusa, Roger? Se você me abandonar novamente, pode ter certeza, eu compro uma passagem só de ida para a Itália e nunca mais volto. Entendeu? — Puxei a mandíbula dele em minha direção. — Pode soar egoísta da minha parte, mas o Tony ficará melhor sem mim. Eu amo você, já dei inúmeras provas disso; e se passar por mais essa é a última para provar o quanto esse sentimento é grande o suficiente para me fazer abandonar tudo sem olhar para trás, pode apostar que eu farei. Vamos dar tempo ao tempo, seguir o conselho da minha mãe. Desde que estejamos juntos, pouco me importo com o tempo. Hoje, amanhã ou daqui a um ano. Eu amo você. — Segurei-o, aproximei meus lábios dos dele e repeti: — EU AMO VOCÊ! — Explodimos em um beijo sôfrego e repleto de paixão.

Desesperada por ele, soltei o cinto e sentei no colo dele, estávamos no estacionamento do hospital e o carro possuía insulfilm escuro o bastante para nos acobertar. Tirei minha blusa e o sutiã por cima da cabeça, Roger abocanhrou um

dos meus seios e arfei excitada. Não era hora e nem lugar, mas eu precisava dele tanto quanto ele precisava de mim. Mais ágil que o normal abri a camisa dele e me desfiz da peça rapidamente, levantei um pouco, tirei minha calça e calcinha enquanto ele abaixava as calças e sua boxer. Eu nua e ele parcialmente, ambos ardemos pelo toque e pelo desejo que nos consumia.

— Eu também amo você — ele proferiu.

Ao ouvi-lo dizer as palavras que tanto me deixavam plena, passei para o banco do passageiro, abaixei o mesmo e mais do que depressa o puxei, beijando sua boca que me levava à loucura apenas com a língua. Roger sentou-se, eu levantei apenas o suficiente para nos arrumar e desci sobre seu membro ereto.

— Parece loucura, mas fazer amor com você me acalma. Se é certo diante das circunstâncias eu não sei, só sei que eu amo muito você, Chloe.

Eu não disse nada, segurei o rosto dele, suguei seus lábios e comecei a cavalgá-lo com o meu quadril afundando cada vez mais em sua ereção. Nossa cadência perfeita e ritmada nos fez gozar como loucos praticamente em sincronia.

— Você é a minha vida e me conectar a você é o meu antídoto para me manter viva — eu disse permanecendo na mesma posição tempo o suficiente para nossas respirações e nossos batimentos cardíacos voltarem ao normal.

Antes de escorregar para o banco do motorista o beijei novamente.

— E agora? Tem lenços de papel? Uma flanela, talvez?

— Lenços de papel? — Ele abriu o porta-luvas e pegou uma caixinha. — Mais tarde aceito a sua ajuda para limpar o banco do meu carro. — Sorriu um sorriso contido.

— Sem problemas, é de couro. — Peguei algumas folhas de papel e me limpei.

Com menos agilidade com que nos despimos, nós nos vestimos e saímos do estacionamento.

Como quem não quisesse soltá-lo, segui acariciando a nuca dele até a

empresa.



Infelizmente fazer amor no banco do carro do Roger, não foi o suficiente para abrandar a tempestade que havia caído sobre as nossas cabeças. Porque embora fôssemos loucos um pelo outro, a falta de memória do Tony era um agravante para não ficarmos juntos e construir uma relação saudável. Nossa situação era delicada, nosso amor era constantemente posto à prova e esse lapso de memória do nosso amigo talvez fosse a maior de todas elas. Mesmo seguindo os conselhos da minha mãe em questão de deixar... “O SENHOR TEMPO” agir em silêncio, Roger e eu estávamos cada vez mais distantes.

Há quinze dias fizemos as pazes e desde então, um rolo compressor passou sobre as nossas vidas e tempo era o que eu mais vinha dando a mim mesma, aos meus pensamentos conflitantes, ao meu coração esmagado por não saber ao certo como agir, ao ver o homem que eu amava erguer uma parede de gelo entre nós como autodefesa e me compadecer todos os dias após o meu expediente do sofrimento de um homem maravilhoso. Se não bastasse, trabalhar com o Roger, lidar com o seu iceberg, omitir fatos que trariam mais dor ao Tony, eu lidava também com a indiferença do meu irmão. André falava somente o estritamente

necessário e assuntos relacionados à empresa, tanto comigo quanto com o Roger.

Como o meu namorado, ele não conseguia esconder a frustração de ser obrigado a sustentar uma mentira, o semblante dele ao ver os pais do Tony felizes e satisfeitos com o nosso relacionamento era digno de pena e eu ficava arrasada todas as vezes. Mas era o meu dever estar com o Tony e ajudá-lo a superar essa fase difícil. Por consequência descobri da pior maneira possível que a culpa e o remorso são os nossos piores inimigos, eles minam toda e qualquer possibilidade de seguirmos em frente.

Gostaria de seguir de forma plena com o Roger, abraçá-lo, beijá-lo, acariciá-lo sem restrições ou qualquer outro tipo de barreira imposta, nosso relacionamento era intermitente. Quando pensávamos que as coisas iriam ser diferentes, algo acontecia e tudo mudava. Continuávamos juntos e ao mesmo tempo separados. Há dias vinha me sentindo esgotada, na verdade eu não estava sabendo lidar direito com toda essa situação.

Tony saiu da UTI e foi para o quarto, ele vinha se recuperando, graças a Deus, e essa era a única coisa boa acontecendo no momento.

— Você está bem? — perguntou Bel ao entrar na minha sala e tirar-me do devaneio. Sarah e ela vieram almoçar comigo, as duas estavam me sustentando para que eu não desabasse de vez.

— Não, não estou nada bem. — Joguei a caneta sobre a mesa e endireitei-me na cadeira. — Estou sem forças, cansada... esgotada, tudo menos bem.

— E pálida também, amiga. Precisa se cuidar. Você emagreceu pra caramba nessas últimas semanas, seus pais estão preocupados, assim como eu e a Bel. Precisa ser forte. Eu sei que assistindo tudo do lado de fora é fácil falar, mesmo assim, Chloe, é necessário puxar o restinho de fôlego que resta, e você sempre soube fazer isso muito bem. — Sarah pegou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

— Concordo com a Sarah — disse Bel, segurando as minhas mãos. — Todos nós estamos preocupados com você.

— É pedir muito para ter um pouco de paz? Eu só queria minha tranquilidade de volta, só isso. Namorar o Roger, como a maioria dos casais. — Encarei as duas, que se compadeceram da minha dor. — Nem sei se quando tudo

isso passar, se nós... Se é que posso chamar de nós ainda estaremos juntos. — Ao dizer isso, meu peito apertou e sucumbi em tristeza. — O Roger e eu não estamos nada bem, como vocês sabem. Hoje ele foi almoçar com aquela ruiva insuportável da implantação do sistema. Ela estava vestida pronta para atacar, com os peitos saltando pelo decote, sorrindo para o meu namorado e ele retribuindo com um sorriso que não vejo há dias, não direcionado a mim. O fardo está pesado. — As duas me abraçaram.

— Tudo isso vai passar — disse Bel. — E o Roger ama você, não é qualquer par de peitos que será capaz de apagar um amor assim.

— Não sei, estamos tão distantes um do outro. Talvez ele tenha se cansado. E ao invés de almoçar esteja comendo aquela lambisgoia.

— Chega! Ele não está comendo lambisgoia nenhuma. Está almoçando e é exatamente isso que vamos fazer agora. — Bel apertou a minha mão e puxou-me.

— É isso aí — Sarah concordou e pegou a minha bolsa. — Massa! Você vai engordar alguns quilinhos, amiga.

Saímos as três no carro da Bel, elas já haviam combinado tudo e, como nos velhos tempos, Bel ligou o som do carro no último volume e saiu dirigindo enquanto cantarolava: *Yellow*, da banda Coldplay. Ela era uma excelente motorista e parecia ter um GPS acoplado ao cérebro, sabia como ninguém atalhos para chegar a um lugar bem mais rápido e, assim que chegamos, meu apetite deu o ar da graça diante do aroma maravilhoso que vinha da cozinha da suntuosa cantina italiana.

— Boa tarde, senhoritas! — Fomos surpreendidas por um belo homem de cabelos louros e olhos azuis encantadores.

— Olá! — Bel adiantou-se. — Reserva no nome de Sarah Vinci.

— Claro! Por favor. — Ele fez menção com as mãos e nós sorrimos. — Como pediu um lugar discreto, levarei as belas damas ao local desejado. — O loiro sorriu e a Bel quase desmontou.

Seguimos o bonito rapaz, eu estava começando a me sentir bem por ter aceitado o convite, até pousar meus olhos em um dos casais que almoçavam

duas mesas depois da nossa. Ele não poderia nos ver, pois estava de costas, mas a ruiva com certeza nos viu.

— Lugar melhor impossível, obrigada — Sarah disse e sentou-se.

— O cardápio. — Ele nos entregou. — Fiquem à vontade, caso precisem de algo me chamem.

— Claro que sim. — Bel alargou seu lindo sorriso.

— Chloe? — Sarah me chamou, percebendo a mudança repentina em meu semblante. — O que foi?

Meneei a cabeça. Elas olharam discretamente à frente e voltaram a atenção para mim.

— Puta merda! Tantos restaurantes e viemos no mesmo. Que sorte! — Bel tentou parecer descontraída.

— Tudo bem, meninas. Só um minuto. — Levantei e fui em direção à mesa deles.

— Oi. — Forcei um sorriso e encarei o Roger.

— Chloe? — Ele levantou-se sem graça e beijou discretamente os meus lábios. — Você por aqui, amor? Acabei de dizer a Marta que nós dois, após rever o orçamento deste ano, em conjunto com a diretoria, iremos implantar o sistema. Almoça conosco?

— Ah, não! — Mostrei as meninas. — Vamos colocar as fofocas em dia. — Olhei para a ruiva e retribuí o sorriso falso que ela esboçou. — Outro dia quem sabe. — Desvencilhei das mãos dele e voltei para a minha mesa.

— E aí? — Bel perguntou, percebendo minha inquietação.

— Deixa pra lá, viemos almoçar, certo? Não sei se vou conseguir engolir toda a massa com esse caroço na minha garganta, mas farei o possível. — Olhei em direção à mesa dele e ele estava me fitando.

— Tudo bem? — Sarah indagou preocupada.

— Nada bem. — Sorri amargamente. — Talvez eu saia daqui e passe em uma agência de viagens para comprar uma passagem para a Itália, só de ida.

Elas explodiram em uma gargalhada e não resisti. Rir da própria má fase até que não era tão ruim assim.

— Olá, meninas! Tudo bem? — Roger interrompeu nosso surto de risadas ao aproximar-se com os olhos cravados em mim.

— Tudo bem — Bel respondeu e Sarah apenas meneou a cabeça.

Peguei o cardápio e optei por talharim à carbonara.

Roger puxou uma cadeira e sentou-se ao meu lado.

— Belas *ragazzas*, já escolheram? — o rapaz loiro perguntou com um sorriso encantador e olhou para o Roger sem entender.

— Talharim à carbonara, por favor. — Desviei completamente do olhar do Roger.

— Três — pediu Bel. — Ela morou cinco anos na Itália, capricha.

— Sério? — O loiro interessou-se e com os olhos faiscando sorriu para mim.

— Verdade, em Pádua. Uma belíssima cidade, eu tenho belas recordações.

— Eu sou filho de italianos. Meus pais são de Verona.

— Conheço. Tão bela quanto Pádua. — Sorri gentilmente e ele correspondeu com entusiasmo.

A essa altura, eu podia sentir a reprimenda nos olhos do Roger; e apesar de estar anestesiada pelos inúmeros problemas existentes em minha vida, estava gostando da repentina crise de ciúmes dele.

— Farei o pedido e prometo que será caprichado. — Ele pegou um cartão do bolso da camisa e me estendeu. Olhei para o cartão e depois para as meninas.

— É... obrigada. — Sem saber o que fazer diante da situação embaraçosa,

apreensiva eu peguei o cartão das mãos dele.

Roger pigarreou e agiu rapidamente.

— Lamento informar, mas essa mulher é minha namorada — ele disse passando a mão por cima dos meus ombros, como um macho alfa marcando seu território.

— Perdão. — O loiro olhou para a ruiva e nós acompanhamos o olhar dele.

— Almoço de trabalho — Roger respondeu prontamente ao perceber a dúvida visivelmente estampada no rosto do rapaz.

Permaneci calada, Roger apertou os braços em volta de mim e pegou o cartão das minhas mãos guardando o mesmo dentro do bolso do blazer.

— Trarei os pedidos assim que estiverem prontos. — O loiro manteve a postura de antes e saiu à francesa.

Cruzei meu olhar com os do meu namorado e gostei do que vi: uma generosa dose de paixão explícita estampada.

— Já volto. — Roger levantou-se, disse algo para a ruiva, que ficou desapontada e retornou em seguida.

— Vai almoçar conosco? — perguntei, radiante por ver a ruiva passar por nós sem ao menos se despedir.

— Acho prudente — ele respondeu e me fitou com seu olhar apaixonado, aquele capaz de fazer minhas pernas tremularem.

— Escolha sensata, Roger. O bonitão de olhos azuis estava babando na Chloe. Dorme, meu amigo, que vai ficar chupando o dedo — Bel pronunciou cada palavra encarando-o.

— Percebi. — Desta vez, ele lançou seu olhar desestabilizador do qual eu estava com uma imensa saudade.

— Vou vir sempre aqui — brincou Sarah, para tentar aliviar a tensão. — O atendimento é maravilhoso. — Abanou-se com o guardanapo de linho branco.

— Vai fazer outro pedido? — perguntei ao Roger.

— Não, já almocei. Apenas te farei companhia. — Roger sorriu e eu retribuí, como uma boba completamente apaixonada que sou.

Minha conversa com as meninas teria que ficar para outro dia, com ele a tiracolo era praticamente impossível. Se bem que não foi tão ruim assim. Afinal, não ficávamos próximos a não ser na empresa ou no hospital. Ele não nos acompanhou na massa, apenas pediu uma água com gás e rodela de limão; e, como um cão de guarda, permaneceu ao meu lado.

Voltei para a empresa no carro dele, entretanto ele não tocou no assunto do dono do restaurante e eu não disse uma única palavra sobre a ruiva insuportável. Estou sem forças para levar uma discussão adiante e, pelo visto, ele também. Precisávamos de uma trégua, de paz e, acima de tudo, precisávamos um do outro.

A caminho da minha sala e com ele ao meu lado causando arrepios por todo o meu corpo, Roger entrou atrás de mim e fechou a porta.

— Sabe o que eu vou fazer com esse cartão? — Tirou-o do bolso e balançou-o.

— Ligar para o loiro bonitão marcando um encontro? — Com muito esforço segurei um sorriso.

— Está cheia de graça hoje, Chloe. — Roger caminhou em direção ao lixo e picou o papel em mil pedacinhos.

— Ah, que pena! — provoquei. — Poderíamos fazer um bem bolado e apresentar o bonitão para a ruiva assanhada.

— Desde que ele fique longe de você, por mim tudo bem. — Roger caminhou e parou na minha frente, sustentando o meu olhar. — Está com ciúmes? — perguntou segurando o meu queixo, exatamente como tinha o hábito de fazer quando estava prestes a dar-me o seu beijo arrebatador.

— Eu? Tanto quanto você. — Serpentei meus braços em volta da cintura dele. — Somos dois ciumentos incorrigíveis.

Roger segurou meu rosto e beijou-me com desejo, aquele latente capaz de reverberar por todo o meu corpo.

— Uau! Já estava sentindo falta do seu beijo abrupto. — Voltei a beijá-lo.

Alguém deu dois toques e nos interrompeu.

— Filha? — A voz doce da minha mãe me tirou do transe.

— Oi, mãe.

— Nos falamos mais tarde. — Roger beijou-me discretamente, pediu licença e saiu.

— Interrompi alguma coisa?

— Não, apenas um beijo mais acalorado — brinquei. — Algo importante?

— Você poderia fazer uma make na sua velha mãe? Seu pai e eu fomos chamados de última hora para um evento e a essa hora, em plena sexta-feira, é quase impossível conseguir agendar algo.

— Claro, mãe! Será um imenso prazer. Maquiagem e cabelo, tudo por minha conta. Já sabe o que vai vestir?

— Um vestido verde-oliva que usei apenas uma vez.

— Perfeito, mãezinha. Vou realçar sua beleza, o que não precisa muito.

— Nos vemos em casa. — Ela piscou e saiu.

Assim que ela saiu liguei para o Roger.

— Ocupado?

— *Estou. Mas pode falar.*

— Meus pais vão a um evento, vou para casa mais cedo, sou a maquiadora oficial da minha mãe e não irei visitar o Tony hoje. Ligarei avisando. O que me diz de um jantarzinho a dois na minha casa?

— Não posso, Chloe. Vou passar a noite no hospital com o Tony, os pais dele estão bem cansados e eu me ofereci. Inclusive iria perguntar se você poderia me dar uma carona.

— Tudo bem. Levo você e visito o Tony, então. Eu te ligo assim que estiver saindo de casa.

— Combinado.

— Até.

Desliguei e senti o gelo crescendo novamente como uma praga. Exaurida, voltei a atenção para o trabalho e permaneci focada, até minha mãe avisar que já estava indo. Ela foi e quinze minutos depois eu passava pela sala do Roger. Ele estava ao telefone, apenas acenei e fui embora.

Liguei o som no último volume como a Bel costumava fazer e caí de cara no trânsito maluco das sextas-feiras.

Ao chegar em casa, peguei minha maleta de maquiagem e algumas presilhas em swarovski e comecei a produção. Mamãe ficou belíssima e meu pai assoviou quando a viu. Vê-los felizes era delicioso e era a prova viva de que o amor verdadeiro resistia ao tempo, desde que ele fosse cuidado, regado e as arestas aparadas quando necessário. Era exatamente com esse tipo de amor que eu sonhava.

Eles saíram e fui me arrumar para visitar o Tony.



Meia hora depois, estacionava na porta do prédio do Roger, eu enviei uma mensagem e ele desceu em seguida. O beijo não foi tão acalorado como eu esperava, mas pelo menos estávamos juntos. Como já era previsto, Roger não disse uma palavra, apenas manteve a atenção nos carros da frente e, às vezes, me olhava de soslaio.

Ah! Como era bom sentir aquele calor emanando por toda parte do meu

corpo, eu sabia que ele estava me observando e essa sensação era perturbadora. Nossa química era inexplicável, um perfeito vulcão pronto a entrar em erupção. Minha labareda interna acendia apenas com um olhar; e caso ele me tocasse, eu não responderia por mim. Amava tanto esse homem, que ele nem fazia ideia.

Estacionei o carro e por impulso, enquanto caminhávamos em direção ao prédio do hospital, peguei na mão dele.

— Chloe! Aqui não. Esqueceu? — Seu olhar gélido me desestabilizou por completo, se eu não tivesse que visitar o Tony sairia dali no mesmo instante.

— Esqueci. Desculpa! — falei em tom ríspido e acelerei.

Passamos pela recepção e após as formalidades seguimos para o elevador, cada um para um lado até que o mesmo parasse.

— Posso entrar? — Dei um toque e abri a porta, apenas uma brincadeira para descontrair, depois da reprimenda do Roger.

— Boa noite! — Mário nos cumprimentou.

— Boa noite! — Roger e eu respondemos em uníssono.

— Já que vocês chegaram, deixarei o Tony em vossas mãos. — Ele sorriu.

— Sempre alerta. — Pisquei, brincando novamente. Quanto mais normal eu parecesse seria melhor. O Tony não tinha culpa da lambança que eu havia feito.

— E aí, irmão? Como está? — Roger foi até ele e o abraçou.

— Um dia de cada vez. — Tony sorriu discretamente.

— Tenho certeza de que logo, logo, você terá alta. — Segurei o rosto dele e beijei a sua testa. — Está mais corado hoje. Estou gostando de ver. — Ajeitei as cobertas e olhei para o Roger, que continuava com seu olhar indiferente.

— Tchau, crianças. — Mário pegou sua pequena mala, beijou o filho e se foi.

— Eu trouxe baralho. Alguém está disposto a perder? — Tirei a embalagem

do bolso da minha jaqueta e balancei.

— Chloe Vitória, você é péssima no truco. Cansei de tentar te ensinar, algo em seu cérebro bloqueia essa modalidade. — Tony sorriu.

— Tudo bem. Concordo, mas no 21 sou imbatível. Certo, Roger?

— No 21, sim. Quanto ao truco, o Tony tem toda a razão, existe um bloqueio. — Roger sorriu e mesmo sem saber se era de mim ou para mim, eu gostei.

Sentei nos pés da cama do Tony e o Roger puxou a poltrona, jogamos 21 até eu encher bastante o saco do Tony e pedir pela milésima vez para que me ensinasse a jogar truco. Meu dilema. Pensei a olhá-los conversando descontraídos como se estivéssemos na sala de casa e não em um leito de hospital. Se o tempo pudesse retroceder, eu faria tudo diferente.



Passaram-se precisamente quarenta e oito dias desde aquele trágico acidente. Graças a Deus, Tony vinha se recuperando bem, após quase dezoito dias de internação ele recebeu alta e voltou ao seu apartamento. Embora Mário e Leda tenham insistido para que ele fosse morar com eles, Tony usou o argumento de voltar à antiga rotina e incluir uma nova dentro da normalidade em que ele estava acostumado e nada melhor do que o seu lar, afinal ele precisaria se adaptar a essa nova vida e suas limitações. Eu o visitava diariamente após o trabalho. Meu irmão estava começando a baixar a guarda. Era nítido o quanto eu vinha me dedicando ao Tony e dando a ele o meu apoio incondicional.

Os pais do Tony praticamente se mudaram para o apartamento dele; às vezes, eu, Roger, André ou até mesmo a Sarah dormíamos com ele, para que Mário e Leda pudessem descansar um pouco. Estávamos revezando. Sarah conversava muito com ele, ajudando nas sessões de fisioterapia e disposta a colaborar quando ele estivesse preparado para a adaptação do uso de uma prótese.

Devido à correria e com a atenção voltada ao Tony, quase não sobrava tempo para namorar o Roger e nossa muralha intransponível estava cada vez mais alta. Disposta a derrubar de vez, eu o convidei para almoçar e decidimos ter uma noite só nossa, fazer um programa bem caseiro, comprar algumas pizzas, abrir uma garrafa de vinho e assistir uma série na Netflix agarradinhos. Há tempos não colocávamos nossa relação em primeiro plano e decididamente era o que precisávamos para nos conectar novamente.

Tudo certo, até Leda me ligar à tarde perguntando se eu poderia dormir no apartamento com o Tony, pois Mário estava resfriado, com febre e ela tinha receio de que o filho fosse contaminado, sem contar que precisava cuidar dele, pois Mário não estava nada bem. Não pensei muito, apenas disse que sim e quando ela desligou, eu me dei conta do que havia combinado com o Roger.

Que maravilha, meus planos em ficar com o Roger naufragaram. Ele ia ficar chateado, disso tinha certeza. Minha resposta não poderia ter sido outra, a Leda precisava de mim e conseqüentemente o Tony mais ainda. Ai, Deus! Não via a hora de tudo isso passar.

Sem mais delongas resolvi avisá-lo. Bati e entrei na sala dele.

— Oi, chefinho. Ocupado? — Fui até ele e o beijei com vontade.

— Nunca estou ocupado para você. — Puxou-me para o colo dele. — Já escolheu a série? — Apertou descaradamente o meu seio e arfei diante daquele toque tão excitante.

Percebi que ele estava bem animado com a possibilidade de ficarmos juntos. A intimidade que achei ter perdido permanecia. Fiquei feliz e ao mesmo tempo com o coração partido por não cumprir com o que eu havia prometido.

— Amor, mudanças de planos. — Suspirei profundamente. — O Mário não está bem, ele está resfriado e a Leda perguntou se eu poderia fazer companhia ao Tony essa noite. Mas, assim que der, vou direto para o seu apartamento, prometo. — Eu o beijei e ele não retribuiu, pelo contrário franziu o cenho. — Não fica assim, vai. Eu prometo compensar depois. O Mário está resfriado e ela precisa cuidar dele.

— Então, eu vou.

— Amorzinho, ela me ligou, eu já disse que iria, fica chato. Apenas uma noite. — Segurei o rosto dele.

— Chloe, o Tony é meu irmão. Gosto do cara pra caramba, mas eu estou com saudades de você, de ficarmos a sós, estou com saudades de nós. — Ele me encarou e pude ler em seus olhos o quanto havia ficado desapontado. — Estava contando com essa noite, com um final de semana só nosso. Estamos nos afastando cada vez mais.

— Não fica assim. Eu sei. Você está coberto de razão e o que eu mais quero é voltar a ser como erámos antes, voltar a ter o que tínhamos. — Beijei o vinco da testa dele. — Ele está precisando de mim.

— Não quero parecer egoísta, eu também preciso de você. Estou carente, porra. — Ele se contorceu na cadeira e saí do colo dele.

— Ei. — Aproximei-me. — Eu amo você, sei que não estou sendo a namorada perfeita, estou em dívida com a nossa relação, logo tudo isso irá passar.

— Chloe, acredita mesmo nisso? Devemos apoiá-lo com toda certeza, somos mais que um grupo de amigos, somos uma grande família, mas o problema não é esse. A questão é que eu sinto a sua falta, será que é pedir muito ter a minha namorada só pra mim por um final de semana? Estou farto de omitir dele e dos pais dele a verdade sobre nós.

— Não... não é. — O olhei com o coração nas mãos, meu grande homem carente precisando de amor. — Dou a minha palavra de que irei compensar, ficaremos quantos finais de semana você quiser entocados dentro do seu apartamento, comendo besteiras, assistindo TV e nos amando loucamente.

Tomei a boca dele em um beijo violento para demonstrar o quanto pertencíamos um ao outro. Com o coração apertado o deixei, voltamos a nos encontrar na saída e mais uma vez prometi que em breve eu seria só dele.

Passei em casa apenas para tomar um banho e pegar algumas coisas e com a mesma pressa que entrei, saí. Leda precisava ir cuidar do esposo e eu havia dado a minha palavra que ficaria com o Tony. Quando cheguei ao apartamento, ela estava rindo com o filho de um vídeo que mostrava a reação dos cães diante o sumiço dos donos atrás de um lençol.

— Que farra boa, hein. — Cumprimentei os dois.

— Esse vídeo, Chloe. Tadinho dos cachorrinhos. — Ela mostrou o vídeo.

— Ah! Eu vi. É hilário. Cheguei a comentar com o Roger, que dias desses eu faria com o Fog. — Sem graça, disfarcei.

Eu disse Roger? Não acredito. O problema não é dizer Roger e sim o meu jeito empolgado em dizer o nome dele.

— Pode apostar que ele irá pirar quando se der conta de que você sumiu — afirmou Tony. — Aquele cachorro te escolheu. Você é a mãe dele.

— Tem razão. Pobre, André. — Rimos.

— Bom, meus amores. Já que a Chloe chegou, eu vou cuidar do meu doentinho. Seu pai com resfriado fica tão manhoso. Durmam bem e fiquem com Deus. — Ela nos beijou e se foi.

— E aí? Vamos fazer o quê? — Coloquei minha bolsa sobre a mesa de centro. — Trouxe o baralho, está disposto a me ensinar a jogar truco? — zombei.

— Tento ensiná-la há uns dez anos e se não aprendeu até agora, não aprende mais. — Riu.

— Maldoso. — Fiz um beicinho. — Como está se sentindo? — Arrumei as cobertas em volta dele.

— Cansado de ficar parado sem fazer nada.

— Eu sei. — Apertei a mão dele. — Logo estará de volta à ativa, quando menos esperar você estará fazendo tudo novamente. Sem se dar conta.

— Assim espero. A Sarah está conseguindo proezas com suas sessões de fisioterapia, ela é bem exigente e estou entusiasmado com a prótese.

— A Sarah é maravilhosa no que faz, ela faz com amor. E aí? Baralho?

— Pega o baralho, vai. Vou fazer a caridade de tentar pela milésima vez te ensinar.

— Uhulll! — Peguei o baralho, tirei o tênis e sentei ao lado dele.

— Posso dividir a coberta se quiser? Sei que por enquanto não sou o namorado ideal, praticamente sou meio, mas muito em breve, voltarei à ativa, como você acabou de dizer. Só peço que tenha paciência. — Tony inclinou-se e me beijou.

Beijá-lo era como se eu estivesse traindo o Roger, o Tony e a mim mesma.

Nesse tempo todo não tinha rolado nenhum beijo acalorado, mesmo porque ele estava envergonhado, se sentindo menos homem por conta da amputação. Às vezes, ele tinha crises de choro e quando eu as presenciava era de partir o coração. Nessas horas, uníamos forças. Roger e André o colocavam para cima, Bel contava suas piadas sem graça e Sarah sendo uma peça importantíssima nesse quebra-cabeças, ela o incentivava com vídeos e testemunhos de pessoas que passaram pelo mesmo dilema que ele. Ela prometeu ao Tony que o levaria ao centro de reabilitação em que trabalhava, para provar a ele como a vida de um amputado poderia ser tão normal quanto de qualquer outro. Sarah sempre foi uma amiga maravilhosa e mais uma vez estava provando isso.

Ele tentou, por mais de uma hora, me ensinar as regras do truco, até que eu desisti de tentar.

— Está com sono? — perguntei.

— Eu não. E você?

— Que tal um filminho? — Ao dizer filminho, eu me lembrei do Roger e meu coração apertou.

— Passa o controle aqui, vamos ver o que está passando. — Entreguei o controle e ele começou a fazer um tour pelos canais em busca de um filme.

Enquanto ele procurava, eu suspirei fundo.

— Que carinha é essa? — Tony acariciou o meu rosto.

— Nada não. — Puxei o edredom sobre nós, a noite estava de congelar os ossos.

— Chloe Vitória, o que foi?

Eu ri, só ele me chamava assim.

— Não é nada, mesmo. — Forcei um enorme sorriso. — E aí? Escolheu ou não um filme?

— Terror.

— Nem que me pague, Tony. Você sabe perfeitamente que eu tenho pânico desses filmes.

— Continua sendo a mesma Chloe medrosa de sempre.

— Certas coisas não mudam nunca. — Empurrei o ombro dele com o meu.

— Tudo bem, você venceu. Vamos assistir... *Um porto seguro*. — Ele fez uma cara engraçada.

— Ufa! Agora sim. — Endireitei-me e começamos a assistir ao filme.

Tony dormiu na metade; tadinho, tomava tantos medicamentos que era compreensível. Verifiquei se estava tudo bem com ele e, no instante que terminava de assistir ao filme, pensei no Roger e em tudo que ele havia dito. Desanuviei voltando minha atenção para o meu amigo, levantei, arrumei a cama e voltei para ajudá-lo.

— Ei, dorminhoco! Sua cama é bem mais confortável. — Acariciei os cabelos dele, Tony despertou sonolento e um pouco assustado.

— Estava sonhando um sonho confuso. — Empurrou o edredom.

— Às vezes, sonhamos cada besteira. — O ajudei, ele levantou-se e apoiou-se em mim. — Preparado?

— A Sarah nunca pergunta se estou preparado, ela me puxa e pronto. — Ele riu.

— A Sareta sabe bem o que faz.

— Ela é ótima.

— Muito. Vamos lá?

Ele piscou e bem devagar seguimos para o quarto, Tony usou o banheiro, escovou os dentes e colocou o pijama, eu fiz o mesmo e deitamos. Outra situação embaraçosa: dormir ao lado dele. Independente de fazermos sexo ou não, o simples fato de dormir ao lado dele me causava um imenso desconforto. Eu rezava todos os dias para que ele se fortalecesse o suficiente, para que eu pudesse contar pela segunda vez sobre o Roger e eu.

— Tudo bem? Está admirando o teto? — perguntei ao vê-lo perdido em pensamentos.

— Que sonho estranho. No meu sonho, o Roger e você estavam namorando, uma confusão; quando soube senti um aperto no peito. Parecia real.

Ele contou e empalideci. Sem conseguir dizer nada, apenas apertei a mão dele. Nada de bom sairia da minha boca, caso eu resolvesse abri-la.

— Uma loucura. Chega mais perto, Chloe. Adoro sentir o seu perfume. — Rolei próximo a ele e o abracei com cuidado. — Assim está bem melhor. — Ele beijou minha cabeça e voltou a dormir.

Juro que se eu não amasse tanto o Roger, eu me casaria com o Tony e cuidaria dele pelo resto da minha vida.

Já estava claro quando acordei e ao olhar para o lado, eu me assustei e levantei apressada.

— Tony? — gritei e olhei no banheiro, ele não estava.

Corri até a sala e o encontrei com o olhar distante e perdido.

— Tony! Pelo amor de Deus, que susto! Está sentindo alguma coisa? Por que não me acordou? — Sentei ao lado dele. — Está tudo bem? — Chequei a temperatura.

— Eu... eu estou começando a me lembrar. Primeiro foram os sonhos. — Ele passou a mão pelos cabelos. — Acordei no meio da noite, assustado por outro sonho confuso e flashes começaram a pipocar na minha mente.

Engoli em seco. Por sorte, eu estava sentada; caso contrário, desabaria no chão. Senti uma ligeira tontura, respirei fundo e forcei-me a encará-lo.

— Está tudo misturado. — Mais uma vez, ele passou a mão pelos cabelos. — Chloe? Nós terminamos naquele dia? Me fala? As peças não estão se encaixando.

Compadecida pela dor dele, resolvi ser sincera e mesmo que me doesse mais uma vez, Tony merecia saber toda verdade.

— Nós nem chegamos a almoçar naquele dia. — Soltei um longo suspiro. — Eu não sei o quanto você se lembra.

— Fragmentos, Chloe. O que eu tenho quase certeza é de que nós terminamos.

Baixei a cabeça e ele ergueu o meu queixo.

— Chloe?

— Sim, na verdade eu terminei. — O encarei por alguns segundos. — Eu estava namorando o Roger, antes de começar a namorar você. Nós brigamos. — Reprimi uma lágrima. — Aliás, isso era constante. Nos meses que ficamos juntos, eu me afastei dele quando descobri que ele e a Dafne tinham mais que uma simples amizade. O André, ele, a Kelly e a Dafne faziam troca de casais. Por isso, o André não aceitava o meu envolvimento com seu amigo. — Parei por alguns minutos e puxei o ar com dificuldade, estava sendo mais difícil do que da primeira vez. — Na verdade, eles faziam isso desde que se conheceram e, pelo que entendi, as mulheres com quem se envolviam também eram adeptas. Bom, ao descobrir briguei com o Roger e nos afastamos, mas fizemos as pazes na véspera do aniversário da Bel. E ele acabou aparecendo com aquela moça; quando os vi, eu sofri um baque e não entendi nada. Cansada e decepcionada dei uma chance a você. — Soltei o peso dos ombros e arrumei-me no sofá. — Todos nós ficamos preocupados com ele, com o sumiço repentino dele; na verdade, o Roger se arrependeu. Ele achou que levando a Raquel na festa da Bel estaria tudo terminado definitivamente entre nós e cada um seguiria com a sua vida, porque não se achava bom o bastante pra mim. De tanto ouvir o André dizer, acabou acreditando. — Ri amargamente. — Quando ele me procurou, estava sofrendo tanto quanto eu e fizemos as pazes mais uma vez. Por isso eu terminei a nossa relação, Tony. Não teria como levar adiante um relacionamento amando

outra pessoa. — Desta vez não consegui engolir o choro. — Você saiu do restaurante e horas depois nos avisaram do seu acidente. A culpa é minha. Eu sei que nada que eu disser vai mudar alguma coisa. — Limpei as lágrimas com o dorso das mãos. — Só quero que me perdoe, lamento muito por tudo. Se estivesse ao meu alcance, eu faria diferente, eu gosto tanto de você e vê-lo... — comecei a soluçar e ele acarinhou o meu queixo.

— Chloe! — Ele puxou a minha mão e semicerrou os olhos, como quem quisesse se lembrar de algo. — Chloe? — disse brandamente. — Após o nosso encontro fui para casa, e mais tarde saí para ir ao supermercado, foi quando tudo aconteceu. Independente da nossa conversa ou não naquele dia, eu iria ao mercado de qualquer forma. Você não deve carregar essa culpa. Foi uma fatalidade, tinha que acontecer. Não estou com raiva de você. A culpa não foi sua.

— Indiretamente sim, eu tive a minha parcela de culpa, eu não tinha o direito de envolvê-lo nos meus problemas com o Roger, não foi justo e a consequência da minha imbecilidade está me corroendo. — A essa altura, tudo minava água: meus olhos, nariz.

— Não podemos desviar do nosso destino, Chloe, eu tinha que passar por isso, e só Deus sabe o porquê. Não sou o primeiro e nem serei o último. Se disser que não me revolto às vezes estaria mentindo, mas como a Sarah mesmo disse estou vivo, eu tive uma segunda chance; já o garoto que causou o acidente não teve a mesma sorte, infelizmente. Digo isso, porque estou tendo tempo o suficiente para examinar o meu próprio íntimo. Lamento por nós, você é e sempre será especial para mim.

— Ah, Tony! Você também é especial para mim. — Sem conseguir me conter com tamanha bondade, comecei a chorar novamente. — Posso abraçar você? — perguntei por não saber de fato se ele gostaria de ser abraçado por mim depois de tudo.

Ele não disse nada, apenas ajeitou-se dando a sua permissão. Lentamente o envolvi em um abraço discreto e beijei seu rosto.

— Você é o ser humano mais generoso que eu conheço. — Contendo as lágrimas para não encharcá-lo, permaneci agarrada a ele por alguns minutos. — Obrigada. — Sentir o abraço dele foi o mesmo que ser absolvida. — Tony? —

Fixei meu olhar no dele. — Posso continuar vindo visitar você todos os dias?

— Pode, Chloe. Claro que sim.

Delicadamente envolvi o rosto dele em minhas mãos.

— Estarei ao seu lado para o que der e vier, eu prometo.

Ele meneou a cabeça confirmando.

— Tony... Seus pais... Os dois têm plena convicção de que estamos juntos.

— Eu converso com eles.

— Que vergonha. — Antes eu não tivesse voltado. Desde que cheguei, a minha vida virou de cabeça para baixo. Consciente ou não dos meus atos, causei dor e sofrimento as pessoas que amo.

— Besteira, Chloe! Como eu disse, o que tem que ser será.

— Obrigada. Se fosse comigo, talvez estaria escorraçando você. Não sei se seria tão generosa, como você está sendo.

— Seria sim, seu coração é enorme, sempre foi e continua sendo.

Deitei a cabeça no ombro dele.

— Não quero parecer indiscreto, mas como vai a sua relação com o Roger?

— Vai indo. Não se preocupe. — Forcei um sorriso.

Jamais o colocaria a par da minha situação amorosa. Seria cruel demais.

— Coisa chata — ele disse esfregando a têmpora.

— O que foi? Não se sente bem?

— Estou com um pouco de dor de cabeça, só isso.

— Vou pegar um analgésico. Tenho na bolsa.

— Na verdade, o que eu costumo tomar acabou. Se puder sair para comprar, eu agradeço.

— Vou, agora.

— Primeiro, se não se importa gostaria de uma ajuda para chegar até o boxe, não dormi muito bem e estou louco por um banho.

— Ajudo, claro. Vamos? — Ajudei-o a levantar e seguimos para o banheiro.

Tony estava se virando bem, eu apenas segurei a cadeira de banho para que ele pudesse se sentar e retirei as ataduras da perna amputada. Ele não se despiu totalmente, permaneceu com a cueca até que eu saísse. Enquanto tomava banho, dei um jeito no meu rosto inchado devido a mais uma crise de choro. Assim que terminou, ele me chamou.

— Ajudo você. — Eu o amparei até o quarto e dei privacidade para que ele pudesse se trocar.

Das outras vezes, ele ficava nu sem nenhum problema, desta vez, após a nossa conversa, ele foi o cavalheiro de sempre.

— Posso fazer o curativo? Não sou enfermeira, mas até que eu me viro.

— Você é tão boa nos curativos quanto a Sarah.

— Pelo menos não desmaio, como a Bel. — Sorri e peguei tudo que era necessário.

O problema não era o ferimento, a cicatrização, e sim a dor ao vê-lo amputado.

— Prontinho. Está bom?

— Ficou ótimo.

— Ótima está sendo a sua recuperação. Graças a Deus! O que me diz de um belo café da manhã?

— Aceito, estou faminto.

— Depois dou um pulinho na farmácia e compro o seu analgésico.

Ele apoiou um braço em mim e o outro na muleta. Preparei um jejum com tudo que ele gostava e saboreamos sentados no sofá da sala assistindo TV.

— Qual é o nome do medicamento?

— Naramig 2,5 mg.

— Esse eu não conheço.

— O único capaz de aliviar as minhas dores de cabeça. Eu o tomo há algum tempo. Eficaz, pelo menos no meu caso.

— Vou anotar o nome, você se lembrou de mais alguma coisa?

— Às vezes, os pensamentos ficam nebulosos, como peças em um quebra-cabeça. Vou ligar para o médico mais tarde.

— Uma ótima ideia. Vou lá, tá! Vou num pé e volto noutro. Se precisar de mais alguma coisa, me liga. — Beije o rosto dele.

— Sem pressa, não estou tão ruim assim. — Sorriu.

Mesmo ele dizendo o contrário saí apressada, não gostaria de deixá-lo muito tempo sozinho, ainda mais com as memórias voltando. No caminho pensei no Roger e, mais uma vez, eu não seria capaz de cumprir a minha promessa, decidi fazer companhia para o Tony o restante do dia, e isso com certeza seria um agravante para a nossa relação desgastada.

Demorei mais do que eu gostaria, havia uma fila considerável na farmácia e apenas dois atendentes. Na volta praticamente voei com o carro.



— Demorei? — Afoita, entrei de supetão na sala.

— Não, foi até rápido. Pelo visto nem esperou o elevador, está ofegante.

— Estava demorando, subi de escada. Fiz um exercício e tanto. — Sentei no sofá e me abanei. — Ah! A água. — Corri até a cozinha e trouxe um copo com água e o entreguei a ele junto com um comprimido.

— Relaxa, Chloe. Senão quem vai passar mal daqui a pouco é você. Minha cabeça dói, porém é natural diante do turbilhão de informações que ela vem processando desde ontem à noite.

— Fico preocupada. E já pensou? Era só o que me faltava eu cair de cama. — Fiz uma careta.

— Vai tomar uma ducha, demore o tempo que quiser.

— Acho que tem razão. Não sai daí, tá?

— Só vou dar um rolê pela vizinhança.

Achei graça e sorri para ele. Eu não o amava tanto quanto amava o Roger, mas ele era extremamente especial.

Relaxe embaixo do chuveiro, deixei a porta aberta, caso ouvisse algum barulho diferente sairia correndo. Nunca se sabe. Sequei os cabelos com a toalha, pois estava frio e o Tony não tinha secador de cabelos e, para melhorar meu rosto abatido, passei uma maquiagem, demorei pouco mais de quarenta minutos.

— Demorei desta vez? — Entrei na sala e fui surpreendida.

— Não, foi bem rápida novamente. — Ele piscou ao ver o meu semblante.

— Oi. — Para minha surpresa, Roger fazia companhia a ele.

— Oi. — Roger sorriu e fiquei parada, catatônica, sem entender.

— Já tomou café da manhã? — perguntei formalmente para o Roger.

— Tomei sim, antes de sair de casa.

Eu sorri, sentei na poltrona, ressabiada, sem saber o que fazer ou dizer.

— Vocês dois. — Tony nos apontou. — O que está pegando?

— Nada — respondi primeiro sem graça.

— Não há nada de errado — Roger emendou.

— Eu perdi parte de um membro inferior, não a minha percepção. Não preciso dizer o quanto os dois são importantes para mim, preciso?

Meneei a cabeça.

— Os dois são. Roger, você é meu brother, cara. E você, Chloe Vitória, a irmãzinha pentelha que nunca tive. Eu sei que pode ser uma sinuca de bico o que vou dizer, mas quero que ambos saibam que não existe nenhum resquício de mágoa da minha parte. — Ele olhou diretamente para mim. — Nós passamos um tempo juntos, Chloe, e foi muito bom, não nego e sei perfeitamente que os dois se gostam. Essas caras de vocês quando se olharam, mais evidente impossível; e se brigaram, por qualquer que seja o motivo, façam as pazes. A vida foi feita para ser vivida plenamente, aprendi nesse período pós-acidente que se não rirmos da vida ou com ela, ela ri de nós. Portanto, meus amigos, eu mais do que nunca preciso de vocês e preciso dos dois juntos... fortalecidos, porque separados vocês não valem meio. — Ele riu.

— Virou filósofo? — Comovida com as palavras e com a atitude dele, fiz um esforço imensurável para sufocar o choro pronto para explodir.

Roger esticou a mão e eu a segurei. Fui de encontro a ele e, carinhosamente, ele beijou a minha cabeça.

— Bem melhor assim — Tony brincou. — Conto com os dois, porque eu sei que não será uma trajetória fácil, e preciso de todos vocês nessa comigo, só assim darei a volta por cima.

— Estaremos sempre com você, cara. — Roger o abraçou.

— Mesmo porque eu não pretendo deixá-lo. — Beije o rosto dele.

— Chloe Vitória, você precisa se alimentar, está bem pior do que eu.

— É isso aí, ou qualquer dia desses você volta para a Itália voando —

Roger disse em tom de brincadeira.

— Eu não estou entendendo nada. Podem me explicar, por favor?

— Enquanto você preparava o nosso café da manhã, eu enviei uma mensagem para o Roger e, no momento que você saiu, liguei para ele e contei sobre o teor da nossa conversa.

— Sobre a sua memória também?

— Tudo, Chloe. Contei tudo a ele, cada vírgula. Vocês parecem dois farrapos humanos, chega disso. Acho que todos já sofremos o bastante.

Continuei a olhar para eles, incrédula. Achei que esse momento seria adiado.

— Ok. Estou processando a informação. Fui pega de surpresa.

Conversávamos quando o interfone tocou e eu o atendi.

— É a Sarah, ela está subindo — disse ao colocá-lo no gancho, enquanto Roger seguia para a porta.

— Bom dia, amigos! — Sarah nos cumprimentou esfuziante com uma malinha em mãos, assim que Roger abriu a porta e ela entrou.

— Estou sendo substituída, é isso? — brinquei.

— Falei para o Roger vir te buscar e depois liguei para a Sarah vir me fazer companhia.

— Ah! — Levei as mãos na cintura. — Bonito, armou debaixo do meu nariz.

— Não reclama, amiga. Tenho certeza de que o Roger não se incomodou nem um pouquinho em vir até aqui buscar você.

— Se incomodou? — perguntei, rindo.

— Eu? — Ele entrou na brincadeira. — Nem um pouco.

— Acho bom. Mas e o almoço?

— Mais tarde teremos a noite da pizza, caso queiram voltar — Tony nos convidou.

— Eu sei cozinhar, Chloe. — Sarah colocou a mão no peito fazendo-se de ofendida.

— Sabe, claro que sabe. — Sorri para ela, definitivamente eu ainda estava perdida com tanta informação.

— A Bel também disse que virá mais tarde — Sarah informou.

— Voltamos mais tarde, então. Preparem o estoque de pizzas — Roger disse.

— Vamos voltar? — perguntei para ele.

— Roger, acho melhor você levar a minha amiga daqui. Ela não parece nada bem — Sarah disse, rindo.

Roger e eu nos despedimos e fomos embora. Mesmo porque Tony, em companhia da Sarah, estava em ótimas mãos.



— O Tony realmente não existe — comentei ao cruzar a porta do quarto do Roger.

— Ele é o cara! Ao invés de nós o apoiarmos é ele quem nos apoia. Tony nos deu uma grande lição de vida. Sou muito grato por tudo o que ele me disse e fez hoje.

— Sem que eu percebesse, ele confabulou. — Suspirei desta vez aliviada.

Tony só não tirou uma montanha das minhas costas como fez com que minha admiração por ele aumentasse. Sem dúvida, um exemplo a ser seguido. Ele me perdoou não da boca para fora, mas com o coração; e isso é bem raro hoje em dia.

— Quer tomar uma ducha? — Roger perguntou massageando meus ombros.

— Quando você chegou ao apartamento dele, eu estava saindo do banho.

Não me importo em tomar outro se você me fizer companhia e continuar com essa delícia em meus ombros.

— Convite aceito — ele balbuciou, afastou meus cabelos e beijou meu pescoço.

Sem um pingo de inibição, nos despimos e nus seguimos para o banheiro.

O agarrei antes mesmo de abrir o registro do chuveiro.

— Você não queria massagem? — Ele abriu e a água morna nos envolveu.

— Depois, agora quero outra coisa. — Meus olhos refletiram nos dele exatamente o que eu queria.

Roger contornou meu rosto e desceu traçando uma linha imaginária, passando pelo meu pescoço, clavícula, seio; no meu seio, ele demorou um pouco mais, contornou-o nos mínimos detalhes. Não satisfeito, com a ponta da língua começou a estimulá-lo, nem precisou de muito estímulo, eles ficaram duros e rígidos apenas com o olhar guloso dele.

— Adoro isso — sibilei e passei a mão nos cabelos dele encharcados.

— Quietinha — ele disse pausadamente iniciando chupadas alucinantes.

Com ele eu não precisava de muito para estar completamente pronta, Roger sabia exatamente o que eu gostava e aonde gostava, intercalando entre um seio e outro. Nada satisfeito, empurrou-me com delicadeza.

Encostei minhas costas no revestimento, ele olhou-me com seu semblante sério e sedutor, abaixou-se e continuou traçando a linha imaginária, desta vez contornou meu umbigo; e como era gostoso, arfei com a promessa do que estava por vir. Ele beijou o meu sexo e levei sua cabeça mais próxima do meu quadril, porque queria sua língua perversa, ansiava por ela.

Roger percebeu minha empolgação, afastou as minhas pernas e deu-me o que eu precisava, intercalando entre lambidas e chupadas, deixando-me apática; se não bastasse o tratamento em minha carne, ele estendeu a atenção para os meus mamilos, circulando-os com uma das mãos. Era muito, eu me contorcia e gemia alto de puro prazer, e os meus gemidos soavam como uma bela canção em

seus ouvidos, pois Roger intensificava as chupadas toda vez que os ouvia. Sem um resquício de força, agarrei os cabelos dele, grunhi como uma leoa indomada e gozei na boca dele, meus espasmos foram interrompidos por seu membro rígido cutucando a minha pelve.

— O que você quer? — ele perguntou pressionando-me com sua ereção.

— Você — murmurei ainda em êxtase.

Roger segurou minha perna direita a uma altura considerável, posicionou-se de baixo para cima e me penetrou com veemência. Perdi o controle total do meu corpo, era uma posição que eu nunca havia experimentado. *Ah! Abençoadas aulas de Pilates.* Ele afundava-se em mim engolindo-me com os olhos, libertei minha fera cravando as unhas em sua pele e urrando ensandecida de excitação. Roger socou violentamente e submergiu-me com seu líquido quente e gostoso, no mesmo instante em que eu atingia o meu segundo orgasmo do dia.

Na cumplicidade do olhar, nos encaramos arfantes, satisfeitos e loucamente apaixonados.

— Eu te amo — sibilei.

— Também amo você — repetiu, beijando-me com ternura.

Terminamos o nosso banho, pedimos comida vegetariana e passamos o restante do dia juntinhos deitados no sofá da sala assistindo TV, como desejávamos.



Dois anos depois...

— Filha! Vamos nos atrasar. — Minha mãe entrou e arregalou os olhos literalmente ao me ver. — Está deslumbrante, Chloe.

— Estou mesmo? Achei essa cor meio apagada.

— Está linda e seu noivo vai ficar de queixo caído, assim que colocar os olhos em você. Pode ter certeza.

— Se a senhora diz, eu acredito. — Caminhei até ela e a beijei. — Bora lá, para o cartório, não podemos nos atrasar.

Descemos apressadas e com o Fog todo faceiro atrás.

— Até que enfim, madames. — Papai nos olhou e pelo semblante gostou do resultado.

— Ela não está linda? — inquiriu minha mãe coruja.

— Maravilhosa, aliás, as duas.

— Treinou o papai direitinho, hein, mãe? — Apertei o ombro dele e saí em direção à porta. — Preciso aprender seus truques, para aplicá-los no Roger.

— Ah! Saberá usá-los na hora certa, pode apostar — ela disse e sorriu para o meu pai.

Seguimos para o cartório no carro dele. André já tinha saído, ele iria buscar a Bel. Meu irmão e eu nos reconciliamos, graças ao sermão dado pelo Tony. Santo Tony, como dizíamos. André terminou o namoro com a Dafne há mais de um ano e desde então, ele e a Bel vivem nesse chove e não molha.

— Meu bem, você me irrita com essa mania de ficar escolhendo uma vaga. Pelo amor de Deus, escolhe logo!

— Papai é seletivo, inclusive com vagas no estacionamento.

— Chorem menos, garotas, estou procurando uma vaga na sombra.

Ele estacionou e nós descemos, na porta do cartório já estavam a Bel, o André, Roger, Tony e os pais dele, que mesmo após tanto tempo ainda me olhavam enviesados. Compreensível, tenho certeza de que serei uma mãe extremamente protetora, por isso não os culpava. Cumprimentei todos e caminhei em direção ao Roger.

— Oi, bonitão. Está sozinho? — brinquei com ele ao vê-lo vestido em um magnífico terno preto feito sob medida.

— Lamento, moça bonita. Sou comprometido. — Ele mostrou a aliança de ouro na mão direita. — Sou noivo e ela é extremamente ciumenta. — Roger segurou meu queixo e beijou-me com vontade.

— Olha o escândalo — Bel brincou.

— Irmãzinha, como sempre você esquece uma parte do seu vestido em casa.

— Não amola, André. — Mostrei a língua para ele e me dirigi ao meu noivo. — O que você achou, amor?

— Estou impactado. Estonteante e toda minha — Roger disse e serpenteou a minha cintura.

— Viu? Ele aprovou, é o que importa, irmãozinho.

— E a Sarah? Aonde essa mulher se meteu? — Tony perguntou.

— Serve aquela ali? — Apontei para o carro que passava por nós com a Sarah acenando.

— É, agora bateu o nervosismo — Tony disse, afrouxando a gravata.

— Ainda dá tempo. Corre, irmão — André, brincou.

— Não mesmo. — Arrumei a gravata dele e o encarei. — Você está um gato e a Sareta é uma mulher de sorte, vocês serão muito felizes!

— Quem diria, estou prestes a me casar com a carrasca da minha fisioterapeuta.

Todos nós rimos.

Sarah e Tony foram se aproximando aos poucos, ela sempre solícita em ajudá-lo na recuperação. Foi a alavanca da engrenagem; com seu jeito doce e mandão, não deu moleza e não só ganhou um paciente aplicado assim como o coração dele. Ela o levou para conhecer um grupo de atletas com o mesmo tipo de deficiência, que levavam uma vida normal praticavam várias modalidades esportivas e esse foi o divisor de águas na vida do Tony, ele passou a fazer o uso da prótese e ingressou nesse grupo. Agora, ele era o esportista da turma, o único que se exercitava regularmente. O amor aconteceu e hoje era o dia mais importante da vida deles.

Tony fez o pedido no dia do aniversário da Sarah e foi comovente. Nunca mais me esqueci das palavras proferidas por ele.

“Agora eu consigo entender por que passei por tamanha provação. Foi necessário passar pelo acidente para enxergar na Sarah o grande amor da

minha vida.”

Não só a Sarah chorou, como a Bel e eu também.

— Olá, amigos — ela disse com um sorriso deslumbrante.

— Está linda, amor. — Tony tomou a boca dela e só a largou quando os pais dela se aproximaram.

— Vamos lá, meu paciente preferido. Nossa vez. — Sarah beijou os nós dos dedos do futuro esposo e entraram com a comitiva logo atrás.

A cerimônia foi singela, mas perfeita. Roger e eu fomos os padrinhos da Sarah e a Bel com o André foram os do Tony. Os dois estavam radiantes e a cumplicidade no olhar era notória. Meu amigo do peito se casando com uma das minhas melhores amigas, o que eu poderia querer mais?

Eu estava noiva do homem que havia escolhido para trilhar a vida comigo e, após tantas provas em nome do nosso amor, enfim estávamos levando uma vida normal. Namorando, noivando, se amando loucamente como gostávamos de fazer, sem local e nem hora, apenas amando.

Após os cumprimentos seguimos para a casa dos pais do Tony, eles ofereceram um almoço para selar essa data tão especial.



— E você, já se decidiu quando será o nosso grande dia? — Roger perguntou enquanto caminhávamos pelo jardim da casa. — Amor, eu acabei de completar quarenta anos, se demorarmos muito para casar, quando você engravidar, parecerei mais com o avô do nosso bebê do que com o pai.

— Você? — Parei e virei-me de frente para ele. — Menos, Roger. Nem cabelos brancos você tem. Está lindo, amor. Tão lindo quanto o primeiro dia em que o vi. Naquele dia minha vida mudou de rumo. — Mordisquei os lábios dele. — Eu te amo... e pode marcar a data — sussurrei.

Roger me ergueu e tomou minha boca como costumava fazer quando

estávamos prestes a nos entregar de corpo, alma e coração.

— Maluquinha, você é tudo o que eu sempre precisei. Se eu soubesse que era você, teria viajado com o André quando ele me convidou.

— Teria causado um estrago. — Ri. — Com certeza, eu teria voltado antes. Meus pais comentaram uma vez de um amigo do meu irmão que trabalhava na empresa, não deram nome e nem muitos detalhes; e eu não me interessei pelo assunto. Mas não fazia ideia do quanto esse amigo era perfeito pra mim, até conhecê-lo.

— Sou perfeito pra você?

— *Perfetto.*

— *Ti amo... amore mio* — ele sibilou e eu me contorci excitada.

— *Ti voglio bene, amore mio.*

As palavras italianas pronunciadas por ele tinham um efeito afrodisíaco sobre mim. Eu o envolvi com as minhas pernas e apossei-me de sua boca opulenta que eu amava tanto beijá-la.



Bernadete Estanini vive em São Paulo com o marido, dois filhos e uma poodle de nome Mel. Apaixonada pela leitura e escrita, desde menina, sempre participou de vários concursos de redação, os quais eram limitados a poucas linhas, o que era um problema para a sua mente extremamente fértil, mas ainda assim ela os vencida em sua grande maioria. E essa paixão adormecida reacendeu dando vida a empolgantes histórias de amor.

Autora dos romances:

Meu Par Ideal (Vol. 1 - Série Amores Possíveis, Casais Ideais)
Meu Homem Ideal (Vol. 2 - Série Amores Possíveis, Casais Ideais)
Meu Playboy Ideal (Vol. 3 - Série Amores Possíveis, Casais Ideais)
Uma Segunda Chance (Conto)
Voltando para casa (Conto)

REDES SOCIAIS

[www.facebook.com/autorabernadeteestanini/
@bernadeteestanini/](http://www.facebook.com/autorabernadeteestanini/@bernadeteestanini/)



amazon kindleunlimited

Table of Contents

<u>Folha de Rosto</u>
<u>Créditos</u>
<u>Agradecimentos</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Epílogo</u>
<u>Biografia</u>
<u>Obras</u>